

RETIRO QUARESMA – 2017
MEDITAÇÕES ACERCA DO LIVRO DO ÊXODO



POR DOM HENRIQUE SOARES DA COSTA – BISPO DA DIOCESE DE PALMARES

Sumário

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 4 |
| Meditação I | 4 |
| Meditação II | 6 |
| Meditação III | 9 |
| Meditação IV | 12 |
| Meditação para o I Domingo da Quaresma - ANO A | 16 |
| Meditação V | 18 |
| Meditação VI | 21 |
| Meditação VII | 24 |
| Meditação VIII | 26 |
| Meditação IX | 30 |
| Meditação X | 32 |
| Meditação da Palavra de Deus para o II Domingo da Quaresma | 36 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 36 |
| II Domingo da Quaresma – Ano A | 36 |
| Meditação XI | 37 |
| Meditação XII | 42 |
| Meditação XIII | 44 |
| Meditação XIV | 47 |
| Meditação XV | 50 |
| Meditação XVI | 55 |
| Meditação para o III Domingo da Quaresma - ANO A | 57 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 57 |
| Meditação XVII | 59 |
| Meditação XVIII | 62 |
| Meditação XIX | 65 |
| Meditação XX | 67 |
| Meditação XXI | 69 |
| Meditação XXII | 72 |
| Meditação para este IV Domingo da Quaresma - ANO A | 75 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 75 |
| Meditação XXIII | 76 |

| | |
|--|-----|
| Meditação XXIV | 80 |
| Meditação XXV | 82 |
| Meditação XXVI | 86 |
| Meditação XXVII | 90 |
| Meditação XXVIII | 92 |
| Meditação para este V Domingo da Quaresma - ANO A | 95 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 95 |
| Meditação XXIX | 97 |
| Meditação XXX | 99 |
| Meditação XXXI | 101 |
| Meditação XXXII | 104 |
| Meditação XXXIII | 106 |
| Meditação XXXIV | 109 |
| Meditação para a Procissão de Ramos - ANO A | 112 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 112 |
| Meditação para a Missa da Paixão do Senhor - ANO A | 113 |
| + Pausa no Retiro Quaresmal + | 113 |
| Meditação XXXV | 114 |
| Meditação XXXVI | 121 |
| Meditação XXXVII | 123 |
| Meditação XXXVIII | 126 |
| + Última parte + | 128 |
| Meditação XXXIX | 128 |
| Guia de Leituras para a Semana Santa | 128 |

INTRODUÇÃO

Caro Amigo, cada ano, já há bastante tempo, tenho procurado proporcionar aos que me seguem na internet temas espirituais para o sagrado tempo quaresmal.

Neste ano, tomarei o Livro do Êxodo, tão propício para o caminho de preparação para a Páscoa do Senhor.

Como Israel atravessando o deserto do Sinai, somos nós, Igreja do Cristo Senhor, novo Israel, que, tendo saído da escravidão do Egito do pecado e, atravessando as águas do Mar Vermelho batismais, alimentados pelo maná da Eucaristia, encaminhamo-nos para a Terra Prometida da Glória do Céu. Essa Glória da Jerusalém celeste é já celebrada e pregustada sacramentalmente na Solenidade pascal. Assim, atravessamos o êxodo quaresmal com destino à pátria da Páscoa, imagem sacramental da Páscoa para o Céu.

Pretendo tomar passagens soltas do Êxodo e meditá-las. A única ordem lógica que seguirei é que tomarei os textos segundo a ordem dos capítulos, do início para o fim do Livro. Só isto!

A leitura das Escrituras que proponho deve ser feita como lectio divina, isto é: que se tomem as Escrituras Santas com toda a devoção e respeito, sabendo que se tratam da Palavra santa do Deus que nos fala cada vez que as lemos com fé e devoção.

Comece sempre rezando um trecho do Salmo 119/118, que canta a Lei do Senhor, a Sua santa Palavra. Termine esse trecho com o “Glória ao Pai”: assim o cristão deveria terminar cada Salmo, pois ele reza ao Deus cristão e no Deus cristão, que é Triuno. Depois, tome o texto que eu indicarei e leia-o atentamente. Procure escutá-lo com o ouvido do seu coração... Esteja atento aos detalhes do texto, procure no todo e em cada palavra escutar o que o Senhor lhe quer dizer... Releia-o...

Só depois disto, leia o que eu estou apresentando neste retiro!

Recordo que a Palavra do Senhor é viva e vivificante. As Escrituras Santas não são textos de informação histórica ou científica, mas a expressão da revelação do Senhor na história de um povo escolhido, que foi meditando e compreendendo sua história à luz da fé, assim como nós devemos fazer com a história da Igreja e com a nossa história! Esteja, portanto, certo, que o Senhor nos falará, a você e a mim, nos textos que aqui apresentarei!

Sugiro vivamente que acolha a Palavra de Deus na fé, com um coração humilde, capaz de ser todo escuta Àquele que tem palavras de Vida eterna!

Para você, uma santa e proveitosa Quaresma, que o conduza às alegrias da Páscoa do Ano da Graça de 2017 e, um dia, àquela outra, a Páscoa eterna da Glória!

Meditação I

Reze o Salmo 119/118,1-8

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 1

1. “Os israelitas foram fecundos e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos” (v. 7). – O Senhor foi fiel às promessas a Abraão, nosso pai: fez dele, nos seus descendentes, um povo numeroso, uma grande nação.

No dia a dia, nas coisas corriqueiras da vida, o Senhor vai tudo dirigindo, vai guiando todas as coisas, vai derramando Sua bênção sobre o Seu povo e sobre cada um de Seus fieis. Isto nem sempre pode ser visto, compreendido: para percebê-lo, é necessário um olhar de fé, um coração que pulse com o coração do Senhor para poder, com um sentido espiritual afiado, perceber essa silenciosa presença do Senhor Deus na nossa vida e na vida da própria Igreja. Isto exige o treino da escuta constante da Sua santa Palavra e da oração perseverante! Quem vive no exterior de si mesmo, quem passa seus dias na superficialidade de mil distrações, nunca perceberá a ação discreta e constante do Senhor...

a) Pense um pouco na sua vida, sobretudo nos últimos doze meses; pense rezando... Recorde os acontecimentos, as situações vividas por você... Mas, faça tudo isto diante do Senhor... Agora procure discernir, descobrir, perceber, a Presença providente, silenciosa, humilde e discreta do Santo na sua vida, nos seus passos...

b) Você tem sabido perceber o Senhor nos acontecimentos e situações da sua existência?

c) Repita, tomando a Palavra santa:

“Não deixará teu pé tropeçar,

o teu Guarda jamais dormirá!

Sim, não dorme nem cochila

o Guarda de Israel!

O Senhor é teu guarda, tua sombra,

o Senhor está à tua direita.

De dia o sol não te ferirá

nem a lua de noite” (Sl 121/120,3-6).

2. “Chegou ao poder sobre o Egito um novo rei, que não conhecia José... Os egípcios obrigavam os israelitas ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida...” (vv. 8.13) – Tudo passa! José morrera, seus irmãos morreram, uma geração passou, a memória se foi... E, agora, ao invés do sorriso, o pranto! O faraó manda matar criancinhas, oprime o Povo santo... E o Senhor, Aquele que tudo tem nas Suas mãos benditas, cala-Se!

a) Suplique ao Senhor, presente na alegria e na tristeza, na vitória e na derrota, suplique-Lhe a graça de cumprir o preceito do Apóstolo: “Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito em Cristo Jesus!” (1Ts 5,18)

Não é fácil dar graças nas dificuldades, nas escuridões! Mas, recorde: para chegar a isto, é necessário cumprir o preceito anterior, como está na Escritura: “Orai sem cessar!” (1Ts 5,17) Sem a oração constante jamais veremos Deus em todas as coisas e em todos os momentos da vida e, assim, jamais daremos graças quando o pranto e a dor vierem à nossa vida!

Rezando, unindo-nos ao Cristo Jesus, viveremos o Seu mistério de morte e ressurreição em nós, em tudo quanto nos acontecer! Israel viveu isto em toda a sua história, ainda que disso não soubesse, viveu preparando a vinda do Senhor Jesus na carne da sua história: “Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor!” (Rm 14,8) Você, também, cristão, unido ao Senhor Jesus desde o Batismo, na carne da sua vida, vai vivenciando o mistério de morte e ressurreição do Senhor!

b) Nunca se esqueça: triste daquele que se apega às situações da vida, sejam às boas para idolatrá-las, sejam as más, entregando-se ao desespero! As situações vão passando e devemos vivê-las sempre diante do Senhor, sabendo que alegria e tristeza, pranto e sorriso, vida e morte fazem parte da vida... Tudo passa; só o Eterno permanece!

c) Tome o Ecl 3,1-8 e reze-o...

3. “As parteiras temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito lhes havia ordenado, e deixaram os meninos viverem... Por isso Deus favoreceu essas parteiras...” (vv.17.20)

a) Benditas mulheres, tão frágeis e tão fortes: foram contra a corrente; não tiveram medo do poderoso faraó! Compreenderam que “é preciso obedecer antes a Deus do que aos homens” (At 5,29). Nunca traia sua consciência diante do Senhor por respeito humano, por medo do que vão dizer ou fazer contra você, por busca de prestígio e posição! “Teu Pai, que vê no segredo, te recompensará!” (Mt 6,4)

b) Pense no seu ambiente de convivência: família, trabalho, amizades, colegas... Muitas vezes é tão difícil dar testemunho do Senhor por palavras, por gestos e ações... Recorde situações... Suplique força ao Senhor! Que ele nos fortaleça como fortaleceu essas santas parteiras! Reze o Sl 140/139.

Meditação II

Reze o Salmo 119/118,9-16

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 2

1. Na história de Moisés recém-nascido e criança educado pela filha do faraó, vai-se manifestando a silenciosa e discreta providência do Senhor Deus: Ele age sempre, mesmo por trás das coisas pequenas, das aparentes banalidades da vida:

“Teus olhos viam o meu embrião.

No Teu Livro estão todos inscritos os dias que foram fixados

e cada um deles nele figura!

Mas, a mim, que difíceis são Teus projetos,

Deus meu, como sua soma é grande...

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração!

Prova-me, e conhece minhas preocupações!

Vê se não ando por um caminho fatal

e conduze-me pelo caminho eterno!” (Sl 139/138,16s.23s)

Nunca esqueça: quem reza, quem caminha diante do Senhor, ouve com o ouvido do coração, atentamente, como a Virgem Santa que tudo guardava no coração (cf. Lc 2,51), aprende a ver a ação de Deus em todas as coisas.

a) Olhando para sua vida, seu modo de rezar, seu modo de agir e reagir diante da vida, procure responder: Você sabe contemplar, sabe olhar tudo e tudo avaliar debaixo da ótica do Senhor? Sabe procurar Deus em todas as coisas?

Reze, pedindo ao Senhor um coração inteiro, simples, unificado, capaz de acolhê-Lo, de discernir os Seus santos caminhos na sua vida:

“Ensina-me Teus caminhos, Senhor,

e caminharei segundo a Tua verdade;

unifica o meu coração para temer o Teu Nome.

Eu Te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus,

darei glória ao Teu Nome para sempre,

pois é grande o Teu amor para comigo:

tiraste-me das profundezas do Sheol” (Sl 86/85,11-13).

2. Debaixo do silêncio de Deus, silêncio providente, mas também obscuro, pois não conseguimos compreender aonde Ele nos leva, Moisés vai passando por experiências na sua vida:

a decisão de não ficar longe de seus irmãos hebreus,

a ira indignada, que o leva a matar um egípcio,

a vontade de resolver os problemas do seu povo do seu jeito, metendo-se no litígio de dois hebreus,

o medo de faraó e a fuga para Madiã, no nordeste da Península do Sinai...

Lá, Moisés, ainda arranja confusão com um bando de pastores madianitas para defender umas moças que foram destratadas por aqueles homens grosseiros...

a) Observe o temperamento de Moisés: é generoso, solidário com o seu povo, tem um aguçado senso de justiça, defende as jovens filhas do sacerdote de Madiã, que são mais frágeis... Mas, também é

dado à violência, a agir com pressa, com impetuosidade e até com precipitação... Somente mais tarde, modelado pelas demoras de Deus, será um homem realmente de paz, pacificado e pacificador... Pense nisto: todos nós temos um temperamento e este tem virtudes e defeitos.

b) Como é seu temperamento? Quais suas virtudes temperamentais? Quais os defeitos? Formar bem o temperamento é formar um caráter reto e vigoroso, segundo o Coração de Cristo, o Homem perfeito, a forma e a medida de todos nós, pois fomos criados através Dele e para Ele (cf. Cl 1,15s)! Que defeito ou mal hábito (= vício) você se propõe a corrigir nesta Quaresma?

c) Como se forma o temperamento? Procurando ver-se à luz do Senhor, sobretudo na oração. E, então, rezando, vivendo uma vida sacramental, procurando, com a força do Espírito de Cristo, corrigir nossos defeitos, vamos tendo os sentimentos do Cristo Jesus (cf. Fl 2,5), Suas atitudes, ações e reações e, então, seremos homens segundo o Coração do Senhor! Para isto fomos criados, a isto fomos chamados, isto nos faz livres, realizados e plenos!

3. “Os israelitas, gemendo sob o peso da servidão, gritaram; e do fundo da servidão o seu clamor subiu até Deus. E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-Se de Sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus viu os israelitas, e Deus Se fez conhecer...” (vv.23-25)

a) Mais uma vez, aparece a dor inexplicável dos pequenos, dos pobres, dos fracos desta vida; a minha dor, a sua dor... Mas, os israelitas gritam e o Senhor os escuta!

b) Cuidado com a tentação de querer pensar e solucionar os problemas e as escuridões da existências somente com suas forças! Cuidado com a ilusão de pensar a vida, as situações e os desafios somente de você para você! Nos momentos de aperto na vida, quando a maldade parece nos engolir, quando as trevas parecem envolver os corações, devemos sempre erguer os olhos e o coração para o Senhor; podemos gritar:

“Levanta-Te, Senhor! Ó Deus, ergue a Tua mão!

Não Te esqueças dos infelizes!

Por que o ímpio desprezaria a Deus,

pensando que não investigas?

Mas, Tu vês a fadiga e o sofrimento,

e observa-os para toma-los na mão:

a Ti se abandona o miserável,

para o órfão Tu és um socorro!

Senhor, Tu ouves o desejo dos pobres,

fortaleces seu coração e lhes dás ouvidos,

fazendo justiça ao órfão e ao oprimido,

para que o homem terreno

já não cause terror!” (Sl 10/9,33-35.38s)

4. “Do fundo da servidão o seu clamor subiu até Deus”... Não há servidão tão profunda, abismo tão grande que o Senhor não penetre e, dali, não nos escute: “Para onde ir longe do Teu Sopro? Para onde fugir, longe da Tua Presença? Se subo aos céus, Tu lá estás; se me deito no Sheol, aí Te encontro” (Sl 139/138,7s); “Das profundezas clamo a Ti, Senhor: Senhor, ouve o meu grito! Que Teus ouvidos estejam atentos ao meu pedido por graça!” (Sl 130/129,1s).

a) Quão misericordioso é o Senhor: “Deus ouviu... Deus lembrou-Se... Deus viu.... Deus Se fez conhecer....”

Saboreie o quanto é belo e forte o texto repetindo “Deus... Deus.... Deus... Deus...” Aquele que é presente, Aquele que é fiel, Aquele que não nos esquece, Aquele que É, simplesmente!

b) Deus lembrou-Se da aliança com Abraão, Isaac e Jacó! Ele é fiel, não esquecerá nunca os Seus amigos! Nem a morte nos arranca da memória do Santo! E, para Ele, recordar é fazer viver: “Ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para Ele!” (Lc 20,38) É Nele que nós temos vida de verdade: viver Nele e para Ele é viver verdadeiramente já agora e para o sempre; viver fechados em nós mesmos, fechados para Ele, é viver uma vida de morte agora e ser jogado no lago de fogo e enxofre para todo o sempre, na segunda morte, a morte da alma, a Morte para o sempre, Morte eterna (cf. Ap 20,14s; 21,8).

c) “Deus Se fez conhecer...” Que significa esta palavra? O Altíssimo, o Misterioso, o Deus escondido, dar-Se-á a conhecer não teoricamente, mas mostrando-Se como Fiel, como Salvador... Deus dar-Se-á a conhecer salvando Israel! É assim, salvando- nos, vindo a nós, que Ele se nos dá a conhecer!

Deseja conhecer o Senhor? Abra-se para Ele na sua vida!

Deseja saber do Altíssimo? Procure-O nas Escrituras, na Sua santa vontade, na obediência aos Seus preceitos!

Quer, de verdade, ser amigo do Eterno? Tenha para com Ele as mesmas atitudes do Filho Jesus. Quem O vê, vê o Pai! (cf. Jo 14,9)

Meditação III

Reze o Salmo 119/118,17-24

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 3

1. Todo este capítulo, de modo especial os vv. 1-15, revela o Deus de Israel, o Deus verdadeiro, como Realidade, como Ser extremamente próximo e, ao mesmo tempo, transcendente, para lá de tudo!

a) Como Alguém extremamente próximo do Seu povo:

- desce até a sarça, ao espinheiro, com o Seu povo, que se encontra na fornalha da escravidão, no espinheiro que é o Egito opressor,

- vê a miséria de Israel, ouve o seu grito, conhece suas angústias e desce para libertá-lo,

- é o Deus já conhecido pelos pais de Israel, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, Deus Amigo, Deus fidelíssimo, que não esquece a aliança que fizera com os antepassados!

b) Mas, ao mesmo tempo, um Deus misterioso, incompreensível:

- tão grande, que a Escritura não tem coragem de dizer que Ele mesmo desceu e usa o eufemismo, o subterfúgio de referir-se a Ele como o Anjo do Senhor;

- tão grande que aparece como fogo devorador,

- tão grande que Moisés deve tirar as sandálias dos pés, as sandálias do contato com o chão do dia a dia;

- tão grande que Moisés cobre o rosto para não ficar cego, para não perecer ante o fulgor da Sua luz, a densidade infinita, do Seu Ser, da Sua Glória;

- tão grande e incompreensível que o Seu Nome é a negação de dizer o Nome: “Eu sou o que Sou, sem comparação com nada mais, com ninguém mais! Simplesmente EU SOU... O que não podes imaginar, o que não podes compreender, o que não podes apreender! Eu Sou o Santo, o Eterno, o Indizível!” Ele é Silêncio, Mistério Santo! – Silêncio, diante Dele! Diante Dele, modéstia de palavras, modéstia de pensamentos! Ele está no Céu; tu, ó filho de Adão, estás na terra, pó que o vento leva!

c) Na vida de cada um de nós experimentamos o Senhor Deus destes dois modos: por vezes, tão próximo, tão íntimo, tão presente, tão aconchegante, tão doce; mas, por outro lado, quantas vezes, Ele como que nos escapa totalmente: já não O sentimos, já não O percebemos, já não O compreendemos, já não encontramos Nele arrimo nem segurança. Tudo, então, é noite, é escuridão! E, então, percebemos que o Senhor é Mistério Santo!

Procure meditar sobre esta realidade, procure recordar, de modo sereno e orante, quantas vezes na sua vida você já experimentou o Senhor como Presença aconchegante e suave e, outras vezes, como terrível Ausência, quase como um vazio e uma escuridão... Será sempre assim, neste mundo, até que lá, na Glória, passaremos da fé para a visão! O verdadeiro crente é aquele que, mesmo na tremenda treva da fé, mantém o olhar fixo Naquele que brilhou na manhã do aconchego e da doçura da intimidade com Deus. A segurança do verdadeiro crente não está em si mesmo nem no fato de compreender, mas unicamente no Senhor Deus, fiel e amoroso, Aquele que É!

2. “Eu descí... a fim de libertá-lo... para fazê-lo subir” (v. 8) Aqui, nestes verbos, encontra-se toda a obra da salvação do Deus das Escrituras!

a) Ele desce e esta descida será sempre maior, cada vez mais profunda, até a cruz, até a sepultura do Sábado Santo! Foi isto que o Senhor fez: cuidou do Seu povo de Israel, educou-o pelos profetas, até vir pessoalmente na carne do nosso Salvador Jesus Cristo, homem da cruz e da sepultura!

b) Ele liberta, pois não tolera repartir nossa vida e nosso coração com nada nem com ninguém: Deus ciumento, deseja-nos livres para acolher o Seu amor e para amá-Lo com um coração inteiro! Para isso nos liberta: não para fazermos que que quisermos ou vivermos do nosso modo, mas para sermos Dele e, assim, sermos realmente nós mesmos, sermos realmente plenos! Somos plenos e verdadeiros quando vemos como Ele vê, queremos o que Ele quer e vivemos como Ele ordena! Por isso deseja nos libertar de nossos pecados, de nossas paixões, de nossos ídolos: “O Senhor veio ao nosso encontro! Agora, pois, deixa-nos ir pelo caminho de três dias de marcha – dias da Ressurreição! – para sacrificar ao Senhor nosso Deus!” (v. 18)

c) Ele nos faz subir: fez Israel subir para a Terra Prometida, faz Sua Igreja, novo Israel, subir para tornar-se Jerusalém celeste, faz-nos subir até a intimidade do Seu coração bendito! Um dia, todos nós, toda a criação, estaremos transfigurados no mesmo Espírito de Glória – aquele Fogo da sarça! – que transfigurou a natureza humana do nosso Salvador Jesus Cristo! Sim, como diziam os nossos Santos Padres da Igreja, “o Filho de Deus tornou-Se filho do homem para fazer dos filhos dos homens filhos de Deus”. Ele falou, Ele Se manifestou, Ele veio, para nos elevar a Ele, dando-nos a Sua Vida divina! Eis aqui todo o mistério, toda a economia da salvação!

Valeria a pena ler, meditar, rezar adorando e contemplando, admirado, o estupendo texto de Ef 1,3-23. Aí está sintetizada em forma de bênção, de oração, todo o plano salvador, toda a economia da salvação, o sonho do Pai: através do Seu Filho, no Espírito, vir a nós e, tomando nossa pobre existência sobre Seus ombros até a cruz, a morte e a ressurreição, glorificar-nos de Espírito Santo, enchendo tudo de Vida divina e nos fazendo subir até a Glória do Pai! “Eu desci para libertar e fazer subir!”

3. “De fato, vos tenho visitado e visto...” Lembra-te: o Senhor te visita, te sonda, te vê! Ele conhece o teu coração, Ele sabe quando te levantas e quando te deitas no teu pecado... Tremendo é o Senhor nosso Deus!

“Senhor, Tu me sondas e conheces:

conheces meu sentar e meu levantar,

de longe penetras o meu pensamento;

examinas meu andar e meu deitar,

meus caminhos todos são familiares a Ti...” (Sl 139/138,1ss).

E tu, pensas escapar do olhar amoroso, penetrante e fulgurante do teu Deus? Tolo!

“Se eu dissesse: ‘Ao menos a treva me cubra,

e a noite seja um cinto ao meu redor’

– mesmo a treva não é treva para Ti,

tanto a noite como o dia iluminam!” (vv. 11s)

Reze este Salmo por inteiro, agradecendo ao Senhor porque vê seu coração, sua vida amorosamente; mas, também tenha santo temor, porque ninguém – nem eu, nem você – poderemos enganá-Lo ou Dele nos esconder!

4. Um último aspecto: a misteriosa e incompreensível lógica do Senhor: “Eu sei, no entanto, que o rei do Egito não vos deixará ir...” Não adianta: a lógica do Altíssimo nos confunde, nos ultrapassa! É assim na minha, na sua vida, é assim na vida do mundo! Só o pobre, só o que tem o coração de criança, só o que teima em peregrinar diante do Santo pode resistir e perseverar até o fim! E esta lógica que nos desconcerta chega ao máximo naquela outra sarça ardente, naquela madeira que queimava com o fogo do Espírito, sem se consumir: a madeira, a sarça da cruz. E do meio dela, o Senhor, homem de dores, derrotado, abandonado, humilhado, disse sem dizer, pronunciou sem pronunciar o Nome santo de Deus: Amor! Lógica tremenda, que nos enche de admiração e nos deixa na noite! “Ante o brilho de tal luz, se faz sombra o meio-dia!”

5. Pense nestas coisas e reze, olhando para a sua vida e o seu caminho

Meditação IV

Reze o Salmo 119/118,25-32

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 4

1. Neste capítulo, aparecem as desculpas esfarrapadas de Moisés, já iniciadas no capítulo anterior: são cinco objeções que Moisés coloca diante do Altíssimo para fugir de Deus, fugir da missão que o Santo lhe confia:

a) Primeira: “Quem sou eu para ir a faraó?” (3,11) Parece humildade, mas é desculpa! Quando o Senhor nos chama, quando nos dá uma missão, quando nos ordena algo, não devemos perguntar quem somos nós, olhando para nós, como se fosse por nossa força ou inteligência que faremos as coisas! Devemos, sim, recordar quem é o Senhor: o Deus santo e fiel, o Deus generoso e onipotente! Por isso a resposta de Deus: Ele não responde quem é Moisés, mas quem é Ele, o Eterno: “Eu estarei contigo!” Isto é o que realmente interessa na nossa vida!

“Senhor, Tu és minha lâmpada;

meu Deus ilumina minha treva;

sim, Contigo eu corro para o ataque,

com meu Deus eu salto a muralha.

Deus é perfeito em Seu caminho,

a palavra do Senhor é provada.

Ele é escudo

para todos aqueles que Nele se abrigam.

Pois, fora o Senhor, quem é Deus?

E quem é Rochedo, a não ser nosso Deus?

Ele é o Deus que me cinge de força

e torna perfeito o meu caminho;

igualava os meus pés aos das corças

e me sustenta em pé nas alturas;

instruí minhas mãos para a guerra,

e meu braço a tender o arco de bronze.

Viva o Senhor! Bendito seja o meu Rochedo!

Seja exaltado o meu Deus salvador!” (Sl 18/17,29-35.47)

b) Segunda: “Quando me perguntarem: ‘Qual o Seu Nome?’, que direi?” (3,13) Deus já dissera a Moisés: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (3,6). Moisés compreendera tanto, que se prostrara com o rosto por terra, temendo olhar para o Santo (cf. v. 6). Sabia, então que era o Deus dos Patriarcas, o Deus amigo de Abraão, o terror de Isaac, o que conduziu Jacó, o Deus que Se revelara não teoricamente, mas no Seu agir amoroso, providente e fiel. A pergunta que Moisés faz agora parece mais uma desculpa para não ir, um modo de colocar Deus à prova!

Na Escritura, perguntar pelo nome é querer conhecer o âmago, a essência da coisa nomeada... Mas, Deus É, Ele é o que É, Ele ultrapassa qualquer coisa, qualquer ser, qualquer imaginação, qualquer compreensão nossa... Ele não pode ser comparado, medido, imaginado... Ele não é mais, não é menos, não é maior, não é menor: Ele É, simplesmente, sem complemento! Dele, de modo rigoroso, só podemos dizer o que Ele não é! Diante Dele, silêncio! Diante Dele, admiração! Diante Dele, rosto coberto, joelhos dobrados, pés dascalços!

Por isso, a resposta do Senhor a Moisés é, na verdade, uma negativa de dizer-lhe o Nome: “Eu sou ‘O Que Sou’, o que tu não saberás, o que É, simplesmente!” Depois, pronuncia o Nome IHWH, que, segundo muitos, indica “O que É”, “O que É o Ser”, Ser borbulhante, Vida, fonte de Vida, Vivente e Vivificante! Mas, logo retoma toda a proximidade, a familiaridade: “IHWH, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó...” (3,15) Moisés não tem desculpa para não obedecer, para não ir, para fugir da missão!

c) Terceira: “Mas, eis que não acreditarão em mim, nem ouvirão a minha voz, pois dirão: ‘O Senhor não te apareceu!’” (4,1) Moisés teimoso! Para fugir da missão, torna-se pessimista, olhando somente para as possibilidades humanas, para suas forças, para a dureza do seu povo, ao invés de olhar para o Senhor e Nele colocar sua esperança!

Quantas vezes somos assim!

O Senhor, então, dá-lhe sinais para que realize ante o povo! Veja como o Altíssimo vai estreitando os caminhos de Moisés, como vai fechando suas portas de fuga! Aprenda, Irmão: quando o Senhor nos chama, devemos dizer-Lhe sim! Não fuçamos, não enrolemos, não façamos como Moisés! Fugir do Senhor é fugir de nós mesmos! É um erro olhar mais para nossas forças do que para a fidelidade potente do Senhor que chama e envia!

d) Quarta: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem nem de anteontem, nem depois que falaste ao Teu servo; pois tenho a boca pesada e pesada a língua” (v. 10). Moisés tinha problemas de fala, talvez gagueira... E, agora, recorda isto ao Senhor... E lembra que Ele, que tudo pode, não o curou! Quando pensamos na mania de curas e milagres hoje em dia, de tantos falsos pregadores e falsos profetas e falsos ministros de Cristo que fazem de milagres um meio de vida... E o Senhor não cura Moisés, não cura o Seu servo que tanto precisará da fala!

Primeiro, já impaciente com a teimosia de Moisés, o repreende: “Quem dotou o homem de uma boca? Ou quem faz o mudo e o surdo, o que vê e o cego? Não sou Eu, o Senhor?” (v.11) Sim, é o Senhor! Bendito seja o Seu Nome! Mas, para nós, sobretudo hoje em dia, como é difícil acolher o desígnio misterioso do Senhor sobre nós! E nos revoltamos, e nos amarguramos, e duvidamos! Repito: o Senhor não cura Moisés; envia-o gago, envia-o humanamente menos capaz: “Vai! Eu estarei em tua boca, e te indicarei o que hás de falar!” (v. 12) Moisés havia perguntado: “Quem sou eu, para ir ao faraó?” Ele é um incapaz! Mas, o Senhor dissera: “Eu sou o Senhor; estarei contigo!” É isto que importa, na vida de Moisés e na sua vida, caro Irmão; na missão de Moisés, e na sua!

“Não há Santo como o Senhor,

- porque outro não há além de Ti! -

e Rocha alguma existe como o nosso Deus!

É o Senhor quem faz morrer e viver,

faz descer ao Sheol e dele subir.

É o Senhor quem empobrece e enriquece,

quem humilha e quem exalta” (1Sm 2,2.6s).

Depois, o Senhor lhe dá Aarão como ajuda! Moisés precisará do seu irmão para cumprir sua missão... Veja: não é Moisés o herói, não é Moisés o centro: o centro é Deus somente!

e) Quinta: “Perdão, meu Senhor, envia o intermediário que quiseres!” (v. 13). Aqui, finalmente, cai a máscara de Moisés: ele não queria ir: “Não vou, e pronto! Envia quem quiseres,, mas eu não irei!” Caminhar com o Senhor dá trabalho: significa sair da nossa vida bem estabelecida, significa deixar de trilhar os caminhos que nós mesmos escolhemos, para nos colocar totalmente ao dispor de um Outro, de acordo com Seus tempos, Seus modos, Seus critérios... Moisés quer fugir desse compromisso...

f) Moisés não queria ir... E o Senhor, o que faz? Como reage à má vontade do Seu escolhido? “Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés!” (v. 14). O Senhor, uma vez nos chamando, chamar-nos-

á sempre! Quer digamos sim, quer digamos não, a marca do chamado perturbará sempre o nosso coração, como aconteceu com Jeremias Profeta, que várias vezes quis deixar o ministério de profeta e o Senhor não o permitiu: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir; Tu Te tornaste forte demais para mim, Tu me dominaste! Sirvo de escárnio todo o dia, todos zombam de mim... Porque a palavra do Senhor tornou-se para mim opróbrio e ludíbrico todo dia. Quando pensava: ‘Não me lembrarei Dele, já não falarei em Seu Nome’, então isto em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar! Não aguento mais!” (Jr 20,7-9).

g) Coloque-se humildemente diante do Senhor e, pensando na sua vida, seja qual for a sua vocação, de todo o coração procure escutar os apelos que o Eterno lhe faz... Tenha coragem de dizer “Aqui estou, meu Senhor!”

2. Ao final, o Senhor triunfou sobre Moisés! Ele foi ao faraó, mesmo sabendo que teria uma missão árdua: Aquele que tudo governa e tem nas mãos o nosso coração e o destino dos povos, avisa-lhe que o rei do Egito endurecerá o seu coração (v.21)... E o texto bíblico acentua: é o próprio Deus Quem endurecerá o coração do faraó! Não compreendemos o motivo de Deus permitir que as coisas sejam difíceis, não sabemos quase nada do modo do Senhor dirigir os acontecimentos... Sabemos somente que tudo é graça, tudo é providência e, ao mesmo tempo, somos realmente livres e verdadeiramente responsáveis nas nossas decisões e escolhas... Sabemos apenas que Ele, o Senhor, é fiel, que Ele é benévolo, que Ele é amor providente!

3. Moisés deveria ir ao faraó com uma mensagem que contém uma declaração de amor por Israel: “Assim falou o Senhor: ‘O Meu filho primogênito é Israel. E Eu te disse: Deixa partir o Meu filho, para que Me sirva!’” (v. 22). São duas afirmações importantes!

a) Israel é amado pelo Senhor Deus como um filho querido, como um primogênito é amado pelo seu pai! O Senhor tirará Israel do Egito por pura gratuidade, por puro amor: Seu povo é Seu filho primogênito, Seu herdeiro, e o Senhor derrama sobre ele todo o Seu amor! Podemos aqui compreender o que o evangelho afirma quando diz que a Virgem deu à luz o seu filho primogênito (cf. Lc 2,7): Jesus tem todos os direitos e todo o amor e todo o cuidado que Israel mesmo recebeu do Eterno: “Este é o Meu Filho amado em Quem Me comprazo!” (Mt 3,17) ou “Tu és o Meu Filho; Eu, hoje, Te gerei!” (Lc 3,22). São palavras diversas, palavras das Escrituras, para exprimirem o mistério insondável: Jesus é o primogênito amado, querido, como Israel! E primogênito aqui no sentido de único, exclusivo! Totalmente amado, amado por inteiro! – E este Filho amado o Pai entregou por nós!

b) Israel será libertado não para viver para si mesmo, mas para viver para o Senhor! A liberdade verdadeira da criatura, sua verdade, o sentido do seu ser é ser e viver aberto para Aquele que o criou. O próprio Jesus advertiu: “Quem comete o pecado é escravo. Se o Filho vos libertar, sereis, realmente livres” (Jo 8,34.36).

A ideia de liberdade é uma das noções centrais de nossa cultura e de nossa época – ideia em certo sentido inculcada pelo próprio cristianismo. Mas, infelizmente, pensa-se numa liberdade humana auto-referencial, liberdade como capacidade do homem de fazer o que quer, sem outro compromisso que não o desejo da própria pessoa, desde que não se faça mal a ninguém... Mas, esta ideia de liberdade é insuficiente e destrutiva! O homem não tem o sentido da existência em si mesmo! Criado por Alguém e para Alguém, somente em relação com esse bendito e fundamental Alguém os filhos de

Adão podem encontrar o sentido do seu caminho neste mundo, a paz no coração e, portanto, a verdadeira liberdade! Menos que Deus, menos que uma vida em relação com Ele não sacia realmente o coração humano e não confere sentido à existência!

Pense um pouco na sua vida, nos anseios mais profundos e definitivos do seu coração... Se o centro da sua existência, o critério de sua vida for o próprio Senhor, então você é realmente livre e realizado. Caso contrário, que paixões, que amores desordenados, que fragmentações de coração o escravizam? – “Deixa partir o Meu filho para que Me sirva e, servindo-Me, seja pleno, viva na verdade e seja realmente feliz!” Isto vale para Israel, isto vale para cada um de nós!

Meditação para o I Domingo da Quaresma - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

Logo no início deste santo caminho para a Páscoa, a Palavra de Deus nos desvenda dois mistérios tremendos: o mistério da piedade e o mistério da iniquidade! Esses dois mistérios atravessam a história humana e se interpenetram misteriosamente; dois mistérios que nos atingem e marcam nossa vida, e esperam nossa decisão, nossa atitude, nossa escolha! Um é mistério de Vida; o outro, mistério de Morte.

Comecemos pelo mistério da iniquidade: “O pecado entrou no mundo por um só homem. Através do pecado, entrou a morte. E a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Eis! A vida que vivemos, a vida da humanidade é uma vida de morte, ferida por tantas contradições, por tantas ameaças físicas, psíquicas, morais... Viver tornou-se uma luta e, se é verdade que a vida vale a pena de ser vivida, não é menos verdade que ela também tem muito de peso, de dor, de pranto, de fardo danado.

Mas, como isso foi possível? Escutemos a primeira leitura: “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem tornou-se um ser vivente”. Somos obra de Deus, do Seu amor gratuito: do nada Ele nos tirou e encheu-nos de vida. Mais ainda: “O Senhor Deus plantou um jardim em Éden, ao oriente, e ali pôs o homem que havia formado”. Vede: o Senhor não somente nos tirou do pó do nada, não somente nos encheu de vida; também nos colocou no jardim de delícias, pensou nossa vida como vida de verdade toda banhada pela luz do oriente. E mais: nosso Deus passeava no jardim à brisa do dia (cf. Gn 3,8), como amigo do homem.

Eis o mistério da piedade, o plano, o desígnio que Deus concebeu para nós desde o início, apresentado pela Palavra de modo poético e simbólico: um Deus que é Deus de amor, de ternura, de carinho, de respeito pela Sua criatura, com a qual Ele deseja estabelecer uma parceria; um homem chamado a ser plenamente homem: feliz na comunhão com Deus, feliz em ter no seu Deus sua plenitude e sua Vida; homem plenamente homem nos limites de homem!

O homem é homem, não é Deus! Somente o Senhor Deus é o Senhor do Bem e do Mal. Por isso as duas árvores no Éden: a do conhecimento do Bem e do Mal (isto é, o poder de decidir por si mesmo o que é bem ou mal, certo ou errado) e a árvore da Vida (da Vida plena, da Vida divina, Vida bem-aventurada). Se o homem confiasse em Deus, se cumprisse Seu preceito, se reconhecesse seus limites, um dia comeria do fruto da árvore da Vida...

Mas, o homem foi seduzido; é seduzido ainda agora: deseja ser seu próprio Deus, sem nenhum limite, sem nenhuma abertura à graça, como se ele mesmo fosse um absoluto, dono da sua vida, o sentido mesmo da sua existência! Somente sua vontade lhe importa, somente sua medida! Hoje, como no princípio, ele pensa que é a medida de todas as coisas! Eis aqui o seu pecado!

O Diabo o seduziu e o seduz: primeiro distorce o preceito de Deus (“É verdade que Deus vos disse: ‘Não comereis de nenhuma das árvores do jardim?’”), semeando no coração do homem a desconfiança e o sentimento de inferioridade; depois, mente descaradamente: “Não! Vós não morrereis! Vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal!” Ser como Deus, decidindo de modo autônomo o que é certo e o que é errado; decidindo que a libertinagem é um bem, que as aventuras com embriões humanos, que o aborto, que a infidelidade feita de preservativos, que a destruição da família, são um bem... Decidindo loucamente que levar a sério a religião e a Palavra de Deus é um mal... Ser como Deus... Eis nosso sonho, nossa loucura, nossa mais triste ilusão! Está aí, nos meios de comunicação, nas redes sociais, nas novelas e filmes, nas salas das universidades, nas palavras de tantos sabichões segundo o mundo!

Tudo tão atraente, tudo tão apto para dar conhecimento, autonomia, felicidade... O resultado: os olhos dos dois se abriram: estavam nus... estamos nus... somos pó e, por nós mesmos, ao pó tornaremos, inapelavelmente!

Então, nosso destino é a morte? Não há saída para a humanidade? O mistério da iniquidade destruiu o mistério da piedade? Não! De modo algum! Ao contrário: revelou-o ainda mais: “A transgressão de um só levou a multidão humana à Morte; mas foi de modo bem superior que a graça de Deus... concedida através de Jesus Cristo, se derramou em abundância sobre todos. Por um só homem a morte começou a reinar. Muito mais reinarão na Vida, pela mediação de um só, Jesus Cristo, os que recebem o dom gratuito e superabundante da justiça”.

Eis aqui o mistério tão grande, o mistério da piedade, o centro da nossa fé: em Cristo revelou-se todo o amor de Deus para conosco; pela obediência de Cristo a nossa desobediência é redimida; pela morte de Cristo na árvore da cruz, nós temos acesso ao fruto da Vida, da Vida plena, da Vida em abundância, da Vida que nunca haverá de se acabar! Pela obediência de Cristo, pelo dom do Seu Espírito, nós temos a Vida divina, nós somos divinizados, somos, por pura graça, aquilo que queríamos ser de modo autônomo e soberbo! Assim, manifestou-se a justiça de Deus: em Jesus morto e ressuscitado por nós – e só Nele, por pura graça Dele! – a humanidade encontra a Vida!

Mas, esta salvação em Jesus teve alto preço: a encarnação do Filho de Deus e Sua humilde obediência, até a morte e morte de cruz. O Senhor desfez o nó da nossa desobediência, da nossa autossuficiência, da nossa prepotência, renunciando ser o senhor de Sua existência humana: Ele acolheu o caminho do Pai, o desígnio do Pai, Ele Se fez obediente:

à glória do pão (dos bens materiais, dos prazeres, do conforto) Ele preferiu a Palavra do Pai como único sentido e única orientação de Sua vida;

à glória do sucesso (a honra, a fama, o aplauso), Ele preferiu a humildade de não tentar Deus;

à glória do poder (da força, das amizades poderosas e influentes, do prestígio político para impor e conseguir tudo) Ele preferiu o compromisso absoluto e total com o Absoluto de Deus somente.

Assim, Cristo Jesus, o Homem novo, o novo Adão (de Quem o primeiro era somente figura e sombra) abriu-nos o caminho da obediência que nos faz retornar ao Pai!

Este é também o nosso caminho. Nossa vocação é entrar, participar, da obediência de Cristo pela oração, a penitência e a esmola, a caridade fraterna para sermos herdeiros de Sua vitória pascal! Este sagrado tempo que estamos iniciando é tempo de combate espiritual, para que voltemos, pelo caminho da obediência Àquele de Quem nos afastamos pela covardia da desobediência. Convertamo-nos, portanto! Deixemos a teimosia e a ilusão de achar que nos bastamos a nós mesmos! Sinceramente, abracemos os sentimentos de Cristo, percorramos o caminho de Cristo, convertamo-nos a Cristo!

Concluamos com as palavras da Coleta, a Oração inicial da Missa deste I Domingo: “Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, ao longo desta quaresma, possamos progredir no conhecimento de Jesus Cristo e corresponder ao Seu amor por uma vida santa”. Amém.

Meditação V

Reze o Salmo 119/118,33-40

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 5

1. “Deixa o Meu povo partir, para que Me façam uma festa no deserto!” (v.1). Esta ideia volta sempre: Israel pertence ao Senhor e deve ser aberto para Ele, deve procurá-Lo e acolhê-Lo na sua vida. Isto é realmente tê-Lo por Deus! A Festa aqui é a Páscoa, que antes mesmo da saída do Egito já era celebrada pelos israelitas com o sentido de pedir fecundidade para o rebanho e que fosse liberto das doenças e males.

a) A nossa vida, caro Irmão, deveria ser uma festa para o Senhor; deveríamos viver toda a nossa existência para o Senhor, diante Dele, em comunhão e diálogo de amor com Ele! Somente assim o nosso caminho neste mundo adquire o seu sentido verdadeiro; somente assim a liberdade tem sentido realmente: “Ninguém de nós vive e ninguém de nós morre para si mesmo, porque se vivemos é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7s).

b) Pertencer ao Senhor: esta é a verdade da existência de Israel, dos cristãos, da Igreja, de cada um de nós, da inteira humanidade! Não viver isto, é viver na ilusão, na mentira, contrariando o nosso ser mais profundo, iludindo o nosso coração sedento, enchendo-nos de ilusões vazias... E a consequência é o que vemos hoje: tantos numa vida sem sentido, feita de provisório, de remendos, de coisinhas que não abarcam o todo da existência! Irmão, cuidado que não seja assim a sua vida!

2. A pergunta zombeteira do faraó é a mesma do mundo atual: “Quem é o Senhor para que eu ouça a Sua voz? Não conheço o Senhor!” (v.2) O governante egípcio, do alto de seu poder de rei da maior potência militar e cultural da época, esnoba o Deus de Israel. O mundo faz a mesmíssima coisa: “Quem é o Senhor? Para que serve esse Deus? Que benefício nos traz? Quem precisa Dele?” Deus ensinará duramente ao faraó Quem Ele é!

a) Muitas vezes vemos católicos iludidos, enganados, cheios de boa vontade de falar ao mundo tomando os modos do mundo e até escondendo as exigências do Evangelho, escamoteando a cruz do Senhor, como se isto fizesse o mundo aproximar-se de Deus... Engano, ilusão e também temeridade!

b) A Palavra de Deus claramente nos indica outro caminho: o anúncio firme, sereno, caridoso e leal de toda a verdade do Senhor e o convite cordial e humilde à conversão! Alguns aceitarão, outros tantos, não! E isto não nos pertence, não está à nossa mão! A nós, cabe anunciar com amor, fidelidade e firmeza aquilo que o Senhor confiou aos Seus santos uma vez por todas (cf. Jd 3); ao Senhor cabe dar a graça da conversão de modo que só Ele conhece, de acordo com a liberdade e a consciência de cada um! Não nos é permitido adular ou adocicar o Evangelho! Um Evangelho popular, fácil, simpático, sob medida, ajustadinho ao mundo, é falso, inútil e ancorado na prepotência humana que esquece que somente o Senhor é Quem salva e converte o nosso coração! Pense nisto e converta-se! Ai daquele que deseja converter Deus a si, ao invés de se converter ao Deus vivo e verdadeiro! Esta tentação não é nova: “De fato, infiltraram-se entre vós alguns homens já há muito marcados para esta sentença, uns ímpios, que convertem a graça do nosso Deus num pretexto para licenciosidade e negam Jesus Cristo, nosso único mestre e Senhor” (Jd 4).

3. Observe agora que beleza o modo como o Espírito de Cristo vai discretamente impregnando as Escrituras dos judeus, de modo que já no Antigo Testamento, os sinais de Cristo aparecem: “O Deus dos hebreus veio ao nosso encontro. Deixa-nos ir pelo caminho de três dias de marcha no deserto para sacrificar ao Senhor, nosso Deus!” (v. 3). Caminho de três dias para sacrificar ao Senhor...

a) Deus é Quem toma a iniciativa: Ele vem ao encontro do Seu povo para entrar em comunhão com ele, para salvá-lo, para dar-lhe Vida! Ele vem ao meu, ao seu encontro! O nosso Deus, como bom pastor, sai sempre em busca de Suas ovelhas perdidas! Feliz aquele que sabe reconhecer as Suas vindas! Feliz aquele que abre o seu coração para o Deus que vem!

b) O caminho de três dias para encontrar o Senhor e render-Lhe culto... Para um cristão, aqui aparecem as marcas da Ressurreição do Senhor nosso: o caminho de morte, sepultura e ressurreição, o sacrifício perfeito que o Filho Unigênito do Pai, o Cordeiro, ofereceu por Israel e pelo mundo inteiro, ressuscitando ao terceiro dia! Este sacrifício bendito, é tornado presente em cada Eucaristia: “Na verdade, Vós sois Santo, ó Deus do universo, e tudo o que criastes proclama o Vosso louvor, porque não cessais de reunir o Vosso povo para que em toda a parte, do nascer ao por do sol, Vos ofereça um sacrifício perfeito: o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo!” Nós, a santa Igreja, Mãe católica, somos esse povo novo, nascido no Espírito do Cristo Senhor, sempre em caminho para este Sacrifício de louvor!

Sim! Em cada Missa torna-se presente e atuante o verdadeiro e pleno louvor, o verdadeiro e pleno sacrifício que o senhor deseja, feito da obediência amorosa do Cristo Deus ao Pai, por nós e pelo mundo inteiro, na potencia do Espírito! Cada vez que o Novo Israel, a santa Igreja, celebra este mistério, torna-se presente o Sacrifício perfeito do Cordeiro imolado, oferecido pelo Sumo Sacerdote eterno; e, assim, tornam-se presentes todos os sacrifícios que Israel ofereceu ao Senhor; de modo especial o sacrifício da antiga Páscoa judaica!

4. O modo como o faraó reage é típico dos ímpios: “São uns preguiçosos, esses rezadores! O tempo gasto com Deus é inútil, é desperdício! Vale o trabalho, vale o fazer, vale o produzir! Oração, vida

contemplativa: bobagens, alienação, fuga, preguiça! Obras, trabalho, ações, projetos pastorais, realizações concretas – isto é o que vale, o que conta, o que importa...” Há ímpios, tantos, ainda hoje, fora e dentro da Igreja... Pense bem nisto! E, no entanto, o Senhor quer você, o seu coração, o seu amor, o serviço de uma vida que seja para o Seu santo louvor!

5. Um último ponto deste capítulo: Pobre Moisés! Bem que não queria ir: a situação do povo piorou, os chefes israelitas estão furiosos com ele e Aarão: “Que o Senhor vos observe e vos julgue! Pois nos tornastes odiosos aos olhos do faraó e aos olhos dos seus servos, pondo-lhes a espada na mão para nos matar!” (v.21)... E o Senhor não libertou o Seu povo...

Um Deus que demora, um Deus de modos e tempos e lógica tão diversos de nós... Ah, meu Amigo, que quem desejar caminhar com esse Deus deve ter um coração de pobre para aceitar os incompreensíveis caminhos do Santo! “Moisés, voltando-se para o Senhor, disse: ‘Senhor, por que maltratas este povo? Por que fazes assim? Por que parece que brincas conosco? Pois desde que me apresentei a faraó, para lhe falar em Teu Nome, ele tem maltratado este povo, tem feito pouco caso dele, de mim e de Ti, e Tu, que me obrigaste a vir, contra a minha vontade, nada fizeste para libertar o Teu povo, o Teu povo, Tua propriedade, de quem disseste: Meu primogênito é Israel! Como é difícil o Teu caminho! Quem pode suportar-Te? Quem pode caminhar Contigo?’” (v. 22s)

Veja, Amigo: Moisés reza, Moisés volta-se para o Senhor! Lamenta, chora, reclama, mas ao Senhor! Derrama o seu coração diante do Altíssimo! Aprenda com Moisés, aprenda com os santos da Bíblia e da Igreja de todos os tempos: nos apertos, nas trevas, nas angústias da vida, devemos elevar os olhos, os braços e o coração para o Senhor e a Ele apresentar a nossa causa! Somente rezando, somente colocando-nos diante do Eterno, poderemos guardar a fé e superar as duras provações da vida! Não há outro modo! Reze agora com Jó, um outro justo, um grande amigo de Deus, machucado por Ele:

“Direi a Deus: Não me condenes,
explica-me o que tens contra mim!
Acaso Te agrada oprimir-me,
rejeitar a obra de Tuas mãos
e favorecer o conselho dos ímpios?
Porventura tens olhos de carne,
ou vês como veem os homens?
Acaso são os Teus dias como os de um mortal
e Teus anos como os dias do homem,
para indagares minha culpa
e examinares meu pecado, quando sabes que não sou culpado

e que ninguém me pode tirar de Tuas mãos?
Tuas mãos me formaram e me modelaram,
e depois Te voltas a mim para aniquilar-me?!
Lembra-Te de que me fizeste do barro;
e agora me farás voltar ao pó?
De pele e carne me revestiste,
de ossos e de nervos me teceste,
deste-me a vida e o amor,
e Tua solicitude me guardou!” (Jó 10,2-9.11s).

Meditação VI

Reze o Salmo 119/118,41-48

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 6

1. “É por intervenção de mão poderosa que faraó os fará partir, e por mão poderosa os expulsará do seu país” (v. 1). Note bem, meu Amigo, que o início da missão de Moisés junto ao faraó foi um completo fracasso: Ele zombou do Santo, ele desprezou Moisés, ele chamou os israelitas de preguiçosos, ele aumentou a carga sobre o povo... E tudo ficou impune, tudo ficou por isso mesmo; o Senhor nada fez! O Altíssimo deixa claro a Moisés que somente pela Sua mão o povo poderá sair da treva da perdição do Egito. A salvação é e será sempre obra do Senhor, dom gratuito e amoroso!

a) Nem sempre Moisés vai compreender isto! Ele tem a tendência de olhar para si, para suas possibilidades e capacidades e não para o Senhor: “Quem sou eu para ir ao faraó?” (cf. 3,11); E insiste: “Eu não sou um homem de falar... Eu não sei falar com facilidade... Eu não sei falar com facilidade...” (4,10; 6,12; 6,30).

Sempre o mesmo lamento, sempre o mesmo erro: olhar para si mesmo, para o próprio umbigo e não para o Senhor, Aquele de braço estendido e mão poderosa!

b) Na sua vida, você procura crescer na fé e na consciências que o Senhor é um Deus próximo, um Deus presente, um Deus que age? Conta realmente com o Senhor? Crê na Sua providência? Será que, secretamente, inconscientemente até, não coloca sua confiança em você e na sua própria medida?

c) Recorde as palavras do Salmo; reze-as:

“Se o Senhor não constrói a casa,
em vão labutam os construtores;

se o Senhor não guarda a cidade,

em vão vigiam os guardas.

É inútil que madrugueis,

e que atraseis o vosso deitar

para comer o pão com duros trabalhos

ao Seu amado Ele o dá enquanto dorme!” (Sl 127/126,1s)

2. Releia com atenção o que o Senhor diz nos vv. 2-9. Observe bem e admire:

a) O Senhor como que Se apresenta de novo a Moisés: “Eu sou o Senhor!”. Por que faz isto? Porque sempre será preciso agir assim conosco, tão propensos a esquecer, a fechar o coração! Como temos o coração velhaco e inconstante! Hoje, o Altíssimo nos parece tão presente, tão próximo; logo depois, tão ausente, tão desconhecido, tão distante... O Senhor nos recorda sempre, de novo, Quem Ele é, o Seu amor, a Sua fidelidade, o Seu compromisso para com os Seus fiéis... “Fica atento a ti mesmo para que não esqueças o Senhor teu Deus, e não deixes de cumprir Seus mandamentos! Não vás dizer em teu coração: ‘Foi a minha força e o poder das minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas’. Lembra-te do Senhor teu Deus, pois é Ele quem te concede força para te enriqueceres, mantendo a Aliança que jurou a teus pais, como hoje se vê!” (Dt 8,11.17s).

b) Observe que Ele não Se apresenta teoricamente, como para satisfazer nossa curiosidade, mas Se apresenta, explica o Seu Nome, mostrando-Se como o Deus fiel, próximo, salvador: Ele é Aquele que apareceu aos patriarcas, fez aliança com eles para lhes dar a terra prometida, agora promete arrancar e resgatar o Seu povo e introduzi-lo em Canaã: “E vós sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus!” (v. 7)

Nunca se esqueça, Amigo e Irmão: o conhecimento de Deus não é teórico; é experimental, dá-se caminhando com Ele e diante Dele: “Caminha Comigo, anda na Minha presença, então saberás quem Eu sou!”

Observe ainda que o Santo vai Se revelando aos poucos, progressivamente, como uma pessoa se revela a outra. Isto acontece deste modo porque se trata de um conhecimento vivo, interpessoal, coração a coração, vida a vida!

c) Como se adquire um conhecimento assim? Rezando, escutando Sua Santa Palavra, recebendo os Seus sacramentos e procurando cumprir a Sua Santa vontade. Este é o caminho! Não deixa de ser impressionante tantos que se mostram devotos, piedosos e, no entanto, na vida prática fazem do seu modo, sem verdadeira obediência ao Senhor! E não esqueça, Irmão: a obediência dá trabalho, é dolorosa, exige conversão, exige mortificação, exige o sacrifício da nossa vontade, do nosso entendimento, dos nossos sentidos. E sacrifício aqui não no sentido de aniquilamento do nosso ser, mas de oferta de amor e de louvor ao Senhor! Lembre que em Jesus, nosso Senhor, obediência amorosa e sacrifício obediente se unem na cruz gerando vida e salvação para a humanidade. Irmão, Irmão! Não se pode conhecer verdadeiramente o Senhor sem conversão, não se pode experimentar o Senhor sem, de verdade, abrir espaço para Ele na nossa vida: para o Deus vivo e verdadeiro, amoroso

e atuante, Aquele que sempre deseja nos libertar do Egito para nos fazer subir, subir de nossas estreitezas, de nossas escravidões, de nossos vícios, de nossos pecados...!

d) Cuidado, pois, para não reduzir o Deus vivo e verdadeiro a um conceito, a uma teoria, a uma ideia! Ele é o Senhor, mas somente será o meu Senhor se for, de fato, o Senhor da minha vida, que inspira, norteia e define as minhas escolhas e os meus atos! Caso contrário, o meu Deus não passa de um ídolo tolo e vazio!

Procure responder pensando na sua vida concreta: o Senhor tem sido realmente o seu Deus?

3. Uma ideia forte neste capítulo é aquela de aliança. Trata-se de um pacto que Deus fez com os patriarcas e agora fará com todo o povo de Israel: “Tomar-vos-ei por Meu povo, e serei o vosso Deus!” (v. 7). Aqui, o Senhor promete ser o Deus de Israel, todo para Israel, e Israel deverá comprometer-se a ser todo para o Senhor. No Cântico dos Cânticos, esta aliança é expressa com uma belíssima imagem de amor conjugal: “Meu Amado é meu e eu sou Dele” (2,16) ou, ainda, “Eu sou do meu Amado e meu Amado é meu” (6,3). Eis a aliança entre Deus e Israel: de amor, de exclusividade, de entrega, de fidelidade! Séculos depois, o profeta Jeremias recordará esta aliança a Israel tentado pela infidelidade: “Assim disse o Senhor: ‘O que encontraram os vossos pais em Mim de injusto, para que se afastassem de Mim e corressem atrás do vazio, tornando-se eles mesmos vazios? Eles não perguntaram: Onde está o Senhor que nos fez sair da terra do Egito? Os sacerdotes não perguntaram: Onde está o Senhor? Meu povo trocou a sua Glória pelo que não vale nada!’ (2,5s.8)

a) Esta aliança cumpriu-se de modo pleno no sangue derramado amorosamente pelo nosso Salvador, Esposo bendito da Igreja, novo Israel. Do sangue bendito da nova e eterna Aliança nasceu a Igreja, a amada Esposa do Amado (cf. Mt 26,27s). A Aliança foi selada para sempre; nela nós entramos pelo nascimento no Espírito do Batismo, nela amadurecemos no Espírito pela Crisma e dela nos alimentamos pela Eucaristia, alimento espirituado, cheio de Espírito divino! Lembre: aliança selada não em simples palavras ou belos sentimentos, mas na fidelidade, na entrega total e amorosa do Senhor, que espera de nós uma entrega efetiva e concreta, na carne da nossa vida.

b) Leia Rm 12,1-2: Este é o culto, esta a liturgia, está a vida daquele que é membro do Povo da nova e eterna Aliança! Este deve ser o nosso constante programa de vida! Reze:

Senhor meu Deus, arranca-me do Egito de minhas trevas;

não deixes que elas me prendam em minha própria escuridão,

e eu saberei que Tu és o Senhor!

Livra-me, ó Salvador, de minhas auto-suficiências,

faz-me reconhecer Tua graça que me sustenta,

e eu verei que Tu és o Senhor, único Deus verdadeiro!

Mostra-me o Teu Rosto quando nuvens escuras e carregadas

esconderem de mim a luz da Tua Glória,

fazendo vacilar minha fé...

E mesmo na dor, no pranto e na peleja, eu Te louvarei

E bendirei o Teu santo Nome!

Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó,

Deus que chamaste Moisés,

Deus que fizeste de Israel Teu primogênito,

Deus presente,

Deus atuante,

Deus potente,

Deus silencioso,

Deus fiel,

Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,

arranca-me do Egito,

salva novamente a Tua Igreja Santa e católica

e tem piedade de mim, pecador!

Meditação VII

Reze o Salmo 119/118,49-56

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 7

1. A Escritura é um texto inspirado por Deus. Escrito de modo humano, fruto de muitos escritores, de retoques em gerações sucessivas, o texto atual, assim como se nos apresenta hoje, é Palavra de Deus em forma humana, é a própria Palavra do Eterno! Por isso, também as aparentes contradições e incongruência têm seu sentido e seu mistério! “Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus, que conheces os mistérios e guardas os segredos!”

2. Cinco vezes, neste capítulo 7, diz-se que o Senhor Deus endureceu o coração do faraó (cf. vv. 3.13.14.22.23) Que significa isto? Que não somos realmente livres? Que somos fantoches nas mãos de Deus? Que nossa vida é um jogo de cartas marcadas? Não! Nada Disto! A Escritura apenas quer nos dizer que, de um modo que não compreendemos, Deus tudo sabe de antemão, tudo ordena com sabedoria, tudo tem em Suas mãos benditas... Mas, por outro lado, dentro desta mesma providência divina, dentro desta mesma presença do Senhor, nós somos realmente livres e responsáveis pelas nossas escolhas, decisões e atos! É um mistério que nos ultrapassa!

a) Faraó era livre para ter reconhecido o Deus de Israel, era livre para deixar Israel partir... Mas, não deixou... E, misteriosamente, o Senhor Deus, já incluía isto nos Seus planos, ainda que, certamente, inspirasse faraó a fazer o bem! Não, não compreenderemos nunca esta misteriosa junção, “concorrência”, da energia divina com a energia humana, essa sinergia! Tudo é providência do Deus que tira do mal o bem e tudo é escolha e ação humana!

Olhe que quando fazemos o bem, mesmo conscientes que fomos nós que o fizemos, sentimos a necessidade de levantar o olhar ao Céu e dizer: “Obrigado, Senhor!”

É importante saber da graças pelo bem que se fez, pela fidelidade vivida, pelo coração fiel! – “Senhor tudo é obra Tua! Obrigado pelo bem que em mim realizaste, pois de Ti vem o querer e o realizar! (cf. Fl 2,13)

b) Por outro lado, Deus sabe tirar de tudo proveito e até do mal Ele pode tirar o bem e, nele, manifestar a Sua Glória. No faraó duro de coração, o Senhor revelará Seus prodígios e sinais (cf. v. 3), pondo Sua mão poderosa sobre o Egito (cf. v. 4) e mostrando ao faraó que Ele é o Senhor! O faraó e o Egito, que perguntaram com desprezo “Quem é o Senhor? Não O reconhecemos!”, agora saberão quem é o Senhor! “Saberão que Eu Sou o Senhor!” (vv. 5.17).

c) Muitas vezes, as situações de aperto e sofrimento, de impotência e fracasso nos são pedagógicas, são instrumento da pedagogia do Altíssimo. Se formos soberbos e débeis na fé, esfriamos o coração e abandonamos o Senhor; mas, diante dos apertos, se formos humildes e profundos na fé, reconheceremos que somos dependentes do Senhor Deus e nos entregamos em Sua mãos benditas e, então, saberemos que Ele é o Senhor! Tão grande, tão amoroso, tão misterioso, tão fiel! Diante da ação de Deus, o soberbo se fecha de vez e de vez descrê; o humilde aprende a reconhecer o Santo e diz: “Bendito sejas Tu, que guardas os segredos!” Nas dores e escuridões, seja esta, Irmão, a sua oração... E as trevas mais densas far-se-ão luz! Lembre: “Mesmo a treva não é treva para Ti, tanto a noite como o dia iluminam!” (Sl 139/138,12); “Senhor, Tu és minha lâmpada; meu Deus, ilumina minha treva!” (Sl 18/17,29).

2. O Senhor diz que fará de Moisés um deus para o faraó (cf. v. 1). Que significa isto? Moisés torna-se para o faraó um canal da vontade do Altíssimo, um mensageiro do Eterno. Moisés é um deus para faraó não porque seja grande ou porque fala o que deseja, arbitrariamente, mas precisamente porque fala somente as palavras que o Senhor Deus ordenar que ele fale!

Aqueles que pregam a Palavra nunca esqueçam quando pregam, quando ensinam, quando aconselham, quando falam: suas palavras não devem ser suas, mas as próprias palavras do Senhor: Ele coloca em nossa boca Sua santa Palavra e, então, nós nos tornamos como um deus – pobre e luminoso sacramento do próprio Deus – para os nossos irmãos!

Uma das chagas da Igreja atual é que muitos e muitos pregadores pregam suas ideias, suas ideologias, suas análises e não a Palavra santa, viva e eficaz do Senhor Deus! Neste caso, não passam de falsos profetas. E a sentença do Santo para esses é tremenda: “Nos profetas de Samaria vi uma loucura: profetizaram em nome de Baal e levaram a erro o povo de Israel. Mas, nos profetas de Jerusalém vi coisa horrorosa: adultério e obstinação na mentira. Eles fortalecem as mãos dos perversos, para que ninguém se converta de sua maldade! Assim disse o Senhor dos Exércitos: Não ouçais as palavras dos profetas que vos profetizam: enganam-vos, relatam visões do seu coração, não da boca do Senhor;

eles ousam dizer àqueles que Me desprezam: ‘O Senhor falou: a paz estará convosco!’ e a todos os que seguem a obstinação do seu coração, dizem: ‘Não vos acontecerá nenhuma desgraça!’” (Jr 23,13-14.16-17)

b) Cuidado, Irmão, com o que você ouve, no que acredita, a quem segue! Cuide de ouvir e seguir aquele que não fala de si ou de suas ideias, mas sim, fielmente, diz o que o Senhor diz, ensina o que o Senhor fala e revela a santa vontade Daquele que, muitas vezes, para o nosso bem, nos fustiga e corrige!

3. “Moisés tinha 80 anos quando falou ao faraó” (v.7). Moisés viveu 40 anos no Egito, passou 40 anos com Jetro, seu sogro... Quarenta é um número perfeito! Isto significa que ele viveu bem todas as fases de sua vida, sabendo ser fiel, em cada tempo, aos tempos de Deus. Depois, por mais 40 anos guiou Israel e morreu com 120 anos (= 3 x 40): Moisés foi um homem plenamente realizado: “tinha cento e vinte anos quando morreu; sua vista não havia enfraquecido e seu vigor não se esgotara” (Dt 34,7). São Moisés é um exemplo para todos nós: viver diante do Senhor, viver para Ele, vivendo cada momento da vida diante do Senhor! Assim, viver plenamente, enxergando com clareza este mundo e fortalecido pelo vigor que vem do Espírito do Senhor!

4. Um alerta importante: os magos do Egito imitaram os prodígios que Moisés realizou (cf. vv. 11 e 22). Milagre nunca foi sinal definitivo ou argumento fundamental na busca da verdade do Senhor! Ainda hoje são tantos os que imitam os milagres com verdadeiros shows televisivos de curandeirismo, charlatanismo e superstição! Quem acredita nessa gente é culpado sim! O Senhor avisou, o Salvador preveniu: “Então, se alguém disser: ‘Olha o Cristo aqui!’ ou ‘ali’, não creiais. Pois hão de surgir falsos Cristos e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Eis que vos preveni!” (Mt 24,23ss). O Diabo e seus servos arremedam as obras do Senhor: mas, não são capazes de dar a paz e suas obras são efêmeras e, por fim, destrutivas e desagregadoras do coração!

É necessário estar atentos não primeiramente a milagres, mas ao que se prega, à legitimidade de quem prega, à vida do pregador, aos frutos na vida das pessoas... Os milagres são o último e menos importante critério de verdade!

5. Um último ponto. Duas vezes o texto sublinha a insistência do Senhor: “Deixa o Meu povo partir, para que Me sirva no deserto!” (vv. 16.26) Já meditamos sobre isto; mas o Senhor insiste e nós devemos insistir também, em obediência a Ele: o Eterno nos liberta para Ele, para vivermos na Sua amizade, para servi-Lo, fazendo a Sua vontade e cumprindo os Seus mandamentos! Atenção, que partir do Egito, partir da escravidão é partir de nós mesmos do nosso jeito e nos nossos modos para ir para nós do jeito de Deus! E isto exige contínua conversão! Pense nestas coisas! Reze estas coisas!

6. Reze o Salmo 130/129

Meditação VIII

Reze o Salmo 119/118,57-64

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 8

1. Ainda não falamos de Aarão: ele foi colocado por Deus ao lado de Moisés. Quando este reclamou que não falava com facilidade, pois provavelmente era gago, o Senhor não o cura: dá-lhe Aarão, que falava bem (cf. 4,14), como auxiliar, de modo que Moisésalaria em nome de Deus e Aarão, ouvindo a Moisés,alaria e faria em nome do seu irmão: é Aarão quem segura a vara de Deus, é ele quem a estende, realizando os prodígios do Senhor (cf. 4,30; 7,1s.9.11.19; 8,1).

a) Esta situação dá-nos uma importante lição: é o Senhor quem age; somos Seus servos, importantes e ao mesmo tempo totalmente dispensáveis! O protagonista da libertação de Israel não é Moisés, não é Aarão, é o Senhor, o Santo! Não é Moisés que importa; não é Aarão que importa; é o Senhor que é indispensável, que é Salvador: “Quando alguém declara: ‘Eu sou de Paulo’, e outro diz: ‘Eu sou de Apolo’, não procedeis de maneira meramente humana? Quem é, portanto, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei, Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus, que dá o crescimento” (1Cor 3,4-7).

b) Moisés, sozinho, não poderá cumprir sua missão: necessita verdadeiramente do seu irmão, Aarão, que é diferente dele e tem dons que ele não possui. Assim é na Igreja, em todas as suas realidades e âmbitos: o Senhor age pelo Seu Espírito e suscita os Seus servos com habilidades e dons diversos e complementares. Quem se julga detentor da totalidade dos dons, peca contra o Espírito do Senhor; quem, por inveja, apego ao poder e ao prestígio, pretende ter a totalidade do Espírito do Cristo e chega mesmo a sufocar e rejeitar os dons que o Altíssimo soberanamente deu a outros para o bem do Corpo da Igreja, sufoca o Espírito e peca por infidelidade! Só o Senhor é o Tudo, só o Senhor é o dono do Seu povo e a Vida da Sua Igreja, só o Senhor é Deus!

Os que têm autoridade, os que recebem determinados carismas, os que são guias que se examinem e se convertam constantemente para não pecarem querendo “tomar posse da graça de Deus”! Ninguém se apossa da graça e quem pensar que o faz, somente perde-a!

c) A este propósito, deve-se ler 1Cor 12,4-30). Não ouse pensar: “Já sei o que está escrito ali! Não seja presunçoso de achar que já esgotou a riqueza da Palavra do Senhor! Ele fala sempre de novo, Ele sempre nos diz coisas novas, nos educa e reeduca para o nosso bem! Deixe a leviandade, abandone a descrença, afaste-se de presunção e leia, ouvindo – leia com os lábios, em voz baixa! – o texto que em Nome do Senhor agora indico! Leia, aprenda, acolha e viva, para a sua salvação, a alegria de outros, o bem dos seus próximos, o enriquecimento da Igreja e a glória de Deus! E guarde bem: nenhum carisma, nenhum ministério pode ser vivenciado na Igreja de modo solitário: é no interior da totalidade do Corpo do Senhor, para o bem de todos e de forma complementar com os demais ministérios e carismas! Absolutamente ninguém está acima disto ou disto dispensado! Quem fizer diversamente, peca contra o Espírito e prejudica a obra de Deus!

d) Reze o Salmo 131/130

2. Observe que toda esta peleja entre israelitas e egípcios é, na verdade uma querela entre o Senhor e os deuses do Egito. Faraó havia dito, em nome dos seus deuses inexistentes: “Quem é o Senhor, para que eu ouça a Sua voz? Não O conheço!” (4,2s) Pois bem, esse poderoso rei terá de aprender quem é o Senhor! Moisés não esquecera as palavras prepotentes do faraó; agora lhe diz: “... para que saibas que não há ninguém como o Senhor nosso Deus!” (v. 6). Até a descrença do faraó, até a obstinação

do seu coração duro, está nas mãos do Senhor : “Faraó... o seu coração ficou obstinado. E não ouviu, como o Senhor havia dito... Endureceu-se o coração de faraó... como o Senhor havia dito” (vv. 11 e 15).

Nunca esqueçamos: só o Senhor é Deus, no céu e na terra; tudo está em Suas mãos, até a fé dos ateus!
Reze o Salmo 146/145

3. Outro tema importante neste capítulo e em toda a narrativa da saída do Egito é o da dureza do coração de faraó! Por incrível que possa parecer, trata-se de uma imagem do coração humano: do meu e do seu! Podemos sim, de tal modo ser autossuficientes, de tal modo apegados ao pecado, que tenhamos o coração endurecido, incapaz de abrir-se para o Senhor! Cuidado, Irmão: do início ao fim das Escrituras há gente que se perde para sempre, dana-se no Inferno pela dureza de um coração arrogante, autossuficiente, preso às próprias ideias e concepções, incapaz de ouvir o Senhor e de se deixar ferir por Ele: Deus indica um caminho e esses fazem de outro modo, seguem sua própria medida, sua medida humana, na dureza de seus corações!

a) Veja como Faraó resolve deixar o povo sacrificar, mas do seu modo, sem sair para o deserto: “Ide, ofereci sacrifícios ao vosso Deus nesta terra” (v. 21). Não serve! Deus mandara o povo ir por três dias de deserto! A Deus se obedece!

b) Um coração teimoso, obstinado, pode chegar a ficar completamente insensível para escutar realmente a Palavra do Senhor; a tal ponto que nem mesmo o castigo converte mais. Pense no dramático texto de Ap 16,9-11: “Os homens, abrasados por calor intenso, puseram-se a blasfemar contra o Nome de Deus, que tem o poder sobre tais pragas. Mas, não se arrependeram para Lhe tributar glória... Os homens mordiam a língua de dor, e blasfemaram contra o Deus do Céu por causa de suas dores e úlceras. Mas não se converteram de sua conduta...” Cuidado! Nenhum de nós está livre de cair numa dureza miserável destas! De pecado em pecado, de desculpa em desculpa, de dureza em dureza, o coração vai se endurecendo, a consciência já não vai vendo mais pecado em nada; vai-se fazendo uma moralzinha de encomenda... E o que sobra é a morte da alma, o frio de um coração duro!

E nem vale dizer: Todo mundo pensa assim, todo mundo faz assim! Deus sabe muito bem separar israelitas e egípcios, bons e maus, piedosos e ímpios: “Eu colocarei um gesto libertador entre o Meu povo e o teu povo!”, diz o Senhor ao faraó! Haverá castigo para o Egito; não para Israel! O Senhor sabe separar bons e maus! Converta-se você: “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição! E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram” (Mt 7,13s). Palavra fora de moda, palavra antipática, palavra politicamente incorretíssima, palavra que nos liberta, palavra do Senhor, palavra da salvação!

c) Reze, repita, contrito:

“Lembra-Te, Senhor, do que nos sucedeu,

vê e considera o nosso opróbrio!

O jugo está sobre o nosso pescoço, empurram-nos;

estamos exaustos, não nos dão descanso.

A alegria desapareceu de nosso coração,

converteu-se em luto a nossa dança.

Caiu a coroa de nossa cabeça.

Ai de nós, porque pecamos!

Eis por que nosso coração está doente,

eis por que se escureceram os nosso olhos!

Mas, Tu, Senhor, permaneces para sempre:

Teu trono subsiste de geração em geração!

Por que nos esquecerias para sempre,

nos abandonarias até o fim dos dias?

Faze-nos voltar a Ti, Senhor, e voltaremos!

Renova nossos dias como outrora!

- Ou será que nos rejeitas totalmente,

irritado, sem medida, contra nós?" (Lm 5)

Cuidado! Cuidado! Não se brinca com o Senhor, com o Santo!

4. Um último aspecto! Tenha só um pouquinho mais de paciência! O Senhor diz a faraó algo surpreendente ao ameaçá-lo com as moscas: "Naquele dia, separarei a terra de Gessen, em que reside o Meu povo, para que nela não haja moscas e saibas que Eu sou o Senhor, no meio desta terra!" (v. 18). Deveras impressionante: Deus diz a faraó que quem manda no Egito é Ele, o Senhor! Ele mandará moscas em todo o Egito, menos na região egípcia onde habitam os hebreus! O Santo não é Deus apenas de pedaços de povos, de parcelas de regiões: Ele é o Senhor, o Absoluto, o Deus único de tudo e de todos!

a) Agora pense: Ele é também o Deus de todo o seu ser, de todo o seu coração, de toda a sua vida, de todos os seus atos, de todos os seus afetos, de todos os seus bens, de todas as fases de sua vida! Ele não é seu Deus pela metade; Ele não aceita que haja regiões de seu coração, pedaços da sua vida que não sejam Dele, que não estejam na Sua santa presença!

b) Agora responda a você mesmo diante Daquele que sonda o seu coração: que pedaços de sua vida, que regiões do seu coração você anda escondendo, subtraindo do Senhor?

Volte para Ele! Diga: "Eu sei, ó meu Deus, que provas os corações e que amas a retidão; e foi na retidão do meu coração que Te dei todas as coisas!" (1Cr 29,17).

Pronto! Basta por agora! Vá rezar!

Meditação IX

Reze o Salmo 119/118,65-72

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 9

1. Nesta capítulo, aparecem alguns elementos novos no combate entre o Senhor, Deus de Israel e os deuses do Egito, adorados pelo faraó.

a) Primeiramente, chama atenção o total controle do Senhor Deus sobre a terra do Egito! Não é faraó o verdadeiro senhor do Egito, mas o Altíssimo, Deus de toda a terra:

- Ele separa o rebanho de Israel do rebanho dos egípcios, que perecerá com uma peste severa (cf. v. 4);

- Ele livra a terra de Gessen, onde habitavam os hebreus, para que não padeçam com as pedras que cairiam sobre os egípcios (cf. v. 26);

- Ele fixa o tempo preciso para que venha a terrível chuva de pedras fumegantes sobre todo o Egito (cf. v. 5);

- Ele cumpre exatamente o que tinha dito, sem ninguém que O impeça (cf. v. 6);

- Ele Se impõe cada vez mais ao faraó e aos egípcios: faraó deve reconhecer que ninguém Lhe é semelhante em toda a terra; deve ter consciência de que se o Santo quisesse, já teria feito desaparecer faraó e todo o Egito; deve saber que se o Senhor os poupou é para que vejam o Seu poder e para a glória do Seu Nome (cf. vv. 14-16). Enfim, o senhor do Egito e da terra não é faraó, mas o Deus vivo e santo de Israel: “Para que saibas que a terra é do Senhor!” (v. 29). Faraó chega mesmo a reconhecer a contragosto: “Desta vez eu pequei: o Senhor é justo; eu e o meu povo, porém, somos ímpios!” (v. 27)

b) Observe, caro Irmão, que o deboche inicial do faraó ao perguntar com ironia “Quem é o Senhor? Não O conheço!” é o pano de fundo de toda esta atitude do Senhor Deus!

Também nos nossos dias, nossa cultura ocidental debocha de Deus: Quem é o Senhor? Não O reconhecemos! Dele estamos livres! Dele queremos distância! Ele não passa de ilusão! – Eis a atitude do Ocidente, outrora cristão... Com temor e espírito de fé no Senhor, devemos nos perguntar aonde tudo isso vai levar a humanidade e, sobretudo, a civilização ocidental... Não! As perspectivas não são boas! Não se pode jogar o Senhor na lata do lixo impunemente...

E eu? E você? Quantas vezes somos tentados a fazer do nosso modo, perguntando sem perguntar, exclamando sem dizer diretamente: “Quem é o Senhor? Não O conheço!” Toda vez que preferimos a nós mesmos, aos nossos interesses e modos de pensar ao invés de escutar o Senhor, assumimos, de certo modo, a atitude do faraó...

2. Neste sentido, aparecem aqui duas expressões muito interessantes e preciosas: a Escritura fala que alguns egípcios “temeram a palavra do Senhor” e outros “não puseram no coração a palavra do Senhor” (v. 20).

a) Temer a palavra do Senhor é escutá-Lo, é levá-Lo a sério na nossa vida, é verdadeiramente procurar colocar em prática os Seus mandamentos, vivendo de acordo com a Sua santa vontade.

b) Não por no coração a palavra do Senhor é ouvi-la com leviandade, é não leva-la a sério, é deformá-la submetendo-a aos nossos caprichos e gostos, adaptando-a às modas e marés do mundo! Assim, inutiliza-se a palavra do Senhor!

c) Recorde qual o primeiro mandamento, fundamento de todos os outros: como a Escritura o descreve? Como ele inicia? “Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus, o Senhor é Um! Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração...” (Dt 6,4) Temos sempre de voltar a ouvir o Senhor, de deixar que Sua palavra penetre e fecunde a nossa inteira existência! Isto é crer, isto é temer a palavra do Senhor, isto é amar o Senhor!

d) Reze o Salmo 1

3. Outro dado digno de nota: os magos do Egito vão sendo derrotados, eles e os demônios aos quais servem! Observe:

- Primeiro, os magos conseguem reproduzir com seus encantos os sinais que o Senhor faz por Moisés e Aarão (cf. v. 7,11.22; 8,3);

- Depois, na terceira praga, os magos já não conseguem reproduzir o prodígio e reconhecem: “Isto é o dedo de Deus!” (8,14s);

- Depois ainda, na sexta praga, a das úlceras, os magos não somente não conseguem reproduzir o prodígio, mas são por ele atingidos de modo vergonhoso: “Não podiam manter-se de pé diante de Moisés, por causa dos tumores!” (9,11). Os servos dos deuses egípcios não mais conseguem manter-se de pé diante do servo do Deus vivo e verdadeiro!

a) O que os demônios têm a oferecer é ilusão: cedo ou tarde tudo desaba, tudo desanda, pois eles são ídolos, e os ídolos são Nada, são Vazio e Ilusão:

“O nosso Deus está no Céu

e faz tudo o que deseja.

Os ídolos deles são prata e ouro,

obra de mãos humanas:

Têm boca, mas não falam;

têm olhos, mas não veem;

têm ouvidos, mas não ouvem;

têm nariz, mas não cheiram;

têm mãos, mas não tocam;

têm pés, mas não andam;

não há murmúrio em sua garganta.

Os que os fazem ficam como eles,

todos aqueles que neles confiam!” (Sl 115,3-8/113B,11-16)

b) Somente na Rocha, que é o Senhor, a nossa vida estará realmente segura! Então, venha o que vier, a casa da nossa vida estará firme!

Em quem você confia? Quem é o seu rochedo?

c) Reze ainda:

“Casa de Israel, confia no Senhor:

Ele é seu socorro e seu escudo!

Casa de Aarão, confia no senhor:

Ele é seu socorro e seu escudo!

Vós, que temeis o Senhor, confiai no Senhor:

Ele é seu socorro e seu escudo!

O Senhor Se lembra de nós

e nos abençoará:

abençoará a casa de Israel,

abençoará a casa de Aarão,

abençoará os que temem o Senhor,

os pequenos com os grandes!” (Sl 115,9-13/113B,17-21)

Meditação X

Reze o Salmo 119/118,73-80

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 10

1. A ideia do endurecimento do coração, de sua obstinação por parte do faraó aparece constantemente nestes relatos da saída do Egito. No início deste capítulo, o Senhor dá uma motivação surpreendente

para tal: “Obstinei-lhe o coração, e o coração dos seus servos, para que Eu faça estes Meus sinais no meio deles e para que narres ao teu filho e ao filho de teu filho como zombei dos egípcios e quantos sinais fiz no meio deles; para que saibais que Eu sou o Senhor “ (vv. 1s).

a) Já observei antes que a Escritura insiste em que o coração do faraó obstinou-se no endurecimento como o Senhor Deus havia anunciado. É um modo de afirmar que o Senhor tudo pode e tem em Suas mãos também o coração humano e tudo somente acontece segundo a Sua providência: “Como ribeiro de água, assim o coração do rei na mão do Senhor: Este, segundo o Seu querer, o inclina” (Pr 21,1). Nunca esqueçamos: a graça do Senhor age verdadeiramente em todos os corações de modos e por caminhos que nos são misteriosos, pois que o desejo de Deus, nosso Salvador, é “que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,3). Mas, concomitantemente, a nossa liberdade é um dado real: o Senhor Deus sustenta e respeita verdadeiramente a nossa liberdade. Por isso mesmo, é necessário ser atentos ao que fazemos de nossas escolhas, como educamos no Senhor a nossa liberdade!

b) Por outro lado, o Senhor sabe sempre colocar tudo em função do Seu desígnio e tirar dos males o bem. O culpável endurecimento do faraó é conhecido pelo Senhor, que dele Se utiliza segundo o Seu desígnio! Querendo ou não, faraó dará glória a Deus: seu endurecimento servirá para que o Santo mostre a Sua grandeza e para que Israel tenha o que narrar, geração após geração, bendizendo o Altíssimo que o arrancou das garras do tirano!

c) Nunca haveremos de compreender como se dá este misterioso encontro, esta impressionante conjugação, concorrência entre a infinita providência do Eterno e a nossa pequena, mas real e efetiva liberdade! É um mistério para ser admirado e por ele rendermos graças ao Deus vivo e providente!

2. No versículo 8, ante a teimosia do faraó, teimosia que conduz à cegueira: de tão teimoso, tão duro de coração, já não consegue ver a catástrofe na qual está mergulhado, os seus próprios servos o alertam, quase que o desafiando: “Acaso não sabes que o Egito está arruinado?”

a) Cuidado, Amigo! Se você tem a tendência a ser teimoso, duro de coração, obstinado! Persistir no erro, desprezar os conselhos e advertências dos demais, podem levá-lo à ruína! Uma coisa é ter convicções, ser perseverante – e isto é bom, é uma virtude! -, outra coisa é ser teimoso, cabeça dura, autossuficiente! Devemos sempre ter o cuidado de procurar a vontade do Senhor, que nos fala nas Escrituras, nos irmãos, na voz da nossa consciência, nas palavras e conselhos dos demais. Faraó julgasse um deus... Pobre homem: não passa de pó que o vento leva! Para ele, valem as palavras do Profeta Isaías contra todos os soberbos de cada época:

“Como terminou o opressor? Como terminou a arrogância?

Como caíste do céu

Ó estrela d’alva, filho da aurora!

Como foste atirado à terra,

Vencedor das nações!

E, no entanto, dizias no teu coração:

‘Subirei até o céu,

Acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono!

Subirei cima das nuvens,

Tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo ‘.

E, contudo, foste precipitado ao Sheol,

Nas profundezas do abismo!” (Is 14,4.12-15)

Interessante notar que o Apocalipse pensa neste texto santo para referir-se a Satanás, o Mentiroso, o Soberbo (Cf. Ap 8,10). Toda soberba, toda arrogância, toda prepotência é satânica, é o pecado fundamental de Satanás!

b) Outro aspecto deste versículo é a ideia de que o pecado nos arruina! Como o fechamento de faraó desgraçou o Egito, arruinando-o, assim também o nosso pecado nos arruinará, destruirá a verdade da nossa relação com o Senhor e nos desagregará e nos deixará espiritualmente estéreis, se não rompermos com ele! Quem de verdade busca o Senhor combate seus vícios, quem verdadeiramente procura o Rosto do Eterno, rompe com seus pecados! Pense nisto! Reconheça o seu pecado, confesse-o e procure sair dele! Reze o Salmo 31/32.

3. Mais um aspecto para a nossa meditação de hoje: nos vv. 8-9.24-26 o faraó procura limitar aqueles do povo de Israel que deverão ir ao deserto para sacrificar ao Senhor: primeiro, permite que vá só os homens, depois, quer deixar partir, mas não os animais... É interessante a resposta de Moisés: “Havemos de ir com os nossos jovens e com os nossos velhos, com os nossos filhos e com as nossas filhas, com os nossos rebanhos e com o nosso gado havemos de ir; porque para nós é uma festa do Senhor. Também os nossos rebanhos irão conosco; não ficará nem uma unha, porque deles haveremos de tomar para servir ao Senhor, nosso Deus; e nós mesmos não saberemos como servir ao Senhor senão quando chegarmos lá”.

a) Vê, meu caro Irmão? Ao Senhor somente se pode servir por inteiro! É uma festa para o Senhor e Israel deve ir todo, com tudo, inteiramente! Triste de quem pensa em se dar ao Senhor pela metade! Iludido aquele que pensa agradar ao Senhor dando-Lhe pedaços da vida, partes do coração... Não se engana a Deus! Ele somente nos aceita por inteiro: “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força... pois o Senhor teu Deus é um Deus ciumento!” (Dt 6,5.15). Por isso mesmo caminhar na presença do Senhor exige e exigirá sempre de nós constante conversão, constante saída de nós mesmos para ir ao encontro Dele e de Sua Santa vontade! Amigo, nunca pense em caminhar com o Santo sem converter-se continuamente! Nunca dê crédito em quem prega um caminho cristão sem necessidade absoluta e constante de conversão, de saída de si próprio, de constante mudança de vida! Recorde de como o Senhor nosso Jesus Cristo iniciou o Seu ministério público de pregação, lembre em que consiste o Seu Evangelho: “Veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho!’” (Mc 1,14s). O cristianismo é um Evangelho, isto é, uma boa, uma alegre notícia: em Jesus, o Deus de Israel nos revela de modo definitivo Seu Rosto paterno e amoroso, mas

somente pode acolhê-lo quem sai de si, quem se deixa, quem rompe com o seu pecado, quem se coloca a caminho!

b) Um outro detalhe digno de atenção: só quando chegar ao local, o Senhor Deus dirá como Israel deve servi-Lo. Em tempos de tanto subjetivismo, de tantas loucuras litúrgicas, de tantas sugestões para tornar a liturgia interessante e atraente, deveríamos recordar que o modo correto de louvar e adorar a Deus é aquele dado pela perene Tradição da Igreja, sem criatividades, sem invenções, sem piruetas, sem sugestões de especialistas que a cada Domingo inventam moda. Tal situação revela somente um vazio interior, uma falta de profundidade humana e espiritual, uma tola e indigna infantilização do Povo de Deus! Sem radicalismos nem ideologias, sem fanatismos ou falta de caridade, procuremos sim ser fiéis à rica e perene tradição orante e litúrgica dos cristãos, manifestadas na liturgia da Igreja. Isto de manifesta particularmente no respeito às normas litúrgicas, que não tem nada de rubricismo. Rubricismo é o apego à rubrica pela rubrica, sem alma, sem profundidade espiritual. O respeito às normas litúrgicas não é rubricismo, mas disciplina, zelo e obediência ao Senhor e à Igreja, que revela maturidade e fé: “Não saberemos como servir ao Senhor senão quando chegarmos lá...” É o Senhor quem dirá... E diz na norma orante da Sua Igreja!

4. Por último, alguns breves pontos para meditação:

a) Talvez você tenha se perguntado: Mas, Israel queria celebrar a Festa pascal para o Senhor ou queria mesmo era fugir? Resposta difícil! Queria sinceramente celebrar a festa. Quanto à saída do Egito, a festa era a condição para sair. Celebrando a Festa do Senhor, Ele indicaria o que fazer depois, Ele providenciaria o restante: “Buscai, em primeiro lugar, o Seu Reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas!” (Mt 6,33).

b) o v. 14 afirma, na praga dos gafanhotos, que nunca houve e nunca haverá uma invasão de gafanhotos como a acontecida no então. É que se trata de uma obra do Senhor, que tudo tem nas mãos: por isso é algo único e nunca haverá igual depois. O Senhor tudo tem nas mãos: os acontecimentos passados, presentes e futuros. Também a sua vida, a minha, a nossa está nas benditas mãos do Onipotente...

c) No v. 16, mais uma vez, faraó se diz arrependido; mas se trata de um arrependimento insincero, pois não tem nenhuma consequência concreta no seu modo de agir. O verdadeiro arrependimento leva necessariamente a uma sincera e esforçada mudança de vida e de atitudes. Neste tempo quaresmal, esteja atento para que o pedido de perdão ao Senhor seja acompanhado do sincero propósito de emenda de vida! Sem conversão, sem luta espiritual para sair do pecado, o arrependimento é falso!

d) A afirmação do v. 23 deve nos fazer pensar: “Em toda parte onde habitavam os israelitas havia luz”... Assim devem ser os cristãos: onde eles vivem, onde trabalhavam, onde estão, deveriam ser luz! Esta luz verdadeira, perene e definitiva é o Cristo nosso Deus! O cristão deve levar ao mundo a luz, a benção, a Vida de Deus! É nossa missão, de todos nós em Cristo. Reze o Salmo 84/83.

Meditação da Palavra de Deus para o II Domingo da Quaresma

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

II Domingo da Quaresma – Ano A

No Domingo passado, primeiro da Quaresma, meditamos sobre as tentações de Jesus. O Cristo Senhor no deserto, lutando contra o diabo, convidava-nos ao combate espiritual, próprio do deserto quaresmal. Sim, porque é isso que o tempo santo que estamos vivendo deseja ser: tempo de retiro no deserto do coração para combater nossos demônios interiores e, pela oração, a penitência, a caridade fraterna, a escuta da Palavra de Deus e a reconciliação sacramental, caminharmos para a santa Páscoa. Este é o caminho para cada um de nós, este o caminho da inteira Igreja peregrina!

Na liturgia deste hoje, ladeado por Moisés e Elias, que também enfrentaram durante quarenta dias e quarenta noites o combate no deserto para experimentarem o fulgor da Glória de Deus, Jesus nos mostra qual a finalidade do nosso caminho quaresmal, Jesus nos revela aonde nos leva nosso combate espiritual. Qual o objetivo? Qual a finalidade? Ei-los: celebrar com Ele a Sua Páscoa, sendo com Ele transfigurado em Glória! Nosso objetivo, nosso escopo, o feliz e gozoso fim do nosso caminho é o Cristo envolto na Sua Glória pascal que nos transfigura também a nós!

Mais que Moisés e Elias, nós seremos envolvidos da glória de Cristo, aquela glória que é o Espírito Santo que o Pai derramou sobre Ele na Sua ressurreição! Passaremos, portanto, do roxo quaresmal, tão sóbrio, para o esfuziante branco pascal, sinal da Glória e da imortalidade, transfigurados em Jesus e por Jesus, o homem perfeito, modelo de todo ser humano que vem a este mundo.

Um dia, meus caros em Cristo, passaremos do roxo das lágrimas desta vida, para o branco da Glória eterna dos que, revestidos da Glória do Cordeiro, haverão de segui-Lo para sempre! De Quaresma em Quaresma e de Páscoa em Páscoa, passaremos da Quaresma deste mundo para a Páscoa da Glória eterna!

Mas, detenhamo-nos um pouco no Tabor do Evangelho hodierno. Ele é prenúncio, uma misteriosa antecipação da ressurreição.

Com Sua bendita Transfiguração, Jesus deseja preparar o Seus para as dores da paixão – do mesmo modo que a Igreja nos deseja alentar e motivar para as renúncias e observâncias quaresmais. Por isso mesmo, Pedro, Tiago e João, os três que estão no Tabor, são os mesmos que estarão no Jardim das Oliveiras. Por isso também o Evangelho de hoje termina com uma alusão à ressurreição de Jesus dentre os mortos e, o relato da transfiguração em Lucas afirma que “Jesus falava de Sua partida que iria consumir-se em Jerusalém” (9,30).

Eis: Moisés e Elias, a Lei e os Profetas dão testemunho da paixão do Senhor: tudo estava no misterioso desígnio de Deus! Após a ressurreição, isso ficará claro: “Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” E começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito” (Lc 24,26-27). Eis que mistério: a Lei (Moisés) e os Profetas (Elias) dão testemunho de Jesus e aparecem iluminados por Ele. Somente Nele, na luz da Sua cruz e ressurreição, o Antigo Testamento encontra sua plenitude e sua luz!

Sendo assim, levantemo-nos! Tomemos, generosos, nosso caminho quaresmal! Também nós somos chamados, como nosso pai Abraão o foi, a sair: sair de nós mesmos, sair de nós velhos para nós renovados, transfigurados à imagem do Cristo Jesus! Tenhamos a coragem de atravessar o deserto interior, enfrentar o deserto do nosso coração, como Moisés e Elias, como o povo de Israel, como o próprio Senhor Jesus, que por nós quis ser tentado no Seu período de deserto! Somente assim chegaremos renovados e purificados ao nosso destino. Este destino não é um lugar, mas uma situação, uma realidade: é o homem novo, transfigurado à imagem do Cristo que, após o tormento imenso da cruz, foi glorificado pelo Espírito do Pai.

Eis o caminho quaresmal: do homem velho ao homem novo, do pecado à graça, do vício à virtude, da preguiça espiritual à generosidade, da morte à vida, da tristeza à alegria, trazendo em nós, na nossa vida, o reflexo da Glória do próprio Cristo Jesus! Não é este o significado das palavras de São Paulo, na segunda leitura de hoje? “Sofre comigo pelo Evangelho. Deus nos salvou e nos chamou a uma vocação santa... em virtude da graça que nos foi dada em Jesus Cristo. Esta graça foi revelada agora, pela manifestação de nosso Salvador, Jesus Cristo. Ele não só destruiu a Morte, como também fez brilhar a Vida e a imortalidade” Eis! Os sofrimentos e lutas desta vida não são pesados se compararmos com o objetivo tão alto que nos preparam!

Caríssimos, que as práticas quaresmais, vividas com generosa fidelidade, arrancando o pecado que nos torna opacos, possam revelar em nós o resplendor da Glória de Cristo a que somos chamados e que já está presente em nós desde o nosso batismo!

Mais ainda: que a novidade de nossa vida transborde para o mundo, que tanto tem necessidade do testemunho dos cristãos. Nunca esqueçamos: este mundo mergulhado na violência (violência da injustiça, violência do desrespeito à dignidade humana, violência da fome, violência dos atentados à paz, violência das drogas e das mentiras, violência da corrupção, violência da imoralidade, violência dos meios de comunicação, violência de minorias organizadas e tirânicas que desejam impor sua visão e sua agenda nefasta, violência da negação de Deus)... Este mundo precisa de nosso testemunho e de nossa palavra, mesmo quando nos rejeita, quando despreza o nome de Cristo, quando deseja esquecer o seu Senhor e pisar os valores do Evangelho!

Deixemo-nos, portanto, transfigurar pelo Senhor e sejamos luz para o mundo! Como pede a oração inicial da Missa hodierna: Senhor, “que purificado o olhar da nossa fé, nos alegremos com a visão da Vossa Glória!” Por Cristo, nosso único Senhor. Amém.

Meditação XI

Reze o Salmo 119/118,81-88

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 11

1. Os vv. 1-3 tratam da benevolência que os israelitas encontraram ante os olhos dos egípcios. Aqui nos interessa uma coisa só: o Senhor tem sempre em Suas mãos benditas o pensamento e o coração dos homens: Ele “fez com que o Seu povo encontrasse graça aos olhos dos egípcios...” Este é um dos fundamentos da oração confiante: de modo misterioso, que realmente nos ultrapassa, o Senhor tudo dirige, na natureza, na história da humanidade, na nossa existência, de modo que nós podemos e

devemos a Ele elevar nossa oração, pedindo-Lhe que guie os acontecimentos da nossa vida e da vida do mundo. Mais uma vez, tome o que o preocupa, o angustia e coloque nas mãos benditas do Eterno; reze também pelas grandes necessidades da humanidade, pelos sofredores, por aqueles oprimidos pelo peso da existência... Reze o Samo 146/145

2. Outro tema importante é ainda Moisés:

a) Primeiro, mais uma vez, sua generosidade: ele, querido no Egito, deixou tudo para estar ao lado dos seus pobres irmãos hebreus. Já meditamos antes sobre isto. Sem saber, Moisés estava já participando da obra redentora de Cristo nosso Senhor. A Epístola aos Hebreus nos recorda isto. Leia Hb 11,24-26. Compreenda o que o texto sagrado nos está querendo dizer: tudo quanto foi vivido no povo da Antiga Aliança, foi em função de Cristo, tudo era participação na obra salvífica de Cristo, tudo, misteriosamente, conduzia ao mistério de Cristo e da Sua Igreja, o novo Israel. Também na sua e na minha vida de cristão, membro do novo Povo de Deus, tudo está em Cristo, tudo é um realizar em nós, completar em nós, vivenciar em nós os mistérios salvíficos de Cristo: “Eu completo em minha carne o que falta às tribulações de Cristo” (Cl 1,24). Nunca esqueça: “Ninguém de nós vive e ninguém morre para si mesmo, porque se vivemos é para o Senhor que vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7s). Isto vale para nós e para os justos do Antigo Testamento, “com efeito, Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos!” (Rm 14,9) Procure, pois, viver sua vida toda em união profunda com Cristo nosso Senhor!

b) No v. 8 fala-se da ira – “ardendo em ira” – com a qual Moisés saiu de diante do faraó. Mais uma vez aparece este homem de Deus, generoso, mas ainda muito imperfeito, com tendência à forte ira, à forte impetuosidade. Mais adiante, veremos que como o Senhor irá polir Moisés, como também nos vai polindo, aperfeiçoando, purificando, dando-nos os sentimentos do Cristo Jesus (Cf. Fl 2,5)...

Cuidado, porque mesmo com pretexto santo, mesmo nas boas causas, devemos vigiar sobre nós mesmos, de modo a não nos deixar conduzir por nossos impulsos, mas sempre pelo Espírito de Cristo, que nos dá os mesmos sentimentos do Senhor Jesus. Quantas vezes, mesmo com intenção reta, nosso procedimento não é bom diante de Deus. Recorde as obras da carne (cf. Gl 5,19-21)... Estas coisas devem desaparecer de nossa vida! E como se faz isto? Sendo abertos à ação do Espírito de Cristo! Eis os frutos do Seu Espírito em nós: Gl 5,22-24. Ele nos cristifica, nos dá a graça de sentir, perceber e agir conforme o Senhor e, assim, verdadeiramente contribuir na edificação do Reino de Deus.

3. O Senhor anuncia que irá passar pelo meio do Egito (cf. v. 4) e julgará o Egito, fazendo distinção entre israelitas e egípcios (cf. v. 7). Deveríamos pensar com muita seriedade no juízo de Deus: Ele distingue entre bons e maus, piedosos e ímpios! Vivemos numa época de forte tendência de não levar realmente em conta que o Senhor nos pedirá contas de nossos atos: com nossa consciência, com nossa liberdade nós vamos construindo a existência como obediência ou rebeldia ao Senhor; e isto acarreará para nós em Vida ou em Morte!

Pense na sua vida, nas opções que você tem feito: sua existência vai tomando a forma de um caminho de vida ou caminho de morte? Os egípcios fariam a dura experiência da morte porque morreram no seu coração fechado para o Senhor! Irmão, nunca esqueça: o pecado gera morte, o pecado mata sempre! Leia com o coração atento e dócil Dt 11,26-28 e reze o Sl 1. Mais uma observação: não

esqueça que o modo como o Senhor nos julgará e avaliará, se caminhamos com Ele ou contra Ele, dirá respeito também ao modo como nos comportamos em relação aos irmãos, de modo especial a quem de nós teve necessidade. A este propósito é sempre urgente ler o tremendo texto de Mt 25,31-46. Leia-o e nele medite seriamente!

4. Caro Amigo, o próximo capítulo do Êxodo, traz-nos a instituição da Festa pascal, coração celebrativo da fé do antigo povo. Convido-o acertar comigo, pensando no que meditamos até agora! Tomemos palavras da própria Palavra de Deus, das Escrituras Sagradas, para admirar e bendizer o Senhor Deus nosso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no Espírito de Cristo foi conduzindo Israel. Recordo só que, no Antigo Testamento, a Sabedoria ora é Cristo ora é o Espírito Santo de Cristo. Oremos, pois:

A Sabedoria divina, “ao povo santo, raça irrepreensível,

libertou de uma nação de opressores.

Entrou na alma de um servo do Senhor,

com prodígios e sinais enfrentou reis temíveis,

assim os justos despojaram os ímpios

e cantaram, Senhor, Teu santo Nome!

Pois Teu grande poder está sempre a Teu serviço,

E quem pode resistir à força de Teu braço?

O mundo inteiro está diante de Ti

como esse nada na balança,

como gota de orvalho que de manhã cai sobre a terra.

Mas, Te compadeces de todos, pois tudo podes,

fechas os olhos diante dos pecados dos homens,

para que se arrependam.

Sim, Tu amas tudo o que criaste,

não Te aborreces com nada do que fizeste!

Se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito.

E como poderia subsistir alguma coisa, se não a tivesses querido?

Como conservaria sua existência, se não a tivesses chamado?

Mas, a todos poupas, porque são Teus:

Senhor, Amigo da vida!
Todos levam Teu Espírito incorruptível!
Por isso, pouco a pouco, corriges os que caem,
E os admoestas, lembrando-lhes as faltas,
para que, tendo-se afastado do mal, creiam em Ti, Senhor!
Se lhe anistiaste as faltas,
não foi porque tiveras medo de alguém.
Pois, quem pode dizer-Te: ‘Que fizeste?’
Ou quem se oporia à Tua sentença?
Quem Te denunciaria por teres feito perecer
nações que Tu criaste!
Ou quem pleitearia contra Ti
como vingador de homens injustos?
Pois não há, fora de Ti, Deus que cuide de todos,
para que devesse mostrar que ateus julgamentos
não são injustos.
Pois Tua força é o princípio da justiça.
Justo, governas o universo com justiça
E consideras incompatível com o Teu poder
condenar a quem não merece castigo.
Pois a Tua força é o princípio da justiça
e, por seres o Senhor de todos, a todos perdoas.
Demonstras Tua força a quem não crê
na perfeição do Teu poder
e confundes a audácia dos que a reconhecem;
Mas Tu, dominando a força, julgas com moderação

e nos governas com muita indulgência;
fazer uso do Teu poder
está ao Teu alcance quando queres.
Assim procedendo, ensinaste a Teu povo
que o justo deve ser amigo dos homens,
e a Teus filhos deste a esperança
de que, após o pecado, dás a conversão.
Pois se os inimigos de Teus filhos, réus de morte,
com tanta atenção e indulgência castigaste,
dando-lhes tempo e lugar para se afastarem de sua malícia,
com que precaução julgaste os Teus filhos,
a cujos pais, com juramentos e alianças,
tão belas promessas fizeste?
Assim, nos instruis quando castigas
nossos inimigos com medida
para que, ao julgar, nos lembremos da Tua bondade
e, ao sermos julgados, contemos com Tua misericórdia” (Trechos dos capítulos 11 e 12 do Livro da Sabedoria, meditando sobre eventos da saída dos israelitas do Egito).
Portanto, em tudo e por tudo, sejas Tu bendito, ó Altíssimo,
e exaltado seja por mim e por meus irmãos o Teu Nome santo,
por meio do Teu bendito, santíssimo e divino Filho Jesus Cristo, Senhor nosso,
na unidade perfeita, santa, infinita, eterna, imperecível e incompreensível
do Teu Divino e Divinizante,
Santo e Santificante,
Vivo e Vivificante Espírito de Amor,
hoje, na Igreja, nossa Mãe católica, Teu novo povo,
e por todos os séculos dos séculos. Amém!

Meditação XII

Reze o Salmo 119/118,89-96

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 12,1-14

1. Chegamos a um dos pontos altos do Êxodo: a instituição da Páscoa como festa da libertação de Israel e seu nascimento como nação e como povo!

a) O início é solene: “Este mês (abib – antes do Exílio, nisan – depois do Exílio) será para vós o princípio dos meses; será o primeiro mês do ano” (v. 2). O Eterno, senhor dos tempos, estabelece os tempos do Seu povo! Veja, Irmão: o tempo começa a ser contado anualmente com a festa da Páscoa! Só um povo livre tem tempo, enche os tempos com o sentido dado pela sua liberdade! Israel agora entra no tempo, é senhor dos seus momentos! Tudo começa com a Páscoa; aqui tudo se faz novo! Mas, o tempo de Israel é, primeiramente, para festejar o Senhor! Somente em Deus nossos tempos têm gosto de eternidade. Sem Ele, nossos tempos tão passageiros somente correriam para o nada!

b) Por isso mesmo, o Senhor nosso Jesus Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana, primeiro dia de um novo tempo, o mesmo primeiro dia no qual o tempo começou, quando o Altíssimo disse: “Faça-se a luz!” (Gn 1,3.5). Com a Páscoa do nosso Cristo Salvador, também para nós, novo Israel, Igreja santa, tudo tem princípio. É importante compreender que o Domingo não faz parte do fim de semana, mas é o primeiro dia da semana, o primeiro dia de um novo tempo que já é sacramento do Tempo eterno, na plenitude da Glória do Reino, Dia que não terá fim, pois sua luz será o Cordeiro! Todo Domingo é, para nós, princípio do tempo: tempo novo, chance nova, para uma vida nova em Cristo nossa Páscoa!

c) Pense um pouco: O que significa para você o Domingo? Como o tem vivido? Este é um dia para o Senhor, para você e para sua família. Para o Senhor, pela oração, o louvor, a Missa com sua comunidade; para você, pelo descanso, o lazer honesto, a boa leitura; para a sua família, pela convivência, a oração em comum, uma das refeições em comum, o divertimento e o diálogo em comum. E o centro de tudo é a participação no sacrifício pascal da Eucaristia! Como você tem cultivado tudo isto?

2. É toda a comunidade de Israel, toda a assembleia do povo santo de Deus que deverá celebrar a Páscoa. Esta, não é uma festa individual ou individualista, mas é a celebração da vida, da liberdade e da aliança de um povo com o seu Deus! Por isso, a refeição pascal tinha que ser em família. Ainda agora, na Nova Aliança, o Sacrifício eucarístico é celebrado por Cristo, que une a Si a Sua Igreja inteira, inteiramente presente na assembleia que oferece o sacrifício e comunga no banquete do Cordeiro pascal. É toda a Igreja, povo sacerdotal, nação santa, que, pelo ministério dos sacerdotes oferece o Cordeiro Pascal ao Pai no Espírito Eterno!

3. “Páscoa” acabou por ser também o nome do Cordeiro que era imolado. Imolar a Páscoa significava imolar e comer em banquete familiar o cordeiro pascal, centro da ceia festiva!

a) O cordeiro pascal deveria ser macho, sem defeito e de um ano, isto é, novo, cheio de vitalidade. Ele seria imolado por “toda a assembleia da comunidade de Israel” (v. 6), numa imolação que era

uma liturgia. A imolação dar-se-ia ao crepúsculo. Esse cordeiro é sagrado: não poderia ser comido, manducado, de qualquer modo, mas segundo normas definidas: nada poderá sobrar dele e, sobrando, deveria ser queimado; nunca comido fora da refeição pascal.

b) Aqui, façamos uma breve pausa. O nosso pensamento, o nosso afeto voltem-se para Jesus! “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1,36). Livrementemente deixou-Se entregar no contexto de celebração da Páscoa judaica do ano 30; Seu sangue bendito, como o do cordeiro da Páscoa judaica, “será como um sinal: quando Eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor” (v. 13). Numa ceia, a última celebrada com os Seus, deu-Se em alimento pascal, como novo, pleno e definitivo Cordeiro para a libertação do novo Povo, nascido das águas do Mar Vermelho do Batismo; Ele, Cordeiro sem defeito, sem mancha, manso e humilde, libertou-nos do Egito do pecado e da morte da alma, entregando-Se totalmente ao Pai em nosso favor. Reze 1Pd 1,18-20.

c) Também é significativo o modo de comer o Cordeiro: assado, com pães ázimos e ervas amargas, tendo os comensais os rins cingidos e cajado de viagem em mãos, todos juntos, em família, e todo o Israel, como uma grande assembleia. Segue-se um rito, portanto, e um rito determinado pelo Senhor: não se inventa, não se busca piruetas, trejeitos, simpatias... Celebra-se ritualmente com toda a seriedade, com toda a gravidade a obra, a tremenda ação salvífica do Altíssimo! Isto é religião, isto é rito religioso, isto sacia de infinito o pobre coração humano, “pondo na treva humana a luz de Deus”!

O modo de tratar o Cordeiro pascal é todo estabelecido, pois ele é coisa santa, coisa sagrada: ele é já imagem prefigurativa do Cordeiro definitivo, o Cristo Senhor nosso!

Os rins cingidos, o cajado às mãos, as sandálias, tudo tem um significado dado pelo próprio Senhor para que Israel aprenda, tome consciência e faça seu, interiormente, o rito sagrado que o Santo lhe deu. Assim também sempre foi, nestes 2000 anos, com os cristãos! As criatividades litúrgicas atuais são aberrantes, são uma grave mutação no DNA judeu-cristão, são um grave mal-entendido, uma lastimável doença, uma verdadeira peste! O rito deve ser realizado sem criatividades, deve ser celebrado com o coração, com o afeto, com reverência diante do Senhor, até que nós entremos nele, no rito, dele nos apropriemos e nos enchamos dele. Aí sim, saborearemos não a nós mesmos e nossos sentimentos, mas mergulharemos no Eterno, no Santo, e Ele nos encherá de Si e de Sua Vida, como surpresa, novidade, apelo que nos tira de nós, de nossos gostos, sentimentos, limites e subjetividades! Uma assembleia que vive isto, vive realmente a liturgia no sentido cristão!

d) Israel deve comer sua Páscoa apressadamente: o Senhor tem pressa: Ele iria passar! Sua passagem é juízo tremendo e santo: Ele passará pelo Egito trazendo morte – que mistério tão grande! -, passará adiante nas casas dos israelitas, concedendo-lhes vida, fará Israel passar pelo Mar rumo à liberdade. Quantas passagens. Não é à toa que a Páscoa foi interpretada como “passagem”! Também hoje o Senhor continua passando pela vida do Seu povo, pela minha pela sua vida... Santo Agostinho dizia: “Eu temo o Cristo que passa...” Percebemo-Lo? Respondemos-Lhe? Seguimo-Lo? Somos descuidados e desatentos em relação a Ele? Cuidado, pois Sua passagem é juízo: pode ser salvação ou perdição!

e) Ainda o Cordeiro pascal: o seu sangue nos portais dos israelitas tornou-se sangue salvífico, imagem daquele outro sangue na travessa do lenho da Cruz... A liturgia cantará:

“As núpcias do Cordeiro
Em brancas vestes vamos.
Transposto o Mar Vermelho,
Ao Cristo Rei cantamos.
Por nós no altar da Cruz
Seu corpo ofereceu.
Bebendo deste sangue,
Nascemos para Deus.
Seu sangue em nossas portas
Afasta o Anjo irado.
Das mãos dum rei injusto
Seu povo é libertado” (Vésperas da Páscoa).
f) Reze 1Pd 2,21-25

Meditação XIII

Reze o Salmo 119/118,97-104

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 12,15 -28

1. A festa da Páscoa dos israelitas é misturada com uma outra festa antiga: a dos Ázimos, isto é, dos pães sem fermento, como o pão da Eucaristia católica. Tanto a páscoa quanto os ázimos são festas que já existiam antes de Israel e foram transformadas pelo Senhor, que lhes deu um sentido ligado à saída do Egito.

a) Como já vimos, a Páscoa consistia na imolação do cordeiro, ele mesmo chamado de Páscoa (imolar a Páscoa significava imolar o Cordeiro pascal), comida assado, com ervas amargas e pão ázimo. O sangue do cordeiro recordava que, marcando as portas dos israelitas, livrou-os da morte de seus primogênitos. O cordeiro pascal era separado no dia 10 do primeiro mês do ano e sacrificado ao entardecer – a partir das 15h, mais ou menos – do dia 14, quando, após o por do sol, se comia a ceia pascal. No ano 30, o dia 14 de nisan caiu numa sexta-feira. Enquanto se imolavam os cordeiros para a Páscoa, o Cristo, nossa Páscoa, nosso Cordeiro pascal, pendia na cruz: “era a Preparação” para a Páscoa (Jo 19,31), que seria comida no anoitecer da sexta-feira para o sábado. Que mistério!

Pensando no santíssimo Senhor nosso, com piedade, reze algumas vezes com os lábios: “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós!”

b) A Festa dos Ázimos, ligada à da Páscoa, durava sete dias: começava no dia mesmo da Páscoa: tirava-se todo o fermento da casa, faziam-se pães sem fermento para comê-los na ceia pascal. Durante sete dias se continuava a comer pães não fermentados, até o dia 21. O primeiro e o último dias da Festa, 14 e 21 de nisan, eram os mais solenes, com uma grande assembleia de louvor a Deus. Tudo isto recordava a saída do Egito, a libertação do Povo de Israel: “Observareis a festa dos Ázimos, porque nesse dia é que fiz o vosso exército sair da terra do Egito. Vós observareis este dia em vossas gerações; é um decreto perpétuo” (12,17).

Para os cristãos, esse pão, usado por Cristo Senhor na ceia, tornar-se-á o Cordeiro imolado! Veja, Amigo, como as duas festas se misturaram e se unificaram em Jesus: Ele é o Cordeiro pascal, imolado na forma de pão ázimo! Ainda mais: o pão sem fermento passou a significar a pureza de vida que a Páscoa de Cristo nos dá. Para os judeus, o fermento simboliza defeitos pessoais, soberba, orgulho. São Paulo recomendava aos cristãos de Corinto, que tinham acabado de celebrar a Páscoa: “Nossa Páscoa, Cristo, foi imolado. Celebremos, portanto, a Festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães ázimos: na pureza e na verdade” (1 Cor 5,7). Ainda hoje esta exortação vale para nós, que nos preparamos para a Páscoa! Que a Quaresma, vivida santamente, nos ajude a tirar do coração e da vida o velho fermento do pecado!

2. A Festa pascal e dos ázimos, uma só festa, deveria ser celebrada por Israel como um memorial perpétuo (cf. 12,14.17). Palavra preciosa, esta: memorial, zikaron! O que significa? Um rito sagrado que torna realmente presente no hoje do Povo santo o acontecimento que é recordado, que é celebrado. Em outras palavras: toda vez que os israelitas celebram a Festa da Páscoa, naquelas palavras, naqueles gestos, naqueles símbolos, naqueles ritos, cada geração de Israel entra realmente e realmente participa daquele sagrado acontecimento ocorrido. Ainda hoje, na celebração pascal judaica, o que preside recorda aos participantes da ceia pascal: “Em cada geração, o homem deve considerar como se ele mesmo tivesse saído do Egito, conforme mencionado: ‘E contarás ao teu filho naquele dia, dizendo: Por causa disso que o Senhor fez para mim quando saí do Egito’. Não apenas nossos antepassados o Santo - bendito seja Ele! - redimiu do Egito, mas também a nós redimiu com eles...”

Esta ideia de memorial entrou no cristianismo: Jesus nosso Senhor, ao celebrar a sua Páscoa na Última Ceia, ordenou que fizéssemos isto mesmo em Seu memorial: nos ritos sagrados do Sacrifício eucarístico, torna-se realmente presente o Cristo imolado e ressuscitado no Seu banquete sacrificial: em cada Eucaristia Ele torna-Se presente, oferecido em sacrifício e dado em comunhão para a salvação nossa e do mundo inteiro. Todos nós, que participamos do Sacrifício eucarístico, entramos realmente em comunhão com a morte e ressurreição do Senhor e comungamo-Lo cheio de Santo Espírito, de modo que Ele vive em nós e nós Nele! A Missa não é nossa festinha, a Missa não é brincadeira, na Missa não cabem criatividades, a Missa é rito santo: “Tira a sandálias dos pés: o lugar onde pisas é santo!”

3. “Ide, imolai a Páscoa!” (12,21). Claramente, a Páscoa judaica e cristã é um sacrifício. Assim, a Eucaristia, nossa Páscoa, é sacrifício do Cordeiro imolado e ressuscitado, na forma ritual de um banquete: banquete sacrificial! Assim, não esqueça:

(a) Quem celebra o Sacrifício eucarístico? O inteiro Povo santo de Deus, Povo sacerdotal, todo presente na Assembleia em torno do Altar.

(b) Como os fiéis oferecem este Sacrifício? Pelas mãos do sacerdote ordenado: ele faz as vezes do Cristo Cabeça, Sacerdote único e eterno da Nova Aliança: “Receba o Senhor por tuas mãos este Sacrifício!”

(c) A Quem é oferecido o Sacrifício? Ao Pai; só ao Pai, o Deus santo!

(d) Quem é oferecido em Sacrifício? O Filho, Cordeiro imolado e ressuscitado: Ele é o Ofertado e o Oferente, a Vítima oferecida e o Sacerdote que oferece e a Si une o Seu Povo sacerdotal!

(e) Como é oferecido o Sacrifício? Na potência do Santo Espírito, que é o Fogo divino que torna a Vítima presente no Altar e devora amorosamente esta Vítima, fazendo-A oferta ao Pai (cf. Hb 9,14; Rm 1,4).

(f) Qual a forma ritual do Sacrifício eucarístico? A forma de ceia, de banquete, prenúncio verdadeiro, sacramento e início do Banquete escatológico, aquele eterno, na Glória da plenitude do Reino do Pai e do Filho e do Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Na santa Eucaristia o Cristo-Vítima é oferecido como holocausto (totalmente consumido pelo fogo do Espírito em oferta ao Pai) e dado em comunhão (como alimento que une todos os participantes à Divindade e entre si). Assim, esta Vítima santa nos une ao Pai no Espírito e as nós, uns aos outros!

a) Reze:

Bendito seja o Senhor nosso Deus por tão grande dom!

Bendito seja o Cristo, nosso Deus Salvador porque Se entrega em nossas mãos como vítima e a nós Se dá como alimento de Vida eterna!

Bendito seja o Espírito Santo, Divino Paráclito, Fogo devorador, no Qual os santos dons são transubstanciados em Corpo e Sangue do Salvador, feitos oferta perfeita ao Pai e alimento de vida para nós!

Bendito seja o Reino do Pai e do Filho e do Espírito Santo agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém!

b) Como vai sua participação na Missa dominical? Você tem se preparado para tão grande Mistério? Procura entrar realmente no rito com piedade, humildade, admiração, espírito de escuta, de acolhimento, de adoração? Você procura desenvolver no seu coração respeito e devoção sagrada pelas coisas santas ou trata a Deus por compadre? Nunca esqueça: Quem vulgariza e banaliza as coisas de Deus, perde de Deus a noção e fica somente com um ídolo miserável... O Senhor Se revela ao humilde, mas de longe reconhece o orgulhoso e longe dele permanece!

3. “Observareis esta determinação como um decreto para ti e teus filhos para sempre. Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que rito é este?’, responderéis: ‘É o sacrificio da Páscoa para o Senhor!’” (12,24.26s)

a) Aqui aparece a obrigação sagrada dos mais velhos de transmitirem a fé aos mais jovens, contando-lhes as maravilhas do Senhor! Os pais cristãos, os avós, os tios, os mais velhos não podem calar sua fé, não podem deixar de falar do Senhor e de Suas obras para as gerações mais novas! Quanta

displacência, quanto descuido, quanta infidelidade nos lares cristãos! E os filhos dos cristãos vivem como pagãos, sem Deus, sem Cristo, sem esperança no mundo, porque seus pais, covardemente, deixaram para a paróquia e para a escola uma responsabilidade que primeiramente é deles: ensinar aos mais novos das famílias as maravilhas e os caminhos do Senhor! Deus pedirá pesadas contas aos mais velhos!

b) “Que rito é este?” Compreende, meu Amigo? Não é o rito que muda, não é o rito que se adequa às modas e aos gostos de cada um! É o fiel, é o jovem que deve aprender o significado do rito e, assim, saboreá-lo, celebrá-lo e vivê-lo! O nome disto no cristianismo é mistagogia, isto é a arte de introduzir o fiel nos santos mistérios, nos santos ritos sacramentais! A bagunça litúrgica atual é uma traição, uma adulteração grave da fé!

4. Reze os três primeiros Salmos do Hallel (do louvor) que os judeus rezavam na ceia pascal e Jesus rezou: 113/112; 114/113A; 115/113B.

Meditação XIV

Reze o Salmo 119/118,105-112

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 12,29 – 13,16

1. “No meio da noite, o Senhor feriu todos os primogênitos na terra do Egito” (12.29). Não deixa de ser impactante esta afirmação. O que quer que tenha havido historicamente, o fato é que as Escrituras dizem que o Senhor feriu, o Senhor tirou a vida dos primogênitos, até mesmo de crianças inocentes...

a) Poderíamos procurar tantas explicações para este procedimento do Altíssimo; mas, aqui, a palavra que mais calha é “mistério”. Deus nos ultrapassa! Sabemos que Ele é o Vivente e o Vivificante; sabemos que Ele ama todas as Suas criaturas – também os egípcios (Cf. Sb11,24-26). Os próprios judeus afirmam que quando os anjos dos céus cantaram vendo os egípcios mortos, o Senhor os repreendeu dizendo: “Como podeis vos alegrar quando Minhas criaturas perecem?”

b) É importante não deixar passar estes versículos “escandalosos” das Escrituras! Também eles são palavra santa de Deus! E têm algo a nos ensinar: os caminhos do Senhor são misteriosos! Não se brinca com Deus, não se volta às costas ao Senhor impunemente, há consequências no sim e no não que dizemos ao Santo! Estas passagens dolorosas e tremendas, que refletem a ira de Deus, recordam-nos que não é uma brincadeira o nosso caminho diante do Senhor: Ele é Deus, Dele viemos, para Ele vamos, a Ele pertence a nossa vida de modo absoluto e radical, a Ele prestaremos conta da nossa existência, do nosso caminho neste mundo. Na sociedade do politicamente correto, numa cultura - inclusive religiosa – na qual o homem se sente o centro e a medida de tudo, é preciso afirmar decididamente: O Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus! Tudo é Dele, por Ele e para Ele; tudo Nele, e só Nele, encontra sentido e consistência! Medite, contemple Eclo 15,11-20.

c) É necessário também compreender que todas as passagens das Escrituras devem ser lidas, compreendidas, interpretadas, vivenciadas à luz do seu centro: Deus é amor; Deus é o Amigo dos homens, Deus é Vivificante, Deus amou tanto o mundo que entregou por ele o Seu Filho único (cf. Jo 3,16)! Este é o centro das Escrituras e tudo nelas deve ser interpretados à luz desse amor eterno

(cf. Ef 1,3-23; Cl 1,9-20: nestes textos aparece bem claro como o desígnio do Senhor Deus, desde o princípio, foi, é e será nos salvar através do Cristo)! Como conjugar essas páginas de sangue, morte e ira com esse desígnio de amor? Será sempre problemático para a nossa pobre e limitada compreensão. Isto pertence ao mistério de Deus, aos Seus insondáveis segredos, Ele que é Mistério Santo e impenetrável! Digamos como os judeus: “Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus, que guardas os segredos!” Reze, com piedade e devoção admirada, o Salmo 136/135. Nunca esqueça: todas as passagens das Escrituras devem ser interpretadas à luz do amor de Deus manifestado na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo que, num Espírito Eterno Se entregou por nós ao Pai!

2. “Subiu também com eles uma multidão misturada com ovelhas, gado e muitíssimos animais” (12,38). Juntamente com os israelitas saíram outros grupos semitas, não israelitas, não adoradores do Senhor Deus. Esses também eram servos no Egito. Eles vão entrar no Povo de Israel, farão parte da Aliança com o Senhor quando Josué, antes da entrada na Terra Prometida propuser a Aliança também a eles (cf. Js 24,1-28). Desde já aparece que, se por um lado, a Aliança do Senhor é com o Seu povo, formado dos descendentes de Abraão segundo a carne, por outro lado, todo aquele que aderir ao Senhor e quiser entrar na Aliança, passará a ser membro pleno do Povo de Deus – veja um pouco mais adiante como estrangeiros e escravos poderão celebrar a Páscoa, desde que sejam circuncidados e entre no Povo de Deus (Cf 12,43-49)! Aqui já se tem o germe da nova e eterna Aliança: o Senhor olha o coração; Ele deseja a salvação de todos e todo aquele que sinceramente quiser servi-Lo será por Ele acolhido. É importante nunca esquecer que o desejo de Deus é que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Por outro lado, é preciso converter-se ao Senhor e, circuncidando-se, entrar no Seu povo! Ainda agora, na Nova Aliança, é assim: pela fé em Jesus como Cristo e Senhor, recebemos o Batismo e podemos participar do banquete pascal no Sacrifício eucarístico: “Batizados num só Espírito para formarmos um só Corpo” (Cf. 1Cor 12,13) no Cristo nosso Deus! Reze o Salmo 98/97, louvando o Senhor de todos os povos, de toda a terra!

3. “Esta noite, durante a qual o Senhor velou para os fazer sair do Egito deve ser para todos os israelitas uma vigília para o Senhor, em todas as suas gerações” (12,42).

a) Coisa linda! O Senhor, como um Deus guerreiro, velou carinhosamente durante toda a noite para fazer o Seu povo amado sair do Egito! Ainda hoje o Senhor continua velando pelos Seus fiéis, pelo Seu povo: “Não dorme nem cochila o Guarda de Israel!” (Sl 121/120,4). Ele vela por mim, vela por você! Reze o Salmo 91/90.

b) Assim como o Senhor velou por Israel na Páscoa e velou na noite terrível do Sábado Santo para o Domingo, para fazer o Seu Cristo atravessar o Mar da Morte, assim, a como o Antigo Povo vela anualmente na Páscoa judaica em honra do Senhor, do mesmo modo, a Igreja, Novo Israel, deve velar na noite da longa Vigília Pascal: as sete leituras da Antiga Aliança, a Epístola, da Nova Aliança, o Evangelho proclamado a Passagem do Senhor saído da Morte: tudo no coração da noite, na luta contra o sono e o cansaço, contra a distração e a dispersão interior... É a humilde e amorosa Vigília do Novo Israel, em honra Daquele que vigiou para arrancar o Seu povo e o Seu Filho amado das garras do Mar tenebroso! Reze, pregustando o que a Igreja rezará no precônio da Vigília Solene em honra do Senhor na Santa noite Pascal:

“Ó noite em que a coluna luminosa

As trevas do pecado dissipou,
E aos que creem no Cristo em toda a terra
Em novo povo eleito congregou!
Ó noite em que Jesus rompeu o Inferno,
Ao ressurgir da morte vencedor:
De que nos valeria ter nascido
Se não nos resgatasse em Seu amor?
Ó Deus, quão estupenda caridade
Vemos no Vosso gesto fulgurar:
Não hesitais em dar o próprio Filho
Para a culpa dos servos resgatar!
Pois esta noite lava todo o crime,
Liberta o pecador dos seus grilhões;
Dissipa o ódio e dobra os poderosos,
Enche de luz e paz os corações.
Ó noite de alegria verdadeira,
Que prostra o faraó e ergue os hebreus,
Que une de novo ao Céu a terra inteira
Pondo treva humana a luz de Deus.
Na raça desta noite o Vosso povo
Acende um sacrifício de louvor;
Acolhei, ó Pai Santo, o fogo novo:
Não perde, ao dividir-se, o seu fulgor.
O círio que acendeu as nossas velas
Possa esta noite toda fulgurar;
Misture sua luz à das estrelas,

Cintile quando o dia despontar”.

4. Mais dois aspectos que merecem a nossa atenção:

a) “Não quebrareis osso algum” do cordeiro pascal (12,46). Como não recordar da observação do Evangelho de São João? Leia Jo 19,31-38. A mensagem é clara: Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal, agora oferecido em sacrifício na cruz, Cordeiro pelo qual o “Israel de Deus” (Gl 6,16) deixa, geração após geração, o Egito do pecado, atravessa continuamente as águas sagradas do Batismo e chega à liberdade dos filhos de Deus em Cristo Jesus!

b) Deus manda que se Lhe consagrem todos os primogênitos, todos os machos que abrem o útero materno. Ele poupou os primogênitos de Israel para que fossem Seus (Cf. 13,1s). Por isso mesmo a insistência dos evangelhos sobre o fato de Jesus ser o primogênito de Maria (Cf. Lc 2,7.22-24): Ele é todo do Pai, todo para o Pai! Como primogênito, Ele foi apresentado e oferecido no Templo por José e pela Virgem (Cf. Lc 2,22-32); e a oferta foi aceita (Lc. 2,33-35; Jo 19,25-30). É admirável como todo o Antigo Testamento se cumpre no Cristo Senhor!

5. Reze, louvando, o Salmo 145/144.

Meditação XV

Reze o Salmo 119/118,113-120

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 13,17 – 15,27

1. Os vv. 17-18 do capítulo 13 mostram o Senhor guiando o Seu povo. Sim, o Eterno nos guia, nos conduz nos caminhos da vida; e nos leva por percursos, por traçados que muitas vezes não imaginamos nem compreendemos... É necessário um coração humilde, um coração de pobre, para se deixar guiar pelo Senhor... Só aquele que tem um coração humilde, desapegado, um coração de criança pode realmente deixar-se guiar pelo Senhor. Por isso mesmo, o Salmista suplica: “Ensina-me Teus caminhos, Senhor, e caminharei na Tua verdade; unifica meu coração para temer o Teu Nome” (Sl 86/85,11). Veja, meu Amigo: quem caminha nos caminhos do Senhor vai unificando o coração. Nosso coração é quebrado, espatifado em tantos desejos contraditórios e até pecaminosos. O nosso tesouro está onde está o nosso coração; mas este coração é quebradiço... Somente quando caminhamos nos caminhos traçados pelo Senhor, fazendo a Sua santa vontade, é que curamos o nosso coração de suas quebras. Aí, com um coração todo para o Senhor, um coração unificado, poderemos de verdade ser uma adoração para o Deus Um. É isto que Israel teve que aprender e nós devemos aprender a cada dia!

Pense bem: Que coisas dividem o seu coração? Que apegos mantêm você fora do seu coração? Só no Senhor seu coração será unificado e você encontrará a verdadeira paz! Reze o Salmo 86/85, sobretudo o v. 11. Repita-o em voz baixa, movendo os lábios... Repita-o varias vezes!

2. E os vv. 21 e 22? Quanto amor, quanta providência, quanto cuidado do Santo pelo Seu povo!

a) Deus vai adiante do Seu povo. Ele não só indica o caminho: Ele mesmo vai, numa nuvem durante o dia e numa coluna de fogo durante a noite, para luminar... Nas Santas Escrituras, a Nuvem evoca a

Presença, a Shekinah do Senhor! Essa Nuvem, essa Presença é o próprio Espírito do Senhor, o Santo Espírito do Deus de Israel! Onde está o Espírito aí está o Senhor! E Ele nos guia, o Senhor nos ilumina e, assim, de dia e de noite, podemos caminhar! Caminhamos nos dias claros e nas noites escuras, prosseguimos quando tudo é claro e podemos compreender bem as coisas; mas, caminhamos também quando a noite envolve a nossa existência... E a belíssima fidelidade, a admirável e consoladora constância do amor de Deus? “Nunca se retirou de diante do povo a coluna de Nuvem durante o dia, nem a coluna de Fogo durante a noite” (13,22). Nuvem, fogo: imagens do Espírito! É assim que, ainda hoje, Deus age conosco, Seu novo Povo: vai sempre à nossa frente, envolve-nos com Sua santa Presença. E não se esqueça: esta Presença é o próprio Espírito do Cristo, esta Presença já estava atuante em cada momento da história de Israel, em cada escrito do Antigo Testamento!

b) Segundo os Santos Padres da Igreja, Deus o Pai é Silêncio, é o Deus invisível, inimaginável, incompreensível, que habita numa luz inacessível. Tudo quanto o Pai revela, já no Antigo Testamento, é o Filho e através do Filho, na força operante do Seu Espírito. Santo Irineu, grande Bispo e teólogo do II século, afirmava: “O que é invisível no Filho é o Pai e o que é visível no Pai é o Filho”. Então, inspirados na Liturgia pascal, podemos rezar:

Senhor Jesus, que na Nuvem luminosa, no deserto, iluminaste o Teu povo,

Por Tua Ressurreição, sê para nós hoje a Luz da Vida!

Pela voz de Moisés, sobre a Montanha, ensinaste ao Teu povo;

Por Tua Ressurreição, sê para nós hoje a Palavra da Vida!

Água jorrada da Rocha, lá no deserto, desalteraste o Teu povo;

Por Tua Ressurreição, concede-nos hoje o Espírito de Vida!

Ao Teu povo faminto, deste a comer o celeste Maná;

Por Tua Ressurreição, sê para nós hoje o Pão da Vida!

3. Releia 14,1-10:

a) O Senhor faz Israel retroceder, voltar... O Senhor endurece o coração do faraó... O Senhor deixa os israelitas numa posição vexaminosa, entre os egípcios e o Mar! Nunca deveríamos nos cansar de contemplar o misterioso modo de agir do Senhor! E a Escritura explica o motivo: “Os egípcios saberão que Eu sou o Senhor” (14,4). Que mistério! Em tudo, o Senhor Deus vai tecendo Seus planos; e tudo, ao fim, servirá para a Sua Glória – e Sua Glória é nossa vida!

b) Lembra do cego de nascença? “‘Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?’ Jesus respondeu: ‘Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus!’” (Jo 9,3). Eis: quando vemos as coisas na perspectiva da fé, compreendemos que tudo está nas mãos do Senhor e tudo serve aos Seus propósitos! Crer não é compreender tudo! Crer é entregar-se, é abandonar-se, caminhando como se víssemos o Invisível! Santa Teresa de Jesus dizia ao Senhor Espírito Santo:

“Ó Laço que assim juntais

Duas coisas desiguais,

Não desateis o que atais,

Pois atando força dais

A ter por bem todos os males!”

Sim, com Ele, Espírito de força e de doçura, que sustenta o nosso canto e consola o nosso pranto, até os males se convertem em bem. Basta olhar o mal da Cruz, transformado em bem supremo!

4. Leia atentamente 14,10-12. Observe os seguintes pontos:

a) Os israelitas levantam os olhos e veem o tremendo perigo: os egípcios, que significam escravidão e morte. Têm grande medo. O que fazem? Primeiro clamam ao Senhor! É isto que devemos fazer quando a vida nos coloca diante de desafios, perigos, impossibilidades: “Eu levanto os meus olhos para os montes; de onde pode vir o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra!” (Sl 120,1). Não esqueça: muitas vezes, a vida nos coloca em situações tremendas, que parecem desesperadas! Feliz de quem sabe levantar os olhos para o Senhor; triste de quem, esquecendo o Altíssimo, mergulha na angústia do desespero, contando somente consigo mesmo e com suas possibilidades. A verdadeira atitude do fiel nas dificuldades aparece de modo muito intenso no Salmo 142/141:

“Olha, Senhor, para a direita e vê:

ninguém mais me reconhece,

nenhum lugar de refúgio,

ninguém que olhe por mim!

Eu grito a Ti, Senhor, e digo:

Tu és meu refúgio,

minha parte na terra dos vivos!

Livra-me dos meus perseguidores,

pois eles são mais fortes do que eu!”

b) Infelizmente, logo após clamar ao Senhor, Israel tira os olhos do Senhor, parece até esquecer-Lo e murmura: começa a reclamar contra Moisés, como se fosse ele quem os tirara do Egito! Esquecem o Senhor! Os israelitas têm um coração velhaco e ingrato! Observe como eles são superficiais: sabem que foi o Eterno quem os tirou do Egito; então, por que reclamam de Moisés? Dizem a Moisés: “Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito?” A murmuração, a reclamação, a crítica nasce do coração incapaz de olhar as coisas em profundidade! A oração de Israel foi superficial: ligeirinho, tiraram os olhos do Senhor e meteram a língua em Moisés!

c) E você, meu Amigo: Sabe calar o coração? Sabe procurar o sentido profundo das coisas que lhe acontecem? Sabe ver a Deus em todas as coisas? Reze o Salmo 4.

d) Veja a atitude de Moisés, um verdadeiro homem de Deus: coloca novamente o povo diante do Senhor: “Não temais; permanecei firmes e vereis o que o Senhor fará hoje para vos salvar! O Senhor combaterá por vós e vós ficareis tranquilos” (vv. 13.14). Está vendo, meu Amigo? Aquele que crê verdadeiramente vive diante do Senhor Deus todos os momentos de sua vida. Todos nós temos a tendência da distração diante de Deus. Aí, distraídos, voltamo-nos para nós mesmos e começamos a ver, pensar, analisar e sentir não mais conforme o Senhor nem à medida do Senhor, mas na nossa própria medida. É isto que Israel tenderá sempre a fazer; é isto que Moisés agora procura corrigir no povo: colocá-lo diante de Deus e comportar-se como quem crê de verdade! O mesmo vai se dar nos vv. 22-25. Leia-os. Israel precisa aprender a ter um coração fiel; e só o Eterno pode dar-lhe um coração assim: “Eu sou o Senhor, Aquele que te restaura!”(v.26).

5. Já lhe disse que a Nuvem é imagem do Espírito de Deus. Esta coluna de Nuvem que se coloca entre os israelitas e os egípcios é luminosa no lado dos hebreus e tenebrosa do lado dos egípcios. É uma imagem muito sugestiva: o Senhor Deus pode iluminar aqueles que O buscam verdadeiramente como pode deixar na treva aqueles que a Ele resistem culpavelmente! Cuide de não ser desatencioso para com o Senhor: o que Ele lhe inspirar, o que Ele sugerir ao seu coração, seja por pessoas ou por outros modos, seja você generoso, confiante, e procure realizar na sua vida; assim, a Presença, a Shekinah do Senhor lhe será luminosa!

6. Agora, um detalhe muito importante: “O Senhor, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar” (v. 21). Atenção para esta imagem: o misterioso vento enviado pelo Santo fez o mar se abrir para o povo atravessá-lo! Você consegue compreender a imagem? Nascemos escravos de Satanás, o Grão Faraó; o Senhor nos faz atravessar o Mar das águas batismais, soprando sobre elas o Espírito do Cristo ressuscitado. E nós, mergulhados no mar (mergulhar = batizar) e atravessando-o, saímos livres e, então, tornamo-nos membros do Povo santo de Deus, o Novo Povo, que é a Igreja nascida da água e do Espírito (cf. Jo 3,5)! O Batismo é nossa Páscoa, consumada na Eucaristia, na qual comungamos o Cordeiro imolado! Por isso, a Igreja batiza os catecúmenos na Noite santa da Páscoa! Eis os sacramentos pascais: o Batismo e a Eucaristia! Por este motivo, a Liturgia da Igreja pede, no Domingo da Oitava da Páscoa: “Ó Deus, que reacendeis a fé do Vosso povo na renovação da Festa pascal, aumentai em nós a graça que nos destes. E fazei que compreendamos melhor o Batismo que nos lavou, o Espírito que nos deu Vida nova e o Sangue que nos redimiui!” Veja que beleza: lavados nas águas do Mar do Batismo e participando da Eucaristia, Corpo e Sangue do Senhor, recebemos o Seu Espírito Santo de morte e ressurreição e, como membros do Seu Novo Povo, recebemos a Vida nova, a Vida Eterna! É a grande graça da Solenidade pascal: dá-nos a Vida do Cristo Ressuscitado, como novo Povo eleito! Como no Êxodo, e mais que no Êxodo, o Senhor nos salvou no Seu Filho crucificado que, atravessando o mar da morte, entrou na Terra Prometida da Ressurreição à Direita do Pai! O que valeu e vale para Israel, valerá sempre para nós em Cristo: “Naquele dia, o Senhor salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os egípcios mortos à beira-mar. Israel viu a proeza realizada pelo Senhor contra os egípcios. E o povo temeu ao Senhor e creram no Senhor!” (vv. 30s)

7. Reze com a Igreja:

a) Esta parte do Precônio que anuncia a Páscoa, na Noite Santa:

Esta é, Senhor, a noite em que do Egito

retirastes os filhos de Israel.

Transpondo o Mar Vermelho a pé enxuto,

rumo à terra onde corre leite e mel.

Ó noite em que a coluna luminosa

as trevas do pecado dissipou

e aos que creem no Cristo em toda a terra,

em novo Povo eleito congregou!

Ó noite em que Jesus rompeu o Inferno

ao ressurgir da morte, vencedor.

De que nos valeria ter nascido,

se não nos resgatasse Seu amor?

Ó Deus, quão estupenda caridade,

vemos no Vosso gesto fulgurar.

Não hesitais em dar o próprio Filho

para a culpa dos servos resgatar.

Pois esta noite lava todo o crime,

liberta o pecador dos seus grilhões.

Dissipa o ódio e dobra os poderosos,

enche de luz e paz os corações.

Ó noite de alegria verdadeira

que prostra o faraó, e ergue os hebreus,

que une de novo o Céu e a terra inteira,

pondo, na treva humana, a luz de Deus” (Precônio Pascal).

b) Reze o cântico de Moisés, após a passagem do Mar. A Igreja o canta solenemente como Salmo após a terceira leitura da Vigília pascal! Ex 15,118). Depois o cântico de Maria, irmã de Moisés (cf.

Ex 15,21). Este cântico é a inspiração para o Magnificat, o cântico da Virgem Maria (cf. Lc 1,46-55): os poderosos dispersos do trono, os ricos despedidos de mãos vazias são faraó e o inteiro Egito! Maria santíssima canta a realização plena da Páscoa de Israel na Páscoa do Cristo-Messias que ela carregava no ventre!

Meditação XVI

Reze o Salmo 119/118,121-128

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 16

1. Agora, Israel encontra-se em pleno deserto, lugar tremendo, no qual o homem precisa de Deus todo o tempo para sobreviver. O deserto nos ensina a confiar no Senhor, a recorrer a Ele, a colocar nossas vida nas Suas mãos benditas. Israel terá que aprender!

2. Mais uma vez, Israel pecou: murmurou contra Deus, disfarçando sua maldita murmuração em reclamação contra Moisés! Todo o Israel murmurou, todo o Israel pecou (cf. v. 2). E ainda usa o santíssimo Nome do Senhor na sua murmuração: “Antes fôssemos mortos pelo Senhor...” Povo raso, povo superficial, povo que não sabe compreender!

a) E eu? E você? Sabemos calar o coração e escutar o Senhor? Obedecemos-Lo? Compreendemos-Lo? Confiamos nos Seus desígnios? cremos de verdade que nossa pobre vida está nas Suas mãos benditas? O povo tem sede das panelas de carne do Egito; tem sede da comida de miséria! Sim, pode ser carne, pepino, cebola, mas é comida de miséria porque comida na escravidão, longe do Senhor! Assim, é o pecado: tem algo de gostoso, de prazeroso, de alegria... Mas, é fugaz, é passageiro, é maldito alimento de escravidão, que não dá a Vida verdadeira, não preenche o coração, aparta de Deus! “Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado!” (Jo 8,34).

b) Olhe bem sua vida: O que o alimenta? O que sacia o seu coração? Onde você procura nutrir sua existência? Bendito será você se sua vida é sustentada pelo alimento que o Senhor concede; maldito, se seu alimento são as migalhas saborosas e ilusórias do Egito do pecado!

Reze o Salmo 1.

3. Neste capítulo, três vezes se diz que o Santo ouviu as murmurações de Israel.

a) A murmuração, a reclamação, a crítica azeda e mal-humorada que nasce da falta de fé e da superficialidade de coração. O Senhor sonda o nosso coração, Ele conhece os nossos pensamentos! Israel é um povo que jura ao Senhor amor e fidelidade e, logo depois, nega tudo e murmura: “Eu conheço Efraim e Israel não pode ocultar-se de Mim! O vosso amor é como a nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece!” (Os 5,3; 6,4).

b) Amigo meu, cuidado para que sua fé, seu amor, sua confiança em relação ao Eterno não sejam superficiais! Pela oração, pela escuta da Sua santa Palavra, pela adoração e a obediência aos Seus santos mandamentos, por uma vida sóbria e fiel, o homem vai recebendo do Senhor, na força cristificante do Espírito, um coração segundo o Coração de Cristo Jesus, com os Seus mesmos

sentimentos e, assim, vai vendo e discernindo a presença, a shekinah do Senhor Deus em todas as coisas!

c) Lembre da Virgem Maria, de coração profundo: “guardava tudo, meditando no seu coração” (Lc 2,19.51), coração profundo como o oceano. A Virgem Santíssima, Mulher fiel, verdadeira filha de Israel: ela jamais murmurou! Nem quando do desastre da cruz: sempre Virgem silenciosa, sempre Virgem orante, sempre Virgem que sabe ouvir, sempre Virgem forte da fortaleza de quem se abandona nas mãos do Senhor! Que ela rogue por nós, pecadores, tão superficiais!

d) Moisés desmascara a murmuração do povo; passa-lhe na cara o sentido, a hipocrisia dessa atitude: “Não são contra nós as vossas murmurações, e sim contra o Senhor!” (v. 8) É como tenho dito já algumas vezes: a murmuração nasce da falta de capacidade de contemplar o Senhor em todas as coisas! Ela é fruto da falta de fé, ponto e basta!

Pensando na bondade do Senhor, que conduziu o Seu povo e ainda o conduz com amor, reze o Salmo 105/104. Aprenda a confiar no Senhor verdadeiramente!

4. Agora, meditemos sobre o maná:

a) É o pão que revela a Glória, o Poder e o Amor de Deus diante do Seu povo (vv. 7.11.12.15.32s.35);

b) É o alimento que não pode ser acumulado egoisticamente, que não será nunca uma posse, uma propriedade de Israel: Deus o dá a cada dia, a cada dia o povo colhê-lo-á como um dom (vv. 4.17.19). Mais tarde, pensando no maná e no verdadeiro e definitivo maná, a Eucaristia, o Senhor e Salvador nosso, o Cristo nosso Deus, ensinar-nos-á a pedir: “O pão nosso cotidiano dá-nos hoje!” (Mt 6,11; Lc 11,3). O pão aqui é primeiramente a Eucaristia, Pão do Reino de Deus; mas é também tudo aquilo que sustenta a nossa vida neste mundo. O Senhor nos ensina a pedir o suficiente para uma vida digna, conforme o Livro dos Provérbios nos apresenta de modo tão belo: “Não me dêis riqueza nem pobreza, concede-me o meu pedaço de pão; não seja eu saciado e Te renegue, dizendo ‘Quem é o Senhor?’ Não seja eu necessitado e roube e blasfeme o Nome do meu Deus!” (Pr 30,8-9).

c) Os judeus ainda hoje afirmam que o maná foi escondido pelo Rei Josias antes da destruição do Templo de Jerusalém e somente reaparecerá no Tempo do Messias. Também afirmam que o maná foi criado no crepúsculo do sexto dia da criação e é o alimento dos justos e dos anjos no Céu. Para nós, cristãos, tais afirmações são cheias de sentido espiritual: De fato, o maná verdadeiro passou a ser dado com o Messias, Jesus nosso Senhor: foi o Pai do Céu Quem deu o verdadeiro Maná, enviando o Seu Filho: é Ele o Pão da Vida (cf. Jo 6,32.35.48-51). Este é o Pão verdadeiro, Pão que alimenta os justos, isto é, os santos e os anjos. É o que canta a Igreja na Solenidade de Corpus Christi:

“Eis o Pão que os anjos comem,

transformado em Pão do homem,

só os filhos o consomem;

não será lançado aos cães!” (Sequência de Corpus Christi)

d) Estejamos sempre atentos à desobediência caprichosa dos israelitas, que é a nossa desobediência (cf. v. 19s.27s): Moisés diz que eles tomem somente a quantidade de um dia; eles pegam mais que isso. Moisés diz que não procurem recolher o maná no sábado: eles vão atrás! É sempre a nossa tendência de fazer do nosso modo, no nosso tempo, com a nossa lógica, na nossa medida! É sempre a tendência maldita e destrutiva de acumular, de satisfazer nossos apetites, de agir de acordo com nossos desejos! Os rabinos de Israel dizem que aqueles que procuraram juntar maná para o dia seguinte ou foram recolhê-lo no sábado são como as pessoas que passam a vida acumulando bens e fortunas que, de tantas e tantas, não poderão usufruir no decorrer de suas vidas neste mundo. O que acontecerá com pessoas assim? No fim de seus dias também criarão vermes e cheirarão mal, como o maná estragado! Ao invés de sermos puros pães ázimos para o Senhor (cf. 1Cor 5,7s) seríamos somente maná mal cheiroso e pasto de vermes (cf. Ex 16,19s)!

5. Reze o Salmo 105/104

Meditação para o III Domingo da Quaresma - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

A Quaresma é tempo de caminho para a santa Páscoa, Páscoa de Cristo e nossa. Ora, é pelo Batismo e a Eucaristia que entramos misteriosamente na Páscoa do Senhor, no Seu mistério de morte e ressurreição. Por isso celebramos a Noite Santa de Páscoa com o Batismo e a Eucaristia! Pois bem, o Evangelho de hoje é uma belíssima catequese batismal!

Acompanhemos passo a passo este texto belíssimo. “Chegou uma mulher da Samaria para buscar água”. Essa mulher, essa samaritana, essa pagã, representa os povos não-judeus, os que ainda não conheciam o Deus verdadeiro. Eles vêm, sedentos, procurando uma água que não sacia definitivamente; eles têm de voltar sempre ao poço, buscam saciar a sede de tantos modos, e continuam sempre com sede: “Todo aquele que bebe desta água terá sede de novo”. Progresso tecnológico, consumismo, sexo, liberdade desenfreada, droga, poder, dinheiro, ciência sem ética nem limites, facilidades, divertimentos sem limites... Nada disso sacia de modo definitivo o nosso coração!

Jesus provoca a mulher: “Se conhecêsseis o Dom de Deus e Quem é que te pede ‘Dá-Me de beber’, tu mesma Lhe pedirias a Ele, e Ele te daria Água viva”. Frase estupenda! O Dom de Deus é o Espírito Santo; é Ele a Água que jorra para a Vida eterna. Ele é a Água, Ele é, pessoalmente, a Vida eterna! Em Jo 7,37, Jesus convidou: “Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba aquele que crê em Mim”. E o Evangelista recorda que do seio, do Coração traspassado do Messias sairão rios de Água viva, o Espírito Santo (cf. Jo 7,38). E quem é que pede de beber? O Messias, isto é, o Ungido com o Espírito, o doador do Espírito, da Água que nos sacia de Vida eterna! Compreendeis, Irmãos? O verdadeiro poço é Jesus morto e ressuscitado! É Dele que brotará continuamente, para a Igreja, para o mundo, a Água do Espírito, Senhor que dá a Vida!

Diante disso, a Samaritana – e nós também – suplica: “Senhor, dá-me dessa Água!”

Esta Água só pode ser recebida no sacramento do Batismo! Como aquele outro pedido: “Senhor, dá-nos deste Pão” (Jo 6,34). Eis o Batismo; eis a Eucaristia!

É assim que a Vida eterna, divina, de Jesus nos chega!

Mas, não se pode receber o Batismo sem primeiro se reconhecer pecador, sem primeiro confessar seu pecado e buscar a remissão no Espírito Santo que Jesus dá! Quem não se humilha diante do Senhor, quem não se reconhece pecador, não beberá dessa Água!

Por isso, Jesus revela o pecado da mulher, toca seu ponto fraco, fá-la reconhecer-se indigna, não para envergonhá-la, mas para libertá-la com a verdade: “Vai chamar teu marido!” A mulher era adúltera, com vários maridos, como os pagãos, com seus vários deuses, como os samaritanos, que misturavam o culto ao Senhor com o culto a cinco deuses estrangeiros (cf. 2Rs 17,24.29-34)! Jesus, então, revela que os pagãos adoram o que não conhecem, porque “a salvação vem dos judeus!” Os samaritanos misturavam o culto ao Senhor Deus com o culto a esses deuses! O Senhor Deus não era esposo dos samaritanos, como era Esposo de Israel! Interessante o ecumenismo de Jesus: não mascara a verdade, não nega a verdadeira fé, em nome de um falso diálogo! A salvação vem dos judeus, porque é dos judeus que Cristo vem – Ele, o único verdadeiro Salvador, fora do qual não há nem pode haver salvação alguma! Há tanto teólogo sabido esquecendo isso!

Por outro lado, o judaísmo vai ser superado: “Está chegando a hora em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e Verdade” e não mais em Jerusalém! Eis: quando Cristo der o Seu Espírito, é nesse Espírito de Verdade, Espírito de Cristo, recebido nas águas do Batismo, que a humanidade encontrará a Deus! Esses são os adoradores que o Pai procura, pois a salvação definitiva vem de Cristo, presente nos sacramentos da Sua Igreja católica, sobretudo no Batismo e na Eucaristia! É Nele que judeus e pagãos são chamados a formar um só povo de verdadeiros adoradores!

Finalmente, o misterioso diálogo de Jesus com os apóstolos: “Tenho um alimento que não conheceis: o Meu alimento é fazer a vontade Daquele que Me enviou e realizar a Sua obra”. O alimento de Jesus é levar o Reino do Pai a todos os povos, judeus e pagãos! É o que Jesus acabara de fazer com a Samaritana... E ela está chamando outros até Jesus. Por isso, Jesus diz: "Levantai os olhos e vede os campos: eles estão dourados para a colheita! O ceifeiro já está recebendo o salário e recolhe fruto para a Vida eterna! Um é o que semeia, outro o que colhe!" O Senhor Jesus estava agora semeando para que os Apóstolos colhessem depois da Páscoa! Mas, a conversão daqueles samaritanos era já um sinal e uma antecipação da colheita, da conversão dos pagãos.

Que dizer mais? Somos a colheita de Cristo! “Estamos em paz com Deus por Jesus Cristo”. Porque fomos batizados Nele, vivemos na esperança, pois já experimentamos em nós a Vida eterna, pois “o Amor de Deus foi derramado como água em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado!” E tudo isso, graças ao que Cristo semeou com Sua morte, tornando-Se grão que dá fruto para a Vida eterna! Eis que prova de amor tão grande o Pai nos deu! Eis em que consiste o Reino que Jesus veio anunciar e trazer! Eis a obra do Pai, que é o alimento de Jesus!

Então! Na sede do nosso caminho de Vida e de Quaresma, olhemos para Jesus, aproximemo-nos Dele, o Rochedo que, ferido na cruz, de lado aberto, faz jorrar a água do Espírito para o Seu Povo peregrino e sedento, que é a Igreja. O mundo, tão sedento, procura matar a sede em tantas águas sujas, envenenadas, águas que matam! Que nós matem nossa sede no Cristo, novo Rochedo, verdadeiro Poço, que jorra a água do Espírito, que dura para a Vida eterna! Por esta Água bendita anseiam os catecúmenos da Igreja que, em tantas de nossas paróquias, se preparam para o Batismo e a Eucaristia

na Noite da Páscoa! Que Ele, nossa Fonte perene, sustente nosso caminho quaresmal até a Páscoa da Glória! Amém.

Meditação XVII

Reze o Salmo 119/118,129-136

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 17

1. Neste capítulo, aparecem dois temas bem definidos. Primeiro, a água da rocha (cf. vv.1-7).

a) O v. 1 traz uma informação surpreendente: o Senhor conduziu Seu povo a um lugar onde não havia água para beber! Precisamente, o mesmo Senhor do Salmo 23/22:

“O Senhor é meu pastor, nada me falta.

Em verdes pastagens me faz repousar.

Para as águas tranquilas me conduz

E restaura minhas forças;

Ele me guia por caminhos justos,

Por causa do Seu Nome!”.

Foi “seguindo a ordem do Senhor” que o povo chegou nesse Rafidim tão seco! Ali, sem água, sem perspectiva, sem amparo humano algum, o povo perdeu a fé, deixou de lembrar-se do Senhor e, mais uma vez, superficialmente, só enxerga Moisés!

Nunca esqueçamos: quando não mantemos os olhos e o coração no Senhor é somente a casca que vemos, só atingimos a superfície das coisas, da realidade! E, então, nunca compreendemos nada realmente! O Senhor é Santo, é grande demais, guia-nos por caminhos incompreensíveis, surpreendentes! Somente o humilde, o pobre, o que tem o coração de criança pode caminhar com um Deus assim! “Bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus! Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” em todas as coisas (Mt 5,3.8)

b) O povo discute com Moisés; exige dele o que ele não pode dar: “Dá-nos água para beber!” O povo espera de um homem o que só Deus pode dar!

E você, também espera das pessoas, das coisas, das situações, das águas desta vida, aquela Água viva que enche o coração, que sacia a vida, que realiza a existência? O Cristo nosso Deus afirma claramente: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas, quem beber da Água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a Água que Eu lhe der tornar-se-á Nele fonte de Água jorrando para a Vida eterna” (Jo 4,13s). Todos nós temos sede; todos nós, de um modo ou de outro, somos sempre carentes, tantas vezes acampamos nos Rafidim da vida! E, como o nosso coração se engana facilmente, na nossa sede, esquecemos de olhar para Aquele que habita no Céu, e procuramos saciar o coração sedento com águas deste mundo, águas muitas vezes podres, águas que não saciam... E

esquecemos Aquele que é a fonte da Água viva, que enche de doçura, paz e vida o coração: “Meu povo cometeu dois crimes: Eles Me abandonaram, a Mim, fonte de Água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água!” (Jr 2,13). Eis Israel, esquecendo de olhar para o Santo e esperando água do pobre Moisés; eis-nos, nós, tolos, esquecendo de saciar nossa sede no Senhor e esperando Água viva das águas das criaturas!

c) Moisés desmascara a murmuração e a revolta dos israelitas: “Por que discutis comigo? Porque pondeis o Senhor à prova?” (v. 3). Isto mesmo: não foi Moisés, foi o Eterno Quem tirou Israel do Egito, Quem o levou até ali! Israel esquece tudo isto!

Moisés, por sua vez, faz aquilo que o homem de fé deve fazer: “Moisés clamou ao Senhor!” (v. 4)

Mais uma vez, durante este retiro, a Palavra do Senhor coloca você diante desta questão: Nas provações, nas solidões, nas sedes, nas carências da vida, volto-me para mim mesmo e para as criaturas ou sei erguer minhas mãos para o Senhor? Aprenda! Confie no Senhor; apresente-Lhe a sua queixa, exponha-Lhe a sua angústia! Reze o Salmo 71/70.

d) O Senhor manda que Moisés fira a rocha e dela saiu a água que saciou o povo (cf. vv. 5s). Esta imagem é figura e profecia de uma realidade profunda da nossa salvação. À Samaritana, o Senhor nosso, sentado no poço de Jacó, prometeu uma Água viva que jorra para a Vida eterna (cf. Jo 4,13s); na Festa das Tendias, disse claramente que quem tivesse sede, poderia vir a Ele e Dele beber, pois daí sairiam rios de Água viva (cf. Jo 7,36). Esta Água é o Espírito Santo de Jesus morto e ressuscitado (cf. Jo 7,37)! Ele é Poço, Ele é o Rochedo ferido por Moisés (cf. 1Cor 10,4): Dele, traspassado, brotou a fonte dos sacramentos que dão o Espírito de Água vida que sacia a Igreja e cada um de nós. Por isso, o modo solene com que João conta como a água do Batismo e o sangue da Eucaristia saíram do lado do Senhor logo depois que Ele entregou o Espírito (cf. 19,33-37).

Eis o mistério, eis a beleza, eis a sabedoria divina, eis a salvação: do lado do Cristo imolado e ressuscitado, eternamente diante do Pai na Glória (cf. Ap 5,6), sai para nós, para a Igreja, continuamente, o Espírito, dado como Água viva nos sacramentos da Igreja para saciar o Novo Israel no deserto deste mundo!

Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus,

Pela Tua misericórdia, pela Tua providência para conosco!

Tu não nos abandonas, mas nos sustentas com a Água espirituada,

Saciando de Vida divina, de graça e paz o nosso coração!

Bendito sejas pelo Teu Filho Jesus, Teu Cristo, nosso Salvador e Deus,

Que, como Rochedo de Coração traspassado, nos sacia de Espírito Santo!

Bendito sejas agora e sempre pelos santos Sacramentos que, pelo Teu Filho nosso Deus Salvador, deste à Tua Igreja!

Bendito sejas pelo Espírito que nos sacia como Vida no Batismo,

Bendito sejas pelo Espírito divino que nos unge como Força na Crismação,

Bendito sejas pelo Espírito que nos é dado como Amor de imolação na Eucaristia,

Bendito sejas pelo Espírito derramado para a remissão dos pecados na Penitência,

Bendito sejas pelo Espírito de Amor de aliança nupcial entre o Teu Cristo e a Igreja, que unge o amor dos Teus fieis no Matrimônio,

Bendito sejas pelo Espírito que configura ao Teu Cristo sacerdote, profeta e rei na sagrada Ordenação dos Teus ministros,

Bendito sejas pelo Espírito que configura os Teus fieis ao Cristo sofredor na sagrada Unção, de modo que completem na sua carne os padecimentos do Senhor pelo bem da Igreja!

A Ti, pois, nosso Deus único, ó Eterno, a glória, o louvor, a adoração e a ação de graças,

Por intermédio do Teu Filho Jesus, o Messias, nosso Senhor e Deus,

Na Unidade indizível, incompreensível, santa, infinita e eterna do Teu Santo Espírito,

Pelos séculos dos séculos!

Bendito seja o Reino eterno e imperecível

Do Pai e do Filho e do Espírito Santo,

Reino plantado pelos sacramentos nos nossos corações

E, através de nós, Seus fieis e ministros, Povo sacerdotal,

Presente no mundo e destinado a manifestar-se na Glória eterna,

Agora e sempre e pelos séculos dos séculos! Amém.

e) O povo bebeu e desalterou-se, ficou saciado... Mas, as marcas ficaram – o pecado, a rebeldia, a dureza contra o Senhor sempre deixa marcas: para perpétua memória, o nome daquele lugar de descrença, de rebeldia, de incapacidade de olhar para o Alto, é Massa (provação) e Meriba (contestação). Provado, o povo não rezou, não creu, não ergueu os olhos para o Altíssimo, mas contestou, rebelou-se, descreu! O Povo, e eu, e você, meu Amigo, quantas vezes colocamos o Santo à prova e, de modo blasfemo, perguntamos: “O Senhor está no meio de nós, ou não?” (v. 7). E por que perguntamos? Por que o Santo não cabe na nossa lógica; é infinitamente maior que nossa gaiola mental e afetiva! – Ó Senhor, cura a nossa cegueira; dilata o nosso coração para Ti!

f) Reze o Salmo 95/94.

2. O segundo tema deste capítulo são os amalecitas, inimigos jurados de Israel, símbolo de todos os inimigos do Povo de Deus e de todo o mal!

a) Criticando a descrença de Israel nas águas de Meriba, os rabinos judeus dizem que a verdadeira fidelidade e inquebrantável confiança em Deus, a verdadeira fidelidade ao Povo santo e a perseverança na fé professada só podem ser verdadeiramente reconhecidas nas situações difíceis e críticas, nos momentos de tormento e aflição. Os fracos e inconstantes fracassam na fé logo ao primeiro golpe das provações ou quando as cobiças materiais e as ambições pessoais não correm conforme os seus desejos imediatos. Como são infelizes aqueles que logo no primeiro choque com as situações adversas, nas primeiras tentações, começam a duvidar, a vacilar, a se perguntar se vale a pena crer, se compensa confiar em Deus! E a consequência deste abalo moral e religioso, dessa concessão à infidelidade é imediata: “Veio Amalec e combateu contra Israel em Rafidim!” (v.8). Em outras palavras: vem o Maligno, o Enganador, o Sedutor, e na Rafidim da provação, combate o fraco na fé para destruí-lo – e combate traiçoeiramente, atingindo-o no seus pontos fracos, como Amalec combateu Israel: “Lembra-te do que Amalec te fez no caminho, quando saíste do Egito: ele veio ao teu encontro no caminho, quando estavas cansado e extenuado e, pela tua retaguarda, sem temer a Deus, atacou a todos os desfalecidos que iam atrás” (Dt 25,17s).

Cuidado, Amigo! Permaneça firme na fé, confie no Senhor, a Ele se entregue, a Ele se abandone: Ele é fiel! Combata Amalec: “Deverás apagar a memória de Amalec de sob o céu. Não te esqueças!” (Dt 25,19). De Sua parte, o Senhor está com você, está ao seu lado no combate: “O Senhor estará em guerra com Amalec de geração em geração!” (v. 16)

b) Devemos combater o combate espiritual, devemos combater Amalec em nós: a descrença, a rebeldia, a autossuficiência, o desespero, a teimosia de querer fazer do nosso modo e nos nossos tempos! O Senhor combate por nós! Mas, somente venceremos o maligno Inimigo com a oração (cf. vv. 8-13): “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca!” (Mt 26,41). O Senhor combate a nosso favor, o Senhor irá “extinguir a memória de Amalec de debaixo do céu” (v. 14), mas é preciso que combatamos como Josué e rezemos como Moisés!

c) Combater como Josué é fugir das ocasiões do pecado, é cultivar as virtudes, é combater firmemente os nossos vícios, nossos maus hábitos. Combater como Josué é praticar a disciplina no comer, no dormir, no falar, no divertir-se, é praticar a esmola, dando o nosso amor aos irmãos e mesmo aos distantes de nós, fazendo-nos próximos, como o Senhor nos ordenou... Enfim, é sermos senhores de nós mesmos!

Rezar como Moisés é ser fiel na prática da oração, é ter momentos diários de escuta da Palavra do Senhor, é procurar o Senhor na oração, coração a coração, é parar diante do Santíssimo Sacramento em piedosa adoração...

É isto que você tem feito? É assim que você enfrenta seus vícios, suas tentações? É assim que você se comporta na provação? Como está a sua prática quaresmal? Pense! Reze! Lembre que, mais que Moisés, é o Cristo Deus, nosso Pontífice, que intercede em nosso favor!

d) Reze o Salmo 90/89.

Meditação XVIII

Reze o Salmo 119/118,137-144

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 18

1. Neste capítulo, aparece como personagem central um gentio, um pagão: Jetro, um sacerdote madianita, sogro de Moisés. Pensando em Jetro, pensemos nos que não são cristãos ou não são católicos... Não são dos nossos!

Sendo cristãos não católicos, nunca esqueçamos que, mesmo não estando plenamente na comunhão visível da Igreja de Cristo, ainda assim são verdadeiramente nossos irmãos pelo santo Batismo. Quanto aos não cristãos, não sendo batizados, não receberam o Espírito de filiação que o Filho unigênito nos dá e, assim, não são nossos irmãos; mas, podem muito bem ser nossos amigos, bons amigos! Nunca esqueçamos: ninguém nasce cristão, ninguém é cristão por direito! Cristão nós nos tornamos recebendo no Batismo o Santo Espírito de Cristo imolado e ressuscitado, Espírito que é Vida e Vivificador! Não conhecemos outro modo de ser cristão; o Senhor não no-lo revelou e não temos o direito de inventar arbitrariamente, às vezes sob o signo do politicamente correto!

Dito isto, aprendamos com este capítulo algumas lições preciosas:

a) Jetro, apesar de pagão, sabe alegrar-se com o bem de Israel e de Moisés e chega mesmo a bendizer e cultivar o Senhor (cf. v. 9-12); aparece aqui como um pagão de bom coração, capaz de reconhecer a ação de Deus. Num caso assim, vale aquela palavra do Salvador nosso, Jesus Cristo: “Quem não é contra nós, é por nós” (Mc 9,40). Deus nos livre de sermos azedos, fechados de coração, incapazes de ver a bondade do Senhor Deus presente em tantos corações! Triste de quem limita a ação de Deus às suas próprias fronteiras, triste de quem não reconhece que o Santo é maior que as fronteiras do Seu povo: “Deus não faz acepção de pessoas, mas em qualquer nação, quem O teme e pratica a justiça, Lhe é agradável” (At 10,34s).

b) Jetro revela sensatez: tomando os costumes do seu povo, os madianitas, aconselha Moisés e este segue completamente o seu conselho. Aqui, outra lição: devemos ter a capacidade de ouvir, de ponderar, de acolher os bons conselhos. Quem se fecha de antemão, quem já com preconceito exclui o que um outro pode dizer, o que não sabe escutar e acolher, não é sábio e pode estar se fechando para a ação do Espírito de Deus!

c) Pense um pouco: Você sabe escutar os outros? Sabe acolher opiniões diferentes das suas, conselhos que outros lhe dão ou, ao invés, tende a ser autossuficiente? Lembre do que diz a Escritura Santa: “O homem sensato não despreza os conselhos! Não faça nada sem conselho: não te arrependerás de teus atos” (Eclo 32,18.19), pois “tal caminho parece reto a alguém, mas afinal é o caminho da morte” (Pr 14,12). Reze, meu Amigo, suplicando ao Senhor um coração humilde, capaz de ouvir, de acolher, de ponderar! Medite com os lábios e o coração as palavras santas: Pr 3,1-26.

2. Um detalhe importante: Moisés é imagem do Cristo, pontífice da nossa fé: observe que ele representa o povo diante de Deus e introduz as suas causas junto a Deus e, por outro lado, diante do povo, ele ensina os estatutos e as leis, fazendo que o povo conheça o caminho do Senhor (cf. vv. 19s). Assim é o Cristo Senhor: veio da parte do Pai para nos trazer o Reino da Vida e, diante do Pai, intercede por nós!

a) Nunca se esqueça: em toda a Antiga Aliança estão presentes os rastros do Cristo e do Seus santos mistérios: “Tudo quanto se escreveu no passado é para o nosso ensinamento que foi escrito, a fim de

que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15,4). Ler o Antigo Testamento como cristão é lê-lo à luz do mistério de Cristo. Nunca esqueça: o Antigo Testamento não é absoluto; é relativo, relativo a Cristo! Quem lê os textos sagrados da Antiga Aliança de modo absoluto são os judeus! Para nós, cristãos, as Escrituras dos judeus têm interesse precisamente porque nos conduzem a Cristo: “A Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo” (Gl 3,24).

b) Pensando nisto, podemos ver também nos vv. 1-12 já sinais longínquos da santa Eucaristia. Releia esses versículos:

- o lugar onde se celebra: o Monte de Deus (v. 5), é imagem do Altar eucarístico;

- o sacerdote que oferece (v.12), é pálida prefiguração do Cristo Senhor, presente nos sacerdotes da Nova Aliança;

- a recordação dos fatos salvadores de Deus (vv. 1.8.9), prepara o que os cristãos fazem: “celebrando agora, ó Pai, a memória do Vosso Filho, da Sua Paixão que nos salva, da Sua Ressurreição e da Sua Ascensão ao Céu, e enquanto esperamos a Sua nova Vinda, nós vos oferecemos em ação de graças este Sacrifício de Vida e santidade!” (Oração Eucarística III);

- a alegria da ação de graças, bendizendo a Deus (vv. 9s), antecipa já a Celebração eucarística, que bendiz louva e adora ao Deus vivo por tudo quanto nos fez pelo Cristo no Espírito: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a Vós, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória! Bendito sejas, Senhor, Deus do universo!”

- o sacrifício e banquete sagrado na presença do Senhor Deus (v. 12), são prenúncios de como os cristãos fazem, ao oferecer o Cordeiro de Deus em sacrifício e recebê-Lo em comunhão;

- o próprio evento que Jetro celebra: Deus livrou Israel do Egito e libertou-o de suas tribulações (vv. 9s) é prefiguração profética daquilo que celebramos: o Senhor nosso Deus nos libertou e nos livra de todo pecado e da morte graças ao Seu bendito e santo Filho Jesus nosso Salvador, que por nós Se entregou e foi ressuscitado dentre os mortos!

c) Saboreie esta realidade maravilhosa: a nossa fé não é inventada em laboratório, não é obra de um sabichão! Nossa fé e nossa vida brotam do próprio Deus, que na potência do Espírito do Ressuscitado, foi guiando toda a história do Povo de Israel, como semente, para desabrochar no Cristo, de Quem recebemos todo o bem e toda a graça! Bendito seja o Senhor Deus por tudo isto! Para nós, também valem as palavras de exortação dos judeus na noite da celebração da Páscoa hebraica: “Por isso, nós devemos agradecer, louvar, elogiar, glorificar, exaltar, honrar, bendizer, elevar e enaltecer a Quem fez todos esses milagres a nossos antepassados e a nós!”

3. Pense ainda em Moisés: veja nos nomes que deu aos seus filhos a sua própria história ali refletida: Gersam: “Sou um imigrante em terra estrangeira”; Eliezer: “o Deus de meu pai é minha ajuda e me libertou da espada do faraó” (vv. 3s). Observe: Gersam e Eliezer, tristeza e alegria; angústia e exultação, aperto e vitória... Assim são a minha e a sua vida diante do Altíssimo... Feliz de quem caminha sempre diante do Senhor e nunca O renega e até o fim permanece firme na sua fé, seja nos bons que nos maus momentos! Reze o Salmo 116/114-115.

Meditação XIX

Reze o Salmo 119/118,145-152

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 19

1. É importante saber que este capítulo inicia a narração da Aliança do Senhor Deus com Israel no Sinai. Ela vai até o final do capítulo 24. Ali está o pacto que o Senhor fez com os israelitas, fazendo deles o Seu povo! Por este Pacto, Israel tornou-se Povo de Deus, Povo da Aliança, propriedade exclusiva e particular do Senhor (v.5). Também a Igreja, nasceu de uma Aliança: o Pacto novo e eterno, selado com Deus no sangue do Cristo Jesus (cf. Mt 26,27s; Lc 22,20).

a) Israel é o Povo da Antiga Aliança; nós, somos o Povo da Nova e Eterna Aliança: é porque somos o Povo da Aliança, a Igreja de Deus, que temos uma vida de relação com o Senhor! Não existe no cristianismo uma relação com Deus que não seja dentro do Povo da Aliança! É um erro grave e tolo pensar: “Eu e meu Jesus; meu Jesus e eu; eu e meu Deus, meu Deus e eu” fora do Povo reunido pelo sangue do novo Cordeiro! Leia Hb 12,18-29.

b) Desde já é interessante notar que, para chegar à Montanha de Deus, o Altíssimo fez Israel passar por Rafidim, de onde partiu (cf. 17,1-7), isto é, do lugar da provação, da luta interior com sua descrença e da luta exterior contra os amalecitas (cf. 17,8-16)... É assim para todos nós: caminhar para a Montanha do Senhor para encontra-Lo exige que passemos por provas interiores e exteriores; é necessário o combate, a perseverança, a superação das quedas, confiando no amor e na graça do Senhor!

2. Agora, releia os vv. 3-8. Observe:

a) Moisés procura Aquele Deus que lhe aparecera na sarça, Aquele mesmo que o tinha procurado, lhe tinha aparecido e dito: “Este será o sinal de que Eu te envie: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta Montanha” (3,12). A iniciativa é do Senhor, que veio a Moisés; é Ele Quem procura Israel, é Ele que, sem precisar dos israelitas, deseja fazer deles o Seu povo santo. Por isso chamou Moisés, atraiu-o a Si. E agora Moisés sobe até Deus, naquela Montanha! Não se engane, meu Amigo: se Moisés sobe a Deus, é porque Este o atraiu antes com Seu amor, Sua graça. E, então, da Montanha, o Santo o chama. Compreende a sinergia: a ação de Deus suscitando a resposta humana? É Deus mesmo Quem coloca no nosso coração o desejo de encontrá-Lo e faz assim porque deseja dar-Se a nós: “Vós mesmos vistes o que Eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a Mim!”(v. 4)

Moisés deixou-se atrair pelo Senhor. E você? E eu? Quantas vezes nos fechamos, nos desencaminhamos! “Eu me desvio como ovelha perdida: vem procurar o Teu servo!” (Sl 119/118,176)

b) Diante do Deus que chama, que atrai, a única atitude correta é ouvir, é guardar a Palavra do Eterno (cf. v.5)! Em todo o Antigo Testamento, o Senhor é aquele que fala; Israel deve ser o povo que escuta: “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é UM” (Dt 6,4). Escutar o Senhor é abrir-Se para Ele, é procurar com todas as forças viver na Sua santa vontade, é deixar que Ele invada a nossa vida, é

viver diante do Senhor com todo o coração, com todo o entendimento! “Se ouvirdes a Minha voz e guardardes a Minha aliança, sereis para Mim uma propriedade peculiar entre todos os povos!” (v.5). Deus amou Israel gratuitamente, Deus escolheu Israel gratuitamente, Deus fez de Israel Sua propriedade particular gratuitamente! É graça! Pronto! Que podemos fazer? Reze Rm 11,33-36.

c) Mas, se Israel é propriedade particular do Santo, Ele é o Senhor de toda a terra, isto é, ama toda a terra, tem cuidado por todos os povos e, em benefício desses povos todos, por amor a todos nós, escolheu Israel e deu-lhe uma missão: “Vós sereis para Mim um Reino de sacerdotes, uma nação santa” (v. 6). Veja: a vocação de Israel é para bendizer, adorar e testemunhar Deus diante de todos os povos e em nome de todos os povos! Por isso ele é um povo sacerdotal! Esta vocação já estava presente no chamado a Abraão (cf. Gn 12,3): “Em juramento Deus lhe prometeu abençoar todas as nações em sua descendência” (Eclo 44,21).

Tudo isto vale também para nós, o Israel nascido das águas do Batismo. Veja o que São Pedro nos diz em sua Primeira Epístola 2,9s! Como o antigo Israel em relação às nações, agora nós, Povo de Deus Pai e Corpo do Filho na unidade do Espírito, temos o dever de interceder sacerdotalmente pela humanidade e, diante da humanidade, testemunhar o único Deus verdadeiro, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Não sei se você tem consciência disto, meu Amigo, mas nós, cristãos, temos a obrigação de rezar pela humanidade toda, de modo particular pelos mais necessitados e atribulados. Leia atentamente 1Tm 2,1-8. Exatamente porque somos membros do Corpo do Cristo único Sacerdote e Mediador, somos Nele povo sacerdotal com sérias responsabilidades! Você tem consciência disto?

3. O v. 9 tem uma afirmação tremenda: “Eis que virei a ti na escuridão!” O Senhor é Santo! Ele jamais poderá ser apreendido por nós, jamais poderemos compreendê-Lo totalmente! Seu Ser, Seu modo de agir, Sua revelação: tudo nos ultrapassa e, às vezes, nos desconcerta! Não podemos domesticar o Santo! São João da Cruz dizia que Deus, para nós, nesta vida, é nem mais nem menos que noite escura! Mesmo quando Se nos revela em Jesus, Ele permanece escondido!

a) Pense no silêncio tremendo do Jardim das Oliveiras, pense no silêncio e na escuridão da cruz, pense na dura e absurda frieza do túmulo do Sábado Santo! Não! Não se brinca com Deus, não se O domestica, não se pode dizer que Ele está na palma da nossa mão! Reze sobre isto; nunca será demasiado, pois nas horas de dor e treva, de derrota, desconcerto e lágrimas, é preciso ter isto bem presente, bem no coração: Salmo 76/75; 77/76; 88/87 (Trata-se do salmo mais triste das Escrituras: termina sem esperança alguma! Mas o simples fato de colocar a desesperança em oração, torna-se esperança! Aprenda! É assim que se caminha com o Deus vivo! “Tu afastaste de mim meus parentes e amigos, a treva é a minha companhia!”).

b) Este capítulo é todo permeado da ideia da santidade do Senhor Deus: “Santo” significa “separado”, isto é, Aquele que é diferente, diverso, de tudo o mais. Tão separado, tão diverso, tão perfeito, tão pleno, tão completo, tão Ele, que não pode ser comparado, nem imaginado, nem compreendido! Diante Dele, a atitude é de pasmo, admiração, temor, amor, atração, receio, proximidade, distância! Por isso mesmo, as Escrituras utilizam tantas imagens, para exprimir o inexprimível: porque o Senhor virá sobre a Montanha, Israel deve purificar-se: devem lavar-se, devem evitar as relações sexuais, devem manter-se distantes da Montanha, a Montanha fumega, treme, troveja: é o Senhor, o Santo, que dela Se aproxima, que nela Se revela escondido na nuvem escura! E esse Deus santo desce! Sim, “o Senhor desceu sobre a Montanha” (v. 20) e “Moisés subiu” (v. 20)! Um Deus tão grande vem ao

encontro do homem tão pequeno: Ele desce para elevar Moisés e, com ele, todo o Israel e toda a humanidade! Ele descerá ainda mais, até a cruz, até o túmulo, até os infernos, para elevar a humanidade à Glória do Céu, da Jerusalém celeste (cf. Ef 4,8s; Ap 21,1-7).

c) Pense bem: hoje há uma tendência muito forte na Igreja a banalizar o sagrado; há uma grave perda da sensibilidade para a santidade de Deus! Conexa à esta triste realidade, há uma perda do senso do pecado! É um erro! Pense no respeito com que Jesus nosso Senhor Se refere ao Pai! Pense nos escritos apostólicos – em Ef 5,1-20, por exemplo! Pense nestas palavras do Apocalipse sobre a Jerusalém celeste: “Nela jamais entrará algo imundo, e nem os que praticam abominação e mentira” (21,27).

Você leva a sério a santidade de Deus? Respeita as coisas santas?

Por amor do Deus Santo, que o santificou no Batismo e nos demais sacramentos, sobretudo na Eucaristia, procura evitar o pecado na alma e no corpo? Coisas sérias a serem seriamente pensadas e rezadas...

d) Reze o Salmo 99/98.

Meditação XX

Reze o Salmo 119/118,153-160

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 20

1. Esta perícopa nos apresenta as Dez Palavras – conhecidas popularmente por Dez Mandamentos. Trata-se do coração da Torá (= Instrução), a Lei que o Senhor Deus concedeu misericordiosamente a Israel. Explicando bem: a Torá é composta pelos cinco primeiros livros das Escrituras, tradicionalmente atribuídos a Moisés. O coração da Torá são as Dez Palavras, o Decálogo. Já vimos no capítulo passado: o Senhor Deus desceu e fez Moisés subir para receber essas palavras pronunciadas e escritas pelo próprio dedo de Deus (cf. 19,20; 20,1; 24,12;31,18). Algumas observações importantes:

a) Enquanto para os judeus, a Lei é o centro das Escrituras e a plenitude da Revelação, para nós cristãos, o centro da Revelação e das Escrituras é a Pessoa bendita e santa de nosso Senhor Jesus Cristo, Palavra viva do Pai, pleno do Santo Espírito da verdade. Atenção, que esta afirmação é central para a nossa fé, central para compreendermos as Escrituras, central para lermos cristãmente o Antigo Testamento. É por não levarem isto em conta que as seitas protestantes interpretam de modo tão torto e arbitrário as Escrituras: interpretação segundo a letra e não segundo o Espírito do Cristo: “A Lei foi dada por meio de Moisés, mas a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito que está no seio do Pai, Este O deu a conhecer” (Jo 1,17s). Observe, Amigo, que afirmação impressionante, emocionante mesmo: no Sinai, Israel recebeu o dom da Torá por meio de Moisés. Qual o objetivo dessa Torá bendita, dessa Instrução? Dá a Israel a graça e a verdade, fazer Israel viver na Verdade do Deus Santo e, portanto, mergulhado na Sua graça vivificante. Pois bem, essa graça e essa verdade vêm por Jesus Cristo! Ele é a plenitude da Torá, Ele é a finalidade da Torá! Ele é tudo!

Mais ainda: como você viu neste capítulo 20 do Êxodo, o Senhor Deus veio na nuvem escura: não podia ser visto, mas somente ouvido! Ele não mostrou Sua Face bendita! O próprio Deuteronômio recordará: “Ficai muito atentos a vós mesmos! Uma vez que nenhuma forma vistes no dia em que o Senhor vos falou no Horeb, do meio do fogo, não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo!” (4,15) Eis: como o Santo não mostrou o Seu Rosto, qualquer rosto Dele esculpido não passaria de um ídolo, um deus falso! Isto vale plenamente ainda hoje para os judeus! Mas, o Deus que não pode ser visto, o Filho Unigênito, que está no próprio seio do Pai, no-lo deu a conhecer! Ele mesmo, Jesus, o homem Jesus, é a Imagem do Deus invisível (cf. Cl 1,15): Tu, cristão, viste o Teu Deus! Quem vê o Filho, vê o Pai, o Deus invisível do Sinai (cf. Jo 14,9,11)! O Deus vivo e vivificante, o Deus que é a própria Vida, tu, cristão, não só O ouviste, como os judeus, mas tu O viste com teus olhos, tu O contempleste, tu O apalpaste com tuas mãos (cf. 1Jo 1,1s)! É um mistério grande demais! Por isso fazemos imagens do Cristo, Imagem do Deus invisível; por isso fazemos imagens dos santos, que são, por sua vez, imagens do Cristo imolado e ressuscitado (cf. 1Cor 15,49).

b) Pare um pouco; releia o tópico (a). Contemple, admire, agradeça, adore! Nunca esqueça: é somente em Cristo morto e ressuscitado que as Escrituras se abrem, que a Torá pode ser compreendida, que as Dez Palavras encontram a sua plenitude, o seu sentido derradeiro: “E começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito!” (Lc 24,27); somente na Sua Glória Moisés (= a Torá) e Elias (= os Profetas) são iluminados, como no Tabor (cf. Lc 9,30s).

Renove sua profissão de fé e amor em Cristo Jesus com as palavras das Escrituras! Reze Cl 1,15-20; Fl 2,5-11; Ef 2,14-18! Nunca esqueça: tudo quanto estamos contemplando nas Escrituras dos judeus dirige-se para Jesus nosso Senhor, como as muitas águas de um rio correm para o mar!

2. Observe ainda a nuvem escura, o fogo, o rumor do trovão (cf. 19,16). Nas Escrituras estas são algumas das imagens do Espírito do Senhor Deus! A cada ano os judeus celebram a Festa do dom da Torá com o nome de Shavuot, isto é “Semanas” ou Pentecostes! É a festa do dom da Lei! Ainda hoje, nas sinagogas, no dia de Pentecostes se lê o Decálogo enquanto todos o escutam de pé!

Cristão, a verdadeira Lei, a Torá definitiva é o Espírito Santo do Cristo morto e ressuscitado, derramado no Pentecostes depois da Ressurreição, no Cenáculo, no meio de vendaval impetuoso e línguas de fogo (cf. At 2,1-3). Veja, que mistério: o novo Sinai é o Cenáculo, a nova Torá é o Espírito de Amor. Por isso, São Paulo diz que a plenitude da Torá é o Amor (cf. Rm 13,10) e esse Amor é o próprio Espírito Santo, pois “o Amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (Rm 5,5).

3. Agora, sim, como cristãos, escutemos as Dez Palavras! Elas são solenes: são pronunciadas pessoalmente pelo próprio Eterno (cf. v. 1). Ele Se apresenta como o Senhor de Israel, pois o libertou do Egito, fazendo dele um povo livre (v. 2). Pense: o Senhor Deus também é o nosso Deus, o nosso Senhor, o Absoluto: Ele nos libertou, através de Cristo, do Egito do pecado: “Graças a Deus, vós, outrora escravos do pecado, vos submetestes de coração à forma de doutrina à qual fostes entregues e, assim, livres do pecado, vos tornastes servos da justiça” (Rm 6,17s); “foi para a liberdade que Cristo vos libertou” (Gl 5,1).

a) Os primeiros mandamentos referem-se ao Senhor Deus: dizem respeito (1) à exclusividade absoluta de adoração só ao Senhor; (2) à proibição de representar o Santo por imagens – o judaísmo é anicônico, não tem imagens!; (3) à proibição de desrespeitar o Nome do Senhor, de usá-Lo supersticiosamente, de utilizá-lo para sustentar falso juramento; (4) à santificação do sábado em honra do Senhor e para o bem do próximo, dos escravos, do animais (cf. Dt 5,14s).

b) Os demais mandamentos dizem respeito ao próximo. Observe que, desde o Antigo Testamento, o amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis! Afirmar que o Senhor é Deus exige o respeito, o cuidado, o amor pelo outro. Leia o estupendo capítulo 19 do Levítico! Como vai sua relação com o seu próximo? Como vai sua relação com seus pais? Honrá-los significa cuidar deles, sustentá-los, protegê-los, dar-lhes atenção, amá-los... Como você trata os que lhe servem e dependem de você? Como trata sua família?

4. Observe que as Dez Palavras não servem mais totalmente para os cristãos! Por exemplo: não guardamos o sábado, não consideramos a mulher propriedade do homem... É que tudo isto foi assumido pela Lei do Amor! Eis o mandamento único para o cristão: amar como Cristo amou! Assim amar a Deus, o Pai, assim amar os irmãos e os distantes: “Andai em amor, assim como Cristo também vos amou e Se entregou por nós a Deus” (Ef 5,2). As Dez Palavras estão contidas e cumpridas e plenificadas e superadas e realizadas no Espírito de Amor, no Qual Cristo Se ofereceu por nós ao Pai (cf. Hb 9,14) e derramou sobre nós para que amemos Nele e como Ele! Para nós, cristãos, o amor não é só um mandamento, mas uma realidade interior e viva: é o Espírito de Amor em nós, conforme os profetas de Israel anunciaram. Leia Jr 31,31-34 e Ez 11,19s; 36,26s! Este Espírito em nós nos cristifica, dando-nos os sentimentos e as atitudes do Cristo nosso Deus, e nos faz amar como a Escritura indica em 1Cor 13!

5. Suplique ao Senhor um coração novo, um coração segundo o Coração de Jesus: “Ó Deus, cria em mim um coração puro, renova um espírito firme no meu peito; não me rejeites para longe da Tua Face, nem retires de mim o Teu Santo Espírito” (Sl 51/50,12).

6. A resposta de Israel ao Senhor Deus foi de temor reverencial, diante da Glória do Altíssimo, um Deus que Se revela escondendo-Se na nuvem escura (cf. v. 21). Não se zomba, não se brinca com Deus e com o que a Ele se refere! Na Sua misericórdia, esse Deus tão imenso, aceita o sacrifício do Seu povo: manda-lhe fazer um altar de terra, do chão da vida, para nele oferecer seus sacrifícios de adoração, louvor, intercessão, pedido de perdão e súplica. E promete: “Em todo lugar onde Eu fizer celebrar a memória do Meu Nome, virei a ti e te abençoarei!” (v. 24) É o que o Senhor nosso Deus Jesus Cristo espera de nós: que celebrando o Sacrifício eucarístico em memória Dele, ofereçamos nossa vida e nosso desejo de viver o Seu preceito de amor, movidos pelo Seu Espírito de Amor! Pensemos nestas coisas! Convertamos nossos corações!

Meditação XXI

Reze o Salmo 119/118,161-168

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 21 – 23

1. Este bloco de três capítulos traz leis muitas diversas, algumas bastantes primitivas e inaplicáveis hoje em dia, mesmo pelos judeus. Várias dessas leis foram evoluindo aos poucos; algumas foram tomadas de outros povos do Antigo Oriente. No entanto, todas elas foram assumidas nas Escrituras Santas como Palavra de Deus e, portanto, adquiriram uma autoridade sagrada para Israel e para nós cristãos.

Essas leis nos fazem ver como o Senhor Deus Se revela nas realidades humanas: Aquele que fala ao Seu povo “do Céu” (Ex 20,22), fá-lo de modo bem humano, bem do âmago da cultura humana, da humana realidade, como diz admiravelmente o Salmo 85/84,12: “Da terra germinará a Verdade, e a Justiça se inclinará do Céu”. É um erro imaginar a Palavra de Deus caída do Céu de modo puro, já toda prontinha! Esta é a mentalidade que os muçulmanos têm a respeito do Corão...

Como o próprio Cristo, Verbo de Deus, Pessoa divina numa natureza realmente humana, a Palavra contida nas Escrituras são palavras do próprio Senhor, mas de modo humano, com estrutura humana, escritas num tempo, num espaço, num povo, num ambiente, numa mentalidade! O Senhor Deus, verdadeiramente, desce, fala aos homens de modo humano, como um pai amoroso se adapta às condições de compreensão de seu filhinho... Então, nestas palavras destes capítulos, bem como por toda a Escritura Santa, encontraremos a viva e santa Palavra do Senhor dita em modo humano!

2. O importante para compreender hoje estes preceitos e leis é perceber o espírito que nelas se encontra, espírito forjado pelo Espírito do Senhor Deus, pois toda a Torá é Palavra do Pai e, por isso, manifestação do Filho, Verbo de Deus, Ele, Palavra única do Altíssimo, pronunciada na potência atuante do Espírito do Cristo morto e ressuscitado, “Ele, que falou pelos profetas!”

3. Nas palavras destes capítulos aparecem o amor e serviço exclusivos ao Senhor Deus, de coração inteiro e indiviso (cf. 20,23; 22,19.28s.30; 23,13.17.24-26.33): “Quem sacrificar a outros deuses, fora ao Senhor, será entregue ao anátema. O primogênito dos teus filhos, tu Mo darás! Não fareis menção ao nome de outros deuses: nem se ouça da vossa boca!”

O que valia para o antigo Israel, vale plenamente para nós, Igreja de Deus, para mim, para você: “Para nós, há um só Deus, o Pai, de Quem tudo procede e para o Qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por Quem tudo existe e para Quem caminhamos” (1Cor 8,6).

– O Senhor exige de nós um coração indiviso, todo para Ele, que faça Dele o tudo de nossa vida. Que lugar, realmente, o Santo ocupa na sua existência? Quais são os seus amores? A que “deuses” você sacrifica?

4. Israel é um povo que pertence só ao Senhor e deve ser santo, diferente, consagrado, separado de todas as nações (cf. 22,19.30; 23,14-19.24-25.31-33): “Não farás aliança nenhuma com eles, nem com seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra Mim, pois se servires aos seus deuses, isto te será uma cilada”. Isto é uma honra, uma responsabilidade e, muitas vezes, motivo de incompreensão e até de ódio!

Nós somos, em Cristo, o Novo Israel. Nele, nosso Senhor, somos consagrados ao Senhor, um povo santo: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro, Me odiou a Mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo, o mundo, por isso vos odeia” (Jo 15,18s).

– Você tem consciência que o cristão não pode de modo algum ser “mundano”, isto é, pensar, falar, agir, viver segundo o critério e o padrão do mundo? A nossa lógica, o nosso pensamento têm de ser segundo Cristo, o Enviado do Pai, o Ungido de Deus: “Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai!” (1Jo 2,15). Qual tem sido o seu critério de vida: Cristo ou o mundo, o Evangelho ou as opiniões da moda?

5. Ser todo de Deus, exige que Israel rompa com toda divisão de coração e toda credence e superstição e sincretismo (cf. 22,17; 23,24-26), pois tudo isso desvia o coração da absoluta unicidade e do absoluto senhorio de Deus sobre todas as coisas: “Não deixarás viver a feiticeira”. A superstição e tudo aquilo que é paralelo ou concorrente na relação com o Senhor deve ser evitado e extirpado do coração de Israel. Não deixe de ler Dt 18,9-14!

Também para nós, cristãos, a prática de quaisquer superstições – horóscopos, cartomantes, invocações de mortos, credices como reencarnação, adivinhação, etc – tudo isto deve ser categoricamente rejeitado: é superstição, credence e idolatria, às vezes com a falsa capa de ciência! É somente o velho pecado humano!

– Você alimenta credices e superstições na sua vida? Se o faz, elimine-os: é abominação diante do Senhor! Ele lhe pedirá contas! Nunca esqueça: “O nosso auxílio está no Nome do Senhor, que fez o céu e a terra!”

6. A adesão de Israel ao Senhor Deus e a obediência aos Seus preceitos exigem necessariamente o respeito, o cuidado e o amor para com o próximo, membro do Povo Santo, e com todos os estrangeiros que vivam no meio dos israelitas; exige o respeito e a compaixão em relação aos pobres da sociedade, sobretudo a viúva e o órfão. No espírito da Torá, é impossível amar a Deus sem respeitar os demais e sem praticar a justiça e a retidão, a compaixão e a misericórdia:

a) Na sociedade do Israel primitivo havia a escravidão por dívidas; mas o escravo deveria ser liberto após sete anos (cf. 21,1); para nosso espanto, o escravo é por vezes tratado como simples propriedade, no entanto, ele tem certos direitos tutelados pela Torá (cf. 21,26). Aos poucos, a escravidão desapareceria em Israel!

b) A Torá ensina a lei do talião: “Vida por vida, olho por olho, dente por dente, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe” (21,24). Muitas vezes esta lei é mal compreendida. Ela é um grande progresso, pois é a superação da vingança sem medida, como a de Lamec: “Eu matei um homem por uma ferida, uma criança por uma contusão. É que Caim será vingado sete vezes, mas Lamec, setenta e sete vezes” (Gn 4,23s). A lei do talião estabelece um princípio importante: a pena não deve ser vingada nem sete nem setenta e sete vezes, mas deve ser proporcional à culpa! É este o sentido do “dente por dente”! Jesus, nosso Senhor, ultrapassará o sete vezes e até o setenta e sete vezes: deve-se perdoar e perdoar sempre, imitando o Senhor, o Deus Santo, Pai de nosso Senhor, que é bom para com todos! Leia Mt 5,33-48.

c) É comovente como o Senhor Deus toma o partido do pobre do desvalido. A convivência entre os membros do Povo Santo, povo de irmãos, não poderia ser regida somente pela justiça estrita, mas por uma justiça alimentada pela compaixão: “Não aflijais o estrangeiro, nem o oprimido, nenhum viúva ou órfão... Se o afligires e ele gritar a Mim, Eu escutarei o seu grito!” (22,20-23). Leia com atenção Ex 23,20-26.

d) Em nome do Senhor Deus, a justiça deverá ser praticada, pois o Santo abomina a injustiça, a rapina, a corrupção da consciência. Leia Ex 23,1-9.

e) Até mesmo a terra deve ser respeitada, pois também ela pertence ao Senhor! Tudo, na vida do crente está debaixo do senhorio do Eterno, todas as suas relações devem ser uma glorificação do Nome de Deus. Leia 23,10-12. É assim que Israel deverá se comportar para experimentar a Presença amorosa do Senhor Deus como bênção nas sua vida (cf. 23,20-26).

7. Concluindo: todos estes capítulos, à primeira vista tão arcaicos e até duros – no caso dos escravos, por exemplo – trazem já o espírito da Torá, que Jesus levará à plenitude: o amor a Deus e o amor, o respeito, o cuidado, a justiça em relação ao próximo. Mais tarde, São Paulo afirmará: “Não deveis nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama cumpriu a Lei. A caridade é a plenitude da Lei!” (Rm 13,8-10).

Procure fazer um sério exame de consciência quanto ao seu trato com Deus e com os demais. Reze o Salmo 41/40.

Meditação XXII

Reze o Salmo 119/118,169-176

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 24

1. Este capítulo narra a conclusão da Aliança do Senhor com o Seu povo. Atenção, que há coisas que são repetidas, que já foram ditas nos capítulos anteriores. Há muito disto nas Escrituras: repetições, incongruências, imprecisões... Mostra o quanto os Livros Sagrados foram escritos aos poucos, exprimindo acontecimentos que foram vividos, meditados, rezados, contados e recontados, revisados, reinterpretados no seio do Povo Santo de Deus, sempre sobre a inspiração serena, discreta e forte do Espírito de Deus.

a) As Escrituras não são reportagens históricas, mas testemunhos vivos, vividos, vivenciados e vivificantes de um Povo que foi amado, encontrado e educado pelo Seu Deus!

Quem se aproxima destes textos santos sem fé, encontrará somente um montão de textos antigos, compostos no decorrer de séculos, geração após geração;

quem deles se aproxima com curiosidade apenas, encontrará somente literatura interessante, por vezes sublime, por vezes grosseira, mas simplesmente humana, e daí não tirará grande proveito; quando muito, aqui e ali, um conselho, uma lição útil para a vida...

Mas, o que crê que Cristo é a Palavra feita carne e que as Escrituras dão testemunho Dele (cf. Jo 5,39), os que delas se aproximam com esta atitude de fé e humildade, encontram nelas o Coração do próprio Senhor, pulsando de Vida eterna, de Amor sem fim, que nos ilumina, nos vivifica, dá-nos o verdadeiro sentido da existência!

b) É assim que as Escrituras vivem na Igreja, comunidade dos crentes vivificados nos sacramentos pelo Espírito do Senhor imolado e Ressuscitado. É assim que as Escrituras, lidas na comunhão da

Igreja, no seio daquele Povo querido, amado, fundado e sustentado continuamente pelo Senhor ressuscitado, são sempre atuais, sempre luz para os nossos passos, sempre Palavra de Vida eterna: “elas têm o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e qualificado para toda boa obra” (2Tm 3,15-17).

c) Pense um pouco: Você lê diariamente as Escrituras? Procura lê-las com um coração humilde e fiel? Nunca esqueça de que as Escrituras devem ser lidas no mesmo Espírito de Cristo que as inspirou! Você procura confrontar sua vida com elas? Você as lê em comunhão de fé e Espírito com a Igreja de Cristo, nossa Mãe católica? Lembre: as Escrituras somente são vivas no Corpo de Cristo, cheio do Espírito! Este Corpo é a Igreja! O corpo verbal do Senhor somente pode viver se for lido no Corpo eclesial de Cristo! Você se nutre do Corpo sacramental de Cristo na Eucaristia para nutrir-se também do Corpo verbal de Cristo que são as Escrituras? A meditação constante das Escrituras, sempre em Cristo e a partir de Cristo, deve levar-nos a uma vida segundo Cristo... Tem sido assim com você?

2. Logo no v. 1, além de Moisés, aparecem agora Aarão, seus dois filhos e outros personagens, anciãos de Israel, isto é, os chefes dos clãs, das famílias. A Torá foi dada a todo o Israel, aqui representado nos setenta anciãos; no entanto, Moisés goza de uma prerrogativa especial: é através dele que o Senhor deu a Lei. Ainda hoje, os judeus chamam-no de “Moisés, nosso Rabi”, isto é “Moisés, nosso Mestre”.

a) Jesus dirá aos Seus discípulos: “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre.. Nem permitais que vos chamem ‘Guias’, pois um só é o vosso Guia, Cristo” (Mt 23,8-12). Isto, porque, como já foi recordado antes, “a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está no Seio do Pai, Este O deu a conhecer” (Jo 1,17s). São afirmações impressionantes, estas, do Quarto Evangelho! A finalidade da Lei é nos mergulhar na graça e na verdade de Deus, isto é, na Sua Vida íntima; e isto nos foi dado somente por Jesus nosso Senhor! Mais ainda: somente Jesus vem do Seio do Pai, somente Jesus nos faz conhecer o Pai, somente Ele nos dá a Vida do Pai, que é o próprio Santo Espírito!

b) Quando o Antigo Testamento afirma que Moisés e os anciãos de Israel viram o Senhor, trata-se, na verdade, de um ver sem ver! Moisés O vê na “face a face” (cf. Dt 34,10), mas na Nuvem escura (Eclo 45,5s) ou “pelas costas” (cf. Ex 33,20ss); os anciãos de Israel veem-Lhe os pés (cf. Ex 24,9-10)... Não! Somente o Senhor Jesus veio do Seio do Pai, somente Ele nos pode dar a conhecer o Deus Santo de modo definitivo; Ele não só viu o Pai, mas vem do Seio do Pai; Ele é UM com o Pai no Espírito Santo: Ele, o Deus de Israel, o Santo, o Invisível, o Eterno, é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo!

c) Pense bem: Não somos nós que imaginamos o Deus vivo e verdadeiro, mas é Ele Quem Se nos revela gratuitamente em Jesus Cristo! Deus não é o que eu imagino, nem Ele pensa segundo o que eu imagino que Ele pensa ou aprova! Para conhecê-Lo é necessário ouvir, acolher, aprender de Jesus nosso Senhor, que nos fala nas Escrituras e na Igreja, cheia do Seu Espírito! Para caminhar com o verdadeiro Deus, não é você que O dobra à sua medida e gosto, mas é você quem deve se converter a Ele! Você tem consciência disto ou o seu “deus” é aquele ídolo imaginado por você, segundo suas conveniências e as cômodas modas do mundo ou as opiniões volúveis da maioria?

3. Eis a Aliança (cf. vv. 3-4): Moisés transmite ao povo as palavras do Senhor, Suas exigências de Vida eterna; o povo, por sua vez, responde: “Nós observaremos todas as palavras do Senhor!”

a) Observe que não é o povo quem decide como deseja viver ou o que é certo e o que é errado: a Israel cabe somente ouvir e responder, ouvir e obedecer, somente dizer “amém” ao que o Senhor Deus revelou. Ainda hoje é assim: a Igreja não é dona da verdade, a Igreja não pode fazer a doutrina que lhe agrada, a Igreja não pode ensinar por si mesma, não pode se refazer como se fosse autossuficiente! Esta não seria a Igreja de Cristo! A ela cabe ouvir a Palavra e dizer “Amém”, como é expresso na Liturgia com o nosso “Graças a Deus” e “Glória a Vós, Senhor” depois de ouvir as Escrituras! Só esta é a Igreja de Cristo, só esta é a Igreja verdadeira, o Povo fiel! Para Israel como para a Igreja, o primeiro e fundamental mandamento será sempre “Ouve, ó Israel!” (cf. Dt 6,4; Mc 12,28s). Uma pergunta blasfema que, por vezes, e ouvida em certos meios católicos é esta: “Que Igreja nós queremos?” Uma Igreja feita sob nossa medida não seria mais a Igreja de Cristo, mas a nossa igreja, nosso clube, que não serve para o Reino de Deus! A Igreja será sempre não o que queremos, mas o que Cristo quis e quer! Ela pertence a Ele – só a Ele! –, não a nós! Ele a chamou de “Minha Igreja” (Mt 16,18).

E você: sabe escutar com o coração e exprimir na vida a Palavra do Senhor? Reze o Salmo 19/18.

4. A Aliança é selada com sangue, o sangue da Aliança (cf. vv. 5-8)! Metade é aspergido sobre o povo e a outra metade, sobre o Altar, que representa o próprio Altíssimo! Depois, em nome de todo o Israel, Moisés e os anciãos sobem até Deus para um banquete. Duas imagens: o sangue e o alimento, ambas significando a vida. Deus e o povo, unidos pelo mesmo sangue e comendo a mesma comida: Deus que dá a Vida ao Seu povo, Deus que, em certo sentido, vive a vida do Seu povo! Tudo isto é figura, é profecia, é prefiguração; tudo isto se cumpre admiravelmente na Eucaristia, sacrifício da nova e eterna Aliança, selada no sangue do Cordeiro imolado por nós, Jesus nosso Senhor, e dado em alimento para nossa salvação, para que, Nele, tenhamos a Vida do próprio Deus, a Vida eterna (cf. Lc 21,19-20; Jo 6,54-56). Leia com atenção 1Cor 10,16-17: como o Israel segundo a carne encontra sua unidade em torno da aliança na Torá, o Novo Israel, que é a Igreja, encontra a sua unidade em torno do Cristo Senhor, que nos alimenta com o Seu Corpo e Sangue, oferecidos em sacrifício e recebidos em comunhão para a Nova e Eterna Aliança! Reze o Salmo 116/115,10-19; Jesus o rezou na Última Ceia!

5. Agora releia os vv. 12-18; eles revelam a santidade e a inacessibilidade de Deus. O Sinai, coberto por espessa Nuvem escura, revela ao mesmo tempo a Presença do Senhor Santo, sua Shekiná e, ao mesmo tempo, Seu mistério! Ele é o Deus escondido: Ele Se revela escondendo-Se! Isto nos lembra, mais uma vez, que Deus, mesmo vindo a nós, nos ultrapassa e jamais pode ser tomado de modo leviano e desrespeitoso!

a) Lembre, você que é cristão: em Jesus nosso Senhor, Deus veio a nós de modo pleno e definitivo, muito mais do que Sua vinda no Monte Sinai ou na Torá! Jesus é, pessoalmente, o Deus bendito (cf. Rm 9,5; Tt 2,13), a segunda Pessoa da Santa Trindade, o Deus conosco, Emanuel (cf. Mt 1,23; 28,20). Por sua vez, nosso Salvador morto e ressuscitado, além de vir entre nós, quis que Sua Vida divina estivesse dentro de nós e, assim, derrama continuamente o Seu Santo Espírito no nosso íntimo pelos sacramentos; deste modo, nós temos dentro de nós a Vida divina do próprio Deus! Eis a verdadeira e

plena Shekiná: o Espírito do Filho imolado e ressuscitado habitando verdadeiramente em nós até a plenitude da Vida eterna no Reino!

b) Você deveria recordar sempre: a água, a nuvem, o fogo, o óleo, a vento, o perfume, o vinho são símbolos do Espírito Santo com o qual o Pai ungiu o Filho Jesus na Sua ressurreição e Este derrama sobre nós nos sacramentos da Igreja! Observe que são sempre elementos sem formato, que se adequam àquele que o recebe, que o contém. Até mesmo a pomba, no batismo de Jesus (cf. Mt 3,16), recorda aquela outra, do Dilúvio, que trazia no bico um ramo de oliveira, da qual se faz o óleo (cf. Gn 8,11)! O significado é claro: o Espírito, misterioso Vento que sopra onde quer (cf. Jo 3,8ss), derramado continuamente sobre nós nos sacramentos, age secretamente em nós, reconciliando-nos com Deus, dando-nos Paz com Ele, infundindo em nós a Vida mesma que Cristo os trouxe da parte do Pai (cf. Jo 20,19-23) e suscitando em nós todo o bem e toda a graça! Para isto Ele veio, para isto Ele Se entregou, para isto sofreu a dura Cruz, para isto morreu e foi sepultado, para isto ressuscitou dentre os mortos: para nos dar o Seu Espírito divino e divinizante, santo e santificante!

6. Leia Hb 10,1-10. Agora reze o Salmo 40/39.

Meditação para este IV Domingo da Quaresma - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

O Evangelho de hoje é mais uma belíssima catequese batismal que nos prepara para a santa Páscoa. Não esqueçamos que em muitas paróquias adultos estão terminando seus preparativos para o Batismo.

No Domingo passado, no Evangelho da Samaritana, vimos que Jesus é o Messias que dá a verdadeira água do Espírito Santo, água que jorra para a Vida eterna.

Neste hoje, “ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença”. Esse homem simboliza os judeus; pode simbolizar também a humanidade toda: enquanto não somos dados à luz no Batismo, somos cegos, nascemos cegos! Nunca esqueçamos que cristãos nos tornamos pela fé e o Batismo! Ninguém nasce cristão!

Os discípulos, apegados a uma crença popular antiga, tão combatida por Jeremias e Ezequiel, pensavam que o cego estava pagando pelos pecados seus ou dos seus antepassados. É a uma crença errada, semelhante à superstição da reencarnação: “Quem pecou para que nascesse cego: ele ou seus pais?” Não há resposta, não há explicação! Os segredos da vida pertencem a Deus! Se crermos no Seu amor, se nos abandonarmos nas Suas mãos, a maior dor, o mais inexplicável sofrimento pode ser confortado pela certeza de que Deus está conosco e nos fortalece: “Nem ele nem seus pais pecaram: isso serve para que as obras de Deus se manifestem nele!” Até na dor e no sofrimento Deus está presente quando somos abertos à sua presença. Pena que nosso mundo superficial e incrédulo não compreenda isso... Se se abrisse para Jesus, o Inocente crucificado e morto... Na sua luz, contemplamos a luz da Vida: “Enquanto estou no mundo, Eu sou a luz do mundo!” Mas, o nosso mundo se fecha na sua racionalidade cega e orgulhosa...

Jesus, cospe no chão e faz lama. A saliva, para os judeus, continha o espírito; simboliza, então, como a água, o dom do Espírito. Ao colocar a lama de Sua saliva infundida no barro, Jesus como que repete

o gesto do Senhor Deus no Gênesis, criando o homem do pó da terra e insuflando em suas narinas o Sopro da vida! Depois, Jesus ordena: “Vai lavar-te na piscina de Siloé!” É a piscina do Enviado de Deus, do Messias, imagem da piscina do nosso Batismo, na qual somos iluminados pelo Senhor que é luz do mundo! Por isso o homem vai e retorna vendo.

Eis o que é o cristão, o discípulo de Cristo: aquele que era cego, foi lavado na piscina batismal e voltou vendo. Porque ele vê, os judeus o expulsam da sinagoga, como o mundo também nos expulsa de sua amizade a apreço! Não somos do mundo, como o Senhor nosso não é do mundo; Ele nos separou do mundo! Agora, curado da cegueira, aquele que foi iluminado pode ver Jesus; ver com a fé, ver a realidade mais profunda, ver que ele é o Senhor, Filho de Deus: “‘Acreditas no Filho do Homem?’ ‘Quem é, Senhor para que eu creia nele?’ Jesus disse: ‘Tu o estás vendo; é Aquele que está falando contigo!’” Para isso te curei, para isso fiz-te enxergar! “‘Eu creio, Senhor!’ E prostrou-se diante de Jesus!”

Também nós, fomos iluminados pelo Cristo no Batismo. Na Igreja Antiga, um dos nomes do sacramento batismal era “photismós”, iluminação, porque, renascidos em Cristo, os cristãos, curados da cegueira do pecado e da morte, passam a ver a Luz verdadeira! Para nós valem as palavras de São Paulo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor! Vivei como filhos da luz! Não vos associeis às obras das trevas!”

Eis, caros irmãos: iluminados por Cristo não podemos pensar como o mundo, sentir como o mundo, agir como o mundo! Devemos viver na luz e ser luz para o mundo!

Mas, não é fácil; não basta querer! Sem a graça do Senhor, nada conseguiremos, a não ser sermos infiéis! Por isso a necessidade dos exercícios quaresmais; por isso a oração, a penitência e a caridade fraterna, por isso a necessidade da confissão de nossos pecados! Não nos esqueçamos: não poderemos zombar de Cristo: seremos julgados na Sua luz: “Eu vim a este mundo para exercer um julgamento, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos!” – Eu vim para revelar a luz aos humildes, aos que se abrem à Minha Palavra e à Minha Presença, e vim revelar a cegueira do mundo confiado na sua própria razão, na prepotência de seus próprios caminhos! Porque este mundo diz que vê, que sabe, que está certo, seu pecado permanece; somente se abrir-se para a luz do Cristo, caminhará na luz e enxergará de verdade!

E nós, caminhamos na Luz ou permanecemos nas trevas? Que o Senhor ilumine a nossa vida e nos faça, na Sua Luz, vermos a luz. Amém!

Meditação XXIII

Reze o Salmo 119/118,1-8

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 25 - 31

1. É um longo trecho que hoje lhe é proposto. Toda uma complexa legislação cultural que hoje, na Nova Aliança, já não é mais observada. Ainda assim, peço que leia estes seis capítulos com atenção!

a) Primeiro como um sinal de fé e reverência para com o Senhor Deus. Se é a santa Palavra Dele, devemos escutá-la, lê-la, simplesmente porque Ele falou! Um cristão não deveria nunca se conformar ao pensar que haja sequer uma parte da Escritura Santa que ele não tenha lido, que o Altíssimo tenha dito algo que ele não conheça...

b) Depois porque todas estas prescrições são preparações para o verdadeiro culto em Cristo Jesus, nosso Senhor. Compreendendo um pouco das prescrições culturais dos judeus, compreendemos melhor o sentido da missão do Cristo nosso Senhor e a novidade do Novo Testamento.

2. Uma observação muito importante: todo o sistema cultural judaico caiu com a Páscoa de Cristo. Não ficou nada! Isto é afirmado todo o tempo pela Epístola aos Hebreus e simbolizado em Mt 27,51, quando se diz que o véu que separava o Santo e o Santo dos Santos do Templo rasgou-se em duas partes de cima a baixo! O próprio Senhor Jesus afirmou isso quando preveniu que não se pode colocar o vinho novo do Santo Espírito nos velhos odres do judaísmo nem tampouco remendar a Lei de Moisés com o pano novo da Nova Aliança (cf. Mt 9,14-17).

a) É muito importante compreender que a Liturgia cristã tira toda a sua simbologia não do Antigo Testamento, mas do Apocalipse, do Banquete pascal e celeste do Cordeiro, na Liturgia celeste: todo o Apocalipse apresenta a história humana como a luta e a vitória do Cordeiro imolado e ressuscitado que, no Santo Espírito, entrega ao Pai, numa Eucaristia eterna, o universo redimido. É esta, em suma, a realidade da Liturgia cristã: a celebração do Sacrifício Pascal do Cristo, presente sobre o Altar, para salvação nossa e do mundo inteiro! Se existem símbolos do Antigo Testamento na liturgia da Igreja, é porque estes aparecem no Apocalipse ou porque se referem diretamente ao Cristo nosso Deus!

b) Assim, imagens, objetos e ideias como altar, cordeiro, sacrifício, sacerdote, incenso, lâmpadas, prostrações, aclamações, vestes sagradas... tudo isto, no cristianismo, tem sua fonte no Novo Testamento e com um novo significado, que brota do Cristo Jesus, Sacerdote e Cordeiro eterno, que oferece um Sacrifício eterno, para todo o sempre no Santuário que é o Céu e que se torna presente sacramentalmente no Altar eucarístico do Novo Israel!

3. Assim, tomemos algumas ideias mais interessantes para nós neste bloco de seis capítulos:

a) Em Ex 25,2 ; 30,11-16, fala-se em doação e tributo para o culto. Mais tarde a Torá falará no dízimo. Dar do nosso dinheiro, dos nossos bens materiais para a obra de Deus é um sinal claro e concreto de fé. Nós, católicos brasileiros, somos muito mal educados neste aspecto! Com a desculpa esfarrapada e enganosa de que a Igreja é rica, em geral, os fiéis católicos não ajudam de modo sério e comprometido nas atividades materiais da Igreja. Em geral, no Brasil, fazer qualquer coisa de Igreja que envolva dinheiro, para os católicos, é extremamente penoso! Ora, o fiel tem que dar de seus bens para a manutenção do culto e das atividades da Igreja. Não é favor; é obrigação sagrada, é obrigação de amor!. No Antigo Testamento, o dízimo é tabelado: a décima parte do que se ganha. No Novo Testamento não há um preceito fechado do dízimo, isto é, da décima parte! Há a obrigação sim de dar a contribuição conforme a fé e o amor, contribuição esta para o culto, para o sustento dos ministros e para as obras de caridade (cf. At 4,32 – 5,16; 1Cor 8,1 – 9,14; 1Cor 9,1-14).

Como você emprega o seu dinheiro em relação às necessidades da Igreja: é generoso ou mesquinho, tendo dinheiro para tudo, menos para as obras da Igreja? Isto seria uma vergonha e um sinal de fé

fraca e invertebrada... Lembre que o Altíssimo também é Senhor dos seus bens materiais! O nosso modo de nos relacionarmos com os bens materiais dizem muito do que somos!

b) O Senhor mesmo ordena fazer um santuário para o Seu Nome (cf. 25,8s) e dá prescrições minuciosas sobre o mesmo. Deus não pode ser preso em locais, mas esses locais consagrados exprimem o Seu desejo de ser encontrado por nós, seres humanos, exprime Seu desejo de estar no nosso meio. Assim, no deserto, a Tenda de Reunião, onde ficava a Arca da Aliança e a sua tampa sagrada, chamada Propiciatório. Ali, entre querubins de ouro, o Santo manifestava-Se a Moisés. Para os judeus, na Arca Deus apoiava o Seus pés, ela era o escabelo dos pés do Senhor! É um modo respeitoso de imaginar a Presença de Deus, para lá de todo limite e compreensão nossa! Depois da Tenda de Reunião, será erguido o Templo em Jerusalém, todo invadido pela Nuvem da Glória, do Espírito de Deus (cf. 1Rs 8,10-13). Tudo isto era preparação e imagem em relação ao novo, definitivo e verdadeiro Templo: o Corpo do Senhor ressuscitado, verdadeira habitação da Glória de Deus, “lugar” no qual podemos encontrar o Senhor Deus e prestar-Lhe, pelo Filho no Espírito, o culto “em espírito e verdade” na Eucaristia e na vida (cf. Jo 4,23s)!

Recorde que o verdadeiro culto cristão é em Cristo e. Celebrado na Liturgia, deve formar, conformar toda a nossa vida segundo Cristo.

Leia Rm 12,1s. Como é sua participação na Liturgia: adorante e atenta, comprometida e com reflexos no seu modo de viver ou, ao invés, superficial e descomprometida, sem incidir na sua vida concreta?

c) Várias vezes, nestes capítulos, o Eterno determina como devem ser feito os utensílios e como deve ser celebrado cada rito. Isto tem um sentido ainda hoje válido para nós: o culto não pode ser festinha nossa, não é invenção dos crentes, algo espontâneo, subjetivo e arbitrário, mas uma realidade sagrada, recebida de Deus e vivida fielmente pelo povo sacerdotal. Infelizmente, a desordem litúrgica hoje existente na Igreja latina revela uma compreensão débil e equivocada do sentido do culto para o homem de modo geral, do culto cristão especificamente e do culto litúrgico na mentalidade da Igreja ao longo de vinte séculos! Hoje estamos numa profunda, generalizada e desastrosa crise litúrgica: o culto santíssimo ao Senhor virou a festinha da comunidade e propriedade do “presidente”, sujeito a todas as arbitrariedades possíveis e imaginárias, a todas as criatividades vazias e infantis... Assim, vai-se diluindo o sentido do sagrado, da liturgia como culto no qual recebemos a Vida divina e do cristianismo como religião!

Pense no seu modo de participar da Liturgia... Corrija-se! Procure compreender bem o que a Igreja celebra e como deve celebrar. Depois da Quaresma, no Tempo Pascal, aproveite um pouco do seu tempo e leia a segunda parte do Catecismo da Igreja Católica, sobre a Liturgia..

d) Muitas vezes, nestes capítulos, o Senhor manda que se façam os utensílios de ouro puro. Isto nos ensina que, para Deus, se dá o melhor, não o resto! É uma questão de amor! Mas, isto nada tem a ver com suntuosidade, luxo ou ostentação. O sentido é de piedade! Na liturgia cristã, o dourado significa a Vida divina, fruto da ação do Espírito de Cristo, o Santo de Deus, que tudo diviniza. É um erro grave pensar a Liturgia simplesmente do ponto de vista estético, com uma preocupação meio leviana e mundana com modelos, lizo, aparência, exibição, como se fosse questão de moda! Não existe moda litúrgica! Não existe luxo litúrgico! Na Liturgia é o Cristo imolado e ressuscitado Quem celebra! É Ele o Oferente e o Ofertado, o Sacerdote e a Vítima. Beleza, cuidado, zelo, preciosidade sim; mas

com espírito religioso, sóbrio, piedoso e, sobretudo, centrado no Cristo Senhor e na glorificação do Seu Nome!

e) A tampa que cobria a Arca tinha dois querubins; também a cortina que separava o Santo e o Santo dos Santos. Isto mostra que a proibição de imagens, mesmo no Antigo Testamento, não era absoluta. Não sendo imagens de ídolos, era, por vezes, admissível. Quanto ao sentido profundo dessa proibição e de sua liceidade na Nova Aliança, já expliquei anteriormente. Nosso verdadeiro propiciatório é o Corpo do Senhor imolado e ressuscitado: Nele temos o perdão dos nossos pecados!

f) O candelabro com sete braços, chamado de menorá, no cristianismo, tornou-se símbolo do Espírito Santo, com Seus sete dons e Sua plenitude de Vida. Até a Idade Média, era muito usado pelos cristãos. Agora, está voltando a ter uso no cristianismo...

g) Muito interessantes as determinações para o azeite e a preparação do crisma, o azeite perfumado (cf. 27,20s; 30,22-33).

Primeiro, o azeite que deve queimar diante do Senhor continuamente, símbolo do próprio Povo de Israel. Assim deve ser a nossa vida, consumida em louvor ao Senhor... Sua vida é vivida para você ou para a glória de Deus? Esta é uma pergunta séria... Somente tem sentido para a Eternidade uma vida vivida diante do Senhor, como uma vela sobre o Altar...

Depois, o crisma, o óleo misturado com perfumes. Ele, uma vez consagrado, é instrumento de santificação, símbolo privilegiado da ação do Espírito do Senhor. Com ele eram ungidos os reis e os sacerdotes. Jesus foi ungido com o Espírito do Senhor desde a Sua concepção, depois no Seu batismo e, de modo pleno, superabundante e definitivo, na Sua Ressurreição, tendo sido feito Senhor e Cristo/Ungido.

Assim, o óleo perfumado, o crisma, assumiu, na Liturgia cristã uma significação especialíssima: presença do Espírito do Ungido/Cristo que unge e habilita o Seus para a Vida eterna e para a missão! O Bispo, como imagem do Cristo Sumo e Eterno Sacerdote da Nova Aliança, prepara o crisma na missa crismal da Quinta-feira Santa, misturando perfumes ao azeite e consagrando-o para ser usado como instrumento de santificação pela presença do Espírito do Cristo! Com o crisma sagrado são ungidos os recém-batizados, os crismandos, as mãos dos novos sacerdotes, a cabeça dos novos Bispos, os altares e as paredes das novas igrejas dedicadas ao Senhor.

Do crisma, Jesus recebeu o Seu nome: Cristo/Ungido com o crisma, símbolo do Espírito. Nós, de Cristo, participantes do Seu Espírito, somos cristãos!

4. Digno de nota é como o Espírito de Deus age nas pessoas, suscitando nelas dons e carismas e habilitando-as para serviços vários, mesmo os mais simples (cf. 31,1-6). Esta ação do Espírito, realidade que aparece já no Antigo Testamento, seria uma verdadeira efusão no Novo Testamento. Assim, os profetas de Israel anunciaram (cf. Jl 3,1-5). Seria o Messias, o Cristo, cheio do Espírito, Quem derramaria esse Espírito em plenitude e abundância. E assim foi: primeiro no Pentecostes de Jerusalém e, continuamente, nos sacramentos da Igreja, recebemos e bebemos continuamente do Espírito do Senhor (cf. 1Cor 12,13).

5. Contemplando toda esta maravilhosa ação de Deus, contemplando o modo admirável como a Antiga Aliança vai preparando paulatinamente a Nova e Eterna Aliança, reze, bendizendo ao Senhor, o Salmo 81/80 e o Salmo 84/83.

Meditação XXIV

Reze o Salmo 119/118,9-16

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 32

1. Este capítulo dá conta de um dos grandes pecados de Israel no deserto, seu pecado original. Procuremos compreender... Antes de tudo, não tente fazer uma sequência precisa dos fatos narrados pelos livros do Antigo Testamento: tratam-se de antiquíssimas recordações dos primeiros israelitas... É impossível fazer uma reportagem histórica desses fatos vividos, rezados, recordados, contados e recontados, geração após geração! Eles não estão na Escrituras Sagradas como material de informação, mas como testemunhas vivas do caminho de Israel com o seu Deus! São eventos para serem tomados, meditados, rezados e colocados na nossa vida, pois são uma Palavra de Deus para nós no nosso hoje.

2. Releia Ex 24,15-18. É daí que a narrativa deste capítulo 32 retoma o fio da história.. O v. 1 coloca a questão: Moisés demorou-se com o Senhor Deus na Nuvem escura, no alto do Monte Sinai, quarenta dias e quarenta noites, e Israel impacientou-se! O Povo pede, então que Aarão lhes faça “um deus que vá à nossa frente”!

a) O primeiro pecado de Israel aqui é querer fazer as coisas do seu modo e a seu tempo; não sabe, não aceita os tempos do Senhor! O Deus santo é incompreensível demais para os teimosos israelitas; eles querem um deusinho que possam ver, tocar, controlar, manipular, um deusinho do tamanho deles, sob medida! Mas um deus assim não é o Deus verdadeiro, é um ídolo! Se Moisés, o servo do Deus verdadeiro está demorando demais para o gosto do povo, este, simplesmente, resolve fazer uma imagem que represente a presença do Senhor: um boi, um bezerro, como a Escritura chama com ironia: “Trocaram a sua Glória pela imagem de um boi, comedor de capim!” (Sl 106/105,20)

b) É impressionante: para a teimosia, para o mal, como se é rápido, como se é generoso, como se é criativo: logo dão suas joias e fazem o maldito ídolo, um arremedo do Deus verdadeiro (Cf. v. 4)! Lembre-se: é fácil fazer o mal! É preciso vigiar para evitá-lo!

E você, e eu: aceitamos o Senhor nos Seus tempos e modos ou queremos fazer do nosso jeito, criando um deusinho de encomenda para nosso consumo, “um deus que vá à nossa frente” (v. 1) do nosso modo, segundo o nosso ritmo e conveniência?

3. Israel peca gravemente: dá a uma maldita estátua de um bezerro o santo Nome do Eterno: “Este é o teu Deus, ó Israel, que te fez subir da terra do Egito!” (v. 4) E fizeram festa para o seu deusinho de mentira! Povo louco, povo tolo, povo ingrato, povo cego! Este povo somos nós! Este povo sou eu e você!

Muitos cristãos, muitos católicos fazem assim: o seu deusinho; e tranquilos, e felizes, fazem-lhe festa... Mas, aquele é só um ídolo, um nada, uma ilusão! O Deus verdadeiro não pode ser manipulado nem por mim nem por você nem por ninguém! Quem pensa que O manipula, perde-O! O Deus verdadeiro, nós O encontramos nas Sagradas Escrituras, escutadas no Espírito de Cristo, tal qual são lidas e pregadas nestes vinte séculos pela Igreja, segundo a perene e contínua Tradição apostólica!

4. O pecado de Israel é tão grave que o Senhor tem uma reação surpreendente: não mais considera Israel o Seu povo. Veja o que Ele diz a Moisés: “o teu povo... que tiraste do Egito!” Pobre Moisés, espremido entre um povo rebelde e um Deus irado! Por que o Senhor age assim? Mistério! Mas, uma coisa é certa: o Eterno vai educando Moisés, vai provando-o, depurando-o, ensinando-o a comprometer-se com esse povo, que é o Seu povo, povo do Senhor... É assim que Ele faz conosco nas provações da vida!

Não tem jeito: caminhar com Deus é aceitar os modos Dele, é Nele esperar, Nele confiar, a Ele entregar-Se...

a) Lembre-se: a reação indignada e irada do Senhor nos recorda a Sua santidade. Não se pode brincar com Deus, não se pode fazer pouco caso Dele, não se pode manipulá-Lo! Há consequências sérias na nossa vida pelo nosso mau comportamento ante o Senhor!

Suplique ao Senhor Deus a graça de um coração de pobre! Reze o Salmo 16/15.

b) E o Senhor apresenta graves acusações contra Israel! A sentença é tremenda: Deus destruirá Israel e fará de Moisés um novo povo! (Cf. v. 8-10). E aqui aparece toda a grandeza e generosidade de Moisés: ele intercede pelo povo! Argumenta pela honra do Nome de Deus, recorda ao Senhor a fidelidade dos patriarcas de Israel e as promessas que o Altíssimo lhes fizera, e faz o Santo desistir da punição! Moisés é imagem do próprio Cristo que intercede por todos nós!

c) Você também pode e deve interceder por quem precisa de oração... Tem feito isto? A Escritura manda que rezemos uns pelos outros. Podemos fazê-lo porque nossa oração de intercessão é no Espírito de Cristo. Por isso nossa oração, como a dos Santos, não concorre, não compete com a única mediação de Cristo, mas, pelo contrário, é Nele, o único Mediador, que intercedemos, cheios do Seu Espírito que ora em nós! Veja, neste exemplo, o poder e o valor da oração: ela move o Coração de Deus! Ele deseja que seja assim! Você crê nisto?

5. Os vv. 19s mostram como Moisés ainda é violento: é um homem bom, generoso, zeloso, mas ainda tem acessos de cólera, é por ela dominado a ponto de quebrar as tábuas nas quais o Altíssimo mesmo escrevera; e faz o povo beber o pó do bezerro idólatrico!

a) Mesmo com essa ira, o gesto de Moisés tem um significado: nossos ídolos devem ser reduzidos a pó no nosso coração. E devem ser eliminados! Pense nisto!

b) Moisés manda o povo beber para que o pó do bezerro seja punição para quem o adorou. E essa punição será tremenda: os adoradores morrerão pela espada dos levitas (Cf. vv. 25-29). Para a nossa sensibilidade, isto é um escândalo; mas, a Palavra de Deus não é politicamente correta! O Senhor é Deus, Senhor da vida, e nos previne: o pecado mata! Os ídolos nos fazem perder a vida! Só o Senhor

é Deus! Não dá para pecar, viver no pecado e fazer de contágie está tudo bem e que Deus perdoa, ainda que não nos convertamos! Isto é mentira! Isto é vã ilusão!

c) Com o tempo, caminhando com Deus, Moisés tornar-se-á um homem sereno. Leia Nm 12,1-3: caminhando com o Senhor, Moisés foi sendo plasmado pelo Altíssimo, tornando-se um homem novo, de coração humilde e manso! É assim: quando nossa relação com o Senhor é verdadeira, ela nos transfigura! Tem sido assim com você? Pense na sua vida com Deus e nas suas atitudes, sobretudo em relação ao próximo!

6. Os vv. 30-35 mostram, mais uma vez, que o pecado, mesmo perdoado, deixa marcas negativas na nossa relação com Deus. O Senhor perdoou Israel, mas “no Dia da Minha visita, Eu punirei o pecado deles!” Não existe, nas Escrituras, uma noção de perdão ou de misericórdia que não apele para a nossa responsabilidade e suas consequências! Nossas escolhas, nossas decisões, nossas atitudes deixam marcas em nós e na nossa relação com o Senhor: elas vão abrindo ou fechando o nosso coração para o Altíssimo. Pense bem nisto!

7. Finalmente, a comovente oração de Moisés: “Senhor, se perdoasses o pecado de Israel... Se não, risca-me, peço, do Livro que escreveste!” (v. 32). Que coração generoso: Moisés prefere morrer a ver o povo que o Senhor lhe confiou ser todo condenado! Também São Paulo, preferia ser anátema a ver os judeus serem condenados porque não creram em Jesus como o Messias (Cf. Rm 9,1-5). Os verdadeiros pastores em Cristo dão a vida pelas ovelhas, como o Senhor Jesus mesmo o fizera (Cf. Jo 10,17s). Estes são os que apascentam em Cristo e Cristo mesmo apascenta neles! Estes escutarão aquela palavra tão consoladora: “Muito bem, servo bom e fiel: foste fiel no pouco; muito Eu te darei! Vem assentar-te à Mesa com o teu Senhor!” (Mt 25,23) Reze pelos nosso Bispos e padres: que eles sejam assim, com um coração de pastor, como o Coração de Jeus!

8. Reze agora o Salmo 106/105, pensando nas suas infidelidade e nas dos cristãos de modo geral... Reconheçamos os nossos pecados! Convertamo-nos!

Meditação XXV

Reze o Salmo 119/118,17-24

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 33

1. Este é um capítulo belíssimo, de grande sentido místico.

a) Já no v. 1, o Senhor diz a Moisés: “Vai, sobe daqui para a terra que prometi em juramento...” Primeiro, a fidelidade do Eterno às Suas promessas. Ele prometera aos Patriarcas uma terra para os seus descendentes; Ele não esqueceu o que prometera aos Seus amigos Abraão, Isaac e Jacó, Ele irá cumprir! O Senhor, quando promete, não trai jamais! Certamente, faz nos modos e nos tempos que somente Ele conhece; mas não nos engana! Felizes de nós se soubermos esperar no Senhor; felizes de nós se acolhermos as obras do Senhor como Ele as realiza e não como desejaríamos que Ele as fizesse!

b) O Senhor ordena que Moisés suba com o povo. Ele sempre faz o Seu povo subir. Desde o Ex 3,8 o Senhor dissera que descia para fazer os israelitas subirem... Subir para onde? “Para a terra onde correm leite e mel” (v. 3). Que terra é esta, para a qual Israel terá que subir? Certamente é Canaã... Mas, Canaã será apenas uma profecia, um sinal, um símbolo. A verdadeira terra é o próprio Deus! É Ele mesmo, é o Seu Coração bendito a terra que Israel procura sem saber, a terra onde correm leite e mel, a terra que todos nós esperamos e desejamos! É o Senhor mesmo a Vida, é Ele a saciedade, é Ele a doçura: “Provai e vede como o Senhor é bom; feliz o homem que Nele se abriga!” (Sl 34/33,8s). Sim, o Senhor é nosso abrigo, nosso refúgio, nossa doce terra! Santa Teresinha dizia: “Tua Face é minha única pátria!”

c) Reze o Salmo 42/41,2-12.

2. Mais uma vez aparece a gravidade da Santidade do Senhor: “Eu não subirei no meio de ti... povo de cerviz dura... eu te exterminaria no meio do caminho” (v. 3). Para nós, com nossa mentalidade secularizada, estas palavras podem parecer excessivas e até fora de propósito; mas, são palavras do próprio Deus: Ele é o Santo e exige de nós santidade, retidão diante Dele! O pecado mata em nós a presença de Deus, o pecado nos extermina, porque nos faz perder a Vida divina, que é sustento e sentido da nossa existência! Quando levaremos isto a sério? Quando romperemos verdadeiramente com nossos fardos de pecado? Leia Ez 18,30-32. Pense seriamente na sua vida! O pecado, consentido e tolerado, pode exterminar você, privando-o da Vida de Deus!

a) Surpreendentemente, Israel chora por estas “duras palavras” (v. 4) do Senhor! E o povo se despe de enfeites, entra em luto (Cf. vv. 4.6), lamentando porque o Senhor não irá com o Seu povo, mas somente enviará um anjo (Cf. v. 1). Israel deseja o Senhor, não se conforma com nada menos que Ele! Ah, se esse povo sempre fosse assim! Ah, se nós fôssemos assim: que nada menos que o próprio Deus encantasse o nosso coração, seduzisse a nossa alma! O luto, o despojamento de Israel de seus enfeites, de suas superficialidade, de suas tralhas, nos devem fazer recordar que somente um coração pobre e humilde, esvaziado de toda a superficialidade e de todos os apelos pode ser habitação do Senhor!

b) E a oração de Moisés? É comovente! Releia os vv. 12-17. Vale a pena! “Senhor, se eu encontrei graça a Teus olhos, vem conosco! Vem comigo para mostrar-me o caminho! Sem Ti erraremos, sem Tua presença bendita, haveremos de nos perder, de errar por desvios! Por favor, vem conosco! Faz-me conhecer-Te e reconhecer-Te! Não Te esqueças que este é o Teu povo, a Tua herança! Se não vieres conosco, se não caminhares comigo, nem penses em nos fazer sair daqui! É porque estás conosco, é porque caminhas conosco que sabemos que Tu nos amas, que teremos certeza de que encontramos graça aos Teus olhos! E é isto, Senhor, que nos faz únicos, diferentes de todos os outros povos: Tu caminhas conosco, Tu participas da nossa vida; vivemos e caminhamos na Tua Presença! Se não for assim, não caminharemos, não sairemos daqui!”

c) E mais ma vez o Senhor escuta a oração de Moisés e aceita caminhar com o Seu povo. Releia os vv. 14.17! Deus bom, Deus paciente, Deus fiel, Deus próximo, nosso Deus! Tudo isto chegará ao cume com a Vinda do próprio Filho para ser Deus conosco e, assim, nós sejamos com Ele, na tenda do Seu Coração. Então, tudo estará consumado; nós, Novo Israel, estaremos finalmente na terra onde correm leite e mel, e o Senhor nos dará o Seu descanso! Leia Ap 21,3s.

3. Releia agora os vv. 7-11. Deus vai com o Seu povo, mas na Tenda, fora, longe do acampamento. É mais uma insistência sobre a Santidade de Deus: ainda que acompanhando o Seu povo, Ele é o Outro, o Diferente, o Separado. Nunca esqueça: o Senhor nos ultrapassa, o Seu agir nunca poderá ser totalmente compreendido por nós! Quantas coisas no modo como o Senhor conduz a nossa vida e a vida do mundo não nos são compreensíveis! Só quem tem um coração humilde, um coração de pobre pode caminhar com um Deus assim! Veja, por exemplo, a dor do justo Jó, que lamenta o silêncio de Deus e Seu agir incompreensível (Cf. Jó 23).

a) Os israelitas podem consultar o Senhor (Cf. v. 7): Ele é um Deus presente, atuante na nossa vida! Não estamos sozinhos não! Mas, por outro lado, Ele não é nosso “amiguinho”, não é nosso “coleguinha”, não é o “cara legal”, o “homem lá de cima”; Ele é o Senhor, o Santo, o Eterno: “Não pronunciarás em falso, em vão, de modo leviano, o Nome do teu Deus” (20,7). Consultar de verdade o Senhor, pedir-Lhe, suplicar-Lhe é um belo ato de fé e de confiança; mas, devemos estar dispostos a acolher o que Ele decidir para nós, devemos aceitar Sua santa vontade. Reze o Salmo 33/34.

b) Na Tenda baixava a coluna de Nuvem. E, da Nuvem, o Altíssimo falava com Moisés. Essa Nuvem é símbolo da Shekinah, a Presença sagrada e santíssima do Senhor. Ora, é sempre na potência do Santo Espírito que o Senhor Deus Se faz presente. Assim essa Nuvem é símbolo, é indicativa do próprio Espírito Santo! É essa mesma Nuvem que cobrirá a Virgem Santíssima com a Sua sombra (Cf. Lc 1,35). Com isso, o Evangelho de São Lucas está dizendo que a Virgem é a nova Tenda de Reunião: nela o Senhor Se faz presente pessoalmente, por obra do Santo Espírito, que paira sobre ela e a fecunda com a Sua sombra bendita e criadora! Sim, a Toda Santa pode cantar: “A minha alma engrandece o Senhor, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor!” (Lc 1,46.49)

c) A mesma imagem, com sentido diferente, aparece no Evangelho segundo João: “O Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (1,14), ou seja, armou Sua Tenda entre nós! Jesus nosso Senhor é o próprio Deus que vem, finalmente, habitar de modo definitivo no meio do Seu povo! Ele, no dizer do Evangelho segundo Mateus, é o Emanuel, o Deus conosco (Cf. 1,23; 28,20). Em Jesus, o próprio Deus, pessoalmente, visitou o Seu povo e com ele permanece para sempre! Bendito seja o nosso Deus por tanta bondade, por tanta benevolência, por tanta generosidade e compaixão para conosco!

4. Agora, leia com atenção os vv. 18-23. São simplesmente comoventes! Moisés tem saudades de Deus, tem sede do Senhor, Moisés está encantado, enamorado pelo Senhor! Pede-Lhe, com ousadia: “Rogo-Te que me mostres a Tua Glória!” Ele deseja ver a Face de Deus, deseja penetrar no Ser, na intimidade da Vida divina! Moisés não sabe o que está pedindo!

a) É verdade que o v. 11 afirmou que o Senhor falava com Moisés face a face... Cuidado: esta expressão significa que o Senhor falava diretamente a Moisés, sem intermediários, mas falava-lhe de dentro da Nuvem, revelava-Se escondendo-Se! Moisés escutava diretamente o Senhor, mas não O via! E, agora, saudoso, sedento, enamorado, pede: “Mostra-me o Teu Rosto!”

b) Não! Ninguém pode ver o Pai! Só “o Filho Unigênito, que está no Seio do Pai” (Jo 1,18) viu o Pai e pode revelá-Lo! Ele está no Pai e o Pai está Nele (Jo 14,10.11), de modo que quem O vê, vê o Pai (Cf. Jo 14,8s). Por isso mesmo, como eu já expliquei antes, os cristãos podem fazer imagens para veneração: porque em Jesus, o Deus invisível, que nem Moisés pôde ver, agora fez-Se visível no Filho! Porque cremos que Jesus é Deus Bendito, perfeita Imagem do Pai e expressão do Seu Ser, da

Sua própria Substância (Cf. Hb 1,3), porque professamos, admirados, que o Deus invisível fez-Se verdadeiramente visível no Seu Filho divino, fazemos imagens, superando a velha proibição do Antigo Testamento! Os judeus não fazem imagens... Mas, eles não creem em Jesus, eles não sabem que Jesus imolado e ressuscitado é a Imagem do Deus invisível! Mas, você, cristão, crê, você sabe, você professa e confessa que Jesus é Deus vindo de Deus, Luz Vinda da Luz! Você não ficou no judaísmo nem na Antiga Aliança! Por isso, nunca abriremos mão de venerar as santas imagens: nós temos a Cristo por Mestre, não Moisés!

c) Deus é amor, é carinho, é compaixão: Ele mostrará Sua Glória a Moisés, mas de modo que Seu Pobre servo suporte: “Farei passar diante de ti toda a Minha Beleza, diante pronunciarei o Nome do Senhor!” E tudo isto por graça, por pura misericórdia, por pura compaixão e gratuidade: “Terei piedade de quem Eu quiser ter piedade!” Assim, o Santo Se revela, toca e seduz e encanta a Sua pobre criatura. Como dizia Santa Teresa:

“Formosura que excedeis

A toda formosura,

Sem magoar, dor fazeis

E sem dor desfazeis

O amor da criaturas!”

No entanto, Moisés não poderá ver a Face de Deus! Verá o Senhor pelas costas; verá sem ver! O Senhor é sempre mais, sempre maior, sempre inesgotável! As criaturas não suportariam a Sua Glória, como nossos olhos não suportam encarar o sol ao meio-dia! “O homem não pode Me ver e continuar vivendo!”

“Vejam-Te meus olhos,

Doce e bom Senhor!

Vejam-Te meus olhos:

Morrerei de amor!

Veja quem quiser

Flores e jasmims;

Pra mim a Tua vista

É mais que mil jardins!” – assim cantava Santa Teresa, tão enamorada quanto Moisés! Assim deveríamos nós cantar, com saudades da Beleza eterna que sacia todas as nossas sedes!

d) O Senhor coloca Moisés sobre a Rocha e o esconde na fenda da Rocha: é daí que ele poderá vê-Lo pelas costas! Ó mistério! Ó sabedoria! Ó beleza! Que Rocha é esta? “A Rocha era Cristo!” (1Cor 10,4)! E é escondidos na fenda do Seu Coração traspassado (Cf. Jo 19,33s) que podemos

verdadeiramente contemplar o Deus santo de Israel! E que surpresa: Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Por isso o Senhor Jesus conviva a mim e a você e a toda a humanidade: “Vinde a Mim, aprendei de Mim! Eu sou manso e humilde de Coração! (Mt 11,28ss); e exulta: “Eu Te louvo, ó Pai: ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar!” Leia e reze e contemple Mt 11,25-27. O que Moisés desejava, só Jesus pode dar, só Ele pode conceder! Que mistério tão grande!

Meditação XXVI

Reze o Salmo 119/118,25-32

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 34

1. O v. 2 traz algumas determinações do Senhor para que Moisés possa encontrar-se com Ele: “fica preparado de manhã, “de madrugada subirás”, “lá Me esperarás”... Não se improvisa os encontros com o Santo, não se improvisa a amizade-colorida o Eterno! Deus não é um parceiro qualquer, ao alcance das nossas mãos! O Deus verdadeiro não tem nada a ver com certas ideias que hoje nos são transmitidas por certos pregadores... Não é um deusinho para consumo, não é um idolozinho ao alcance das mãos! Ele é o Santo, o Misterioso! Temos sede Dele, mas, para encontrá-Lo, é necessário que para Ele nos preparemos!

a) O lugar privilegiado para encontrar o Senhor é o monte da oração. E ela exige o esforço de subir até o Senhor, “no cimo da montanha”, deixando tudo quanto possa prender o nosso coração: “Ninguém subirá contigo, e não se verá ninguém em toda a montanha” (v. 3). Como entrar verdadeiramente em comunhão com o Senhor se queremos ficar no baixo, se a Ele não subimos por uma vida de disciplina inteiro, de busca da virtude e da santidade? Como realmente podemos abrir de modo inteiro o coração para esse Deus ciumento – “Não adorarás outro deus. Pois o Senhor tem por nome Zeloso: é um Deus zeloso”, ciumento (v. 14) – se a Ele subirmos cheios de apegos, de tralhas, de preocupações com nossas coisinhas? Enchemos nosso coração de apelos à pessoas, ideias, coisas, situações, e queremos que o Santo desça ao nosso coração? É vã loucura! Se desejamos efetivamente uma vida de encontro com o Senhor que nos transfigura e enche o coração, é necessário estar em certos momentos a sós com o Deus Só!

b) Como está sua vida de oração? Sua oração é paciente, profunda, interior? Ou você vive na superfície e limita-se a uma oração superficial e meramente sentimentalista ou formal? Você sabe reservar momentos de silêncio para o Senhor? Sabe suportar as demoras de Deus?

2. Veja o v. 5: o Senhor desce na Nuvem: tudo é escuridão, tudo é luz – luz que cega, de tão intensa! O Senhor vem, mas escondido, vem envolto em Glória, na Nuvem! Ele Se dá, escondendo-Se, retraindo-Se! Quem pode dizer que O conhece? Quem ousaria dizer que O possui? Quem é o iludido que pensa controlá-Lo, compreendê-Lo? Quem é o entendido nas coisas de Deus? Que Ele se cale, e então será sábio! Para o Santo, o melhor louvor, a melhor palavra é o silêncio!

a) Medite atentamente; reze:

“Ó Tu, que superas todas as coisas,

com que outro nome poderia designar-Te?

Que hino poderei cantar-Te?

Palavra alguma exprime o que Tu és!

Que inteligência poderá compreender-Te?

Nenhum raciocínio conseguirá conceber-Te!

Só Tu és inefável: tudo o que se pode dizer de Ti, de Ti provém!

Tu és incognoscível: tudo o que se pode pensar de Ti, procede de Ti!

Todos os seres Te celebram, tanto os que falam como os que não falam... Todos os seres Te prestam homenagem,

tanto os pensam como os que não pensam...

Todo o universo anseia ardentemente por Ti!

Tudo quanto existe Te proclama

e todo ser que se apercebe do Teu mundo

elevará a Ti um hino de adorante silêncio.

Tudo quanto permanece, permanece somente em Ti.

O movimento do universo irrompe de Ti.

Tu és o fim de todos os seres; és o Único!

Estás em cada um deles, a cada um deles sustentas

e não és nenhum deles. És o Outro, o Santo!

Não és nem um ser isolado nem um conjunto.

Tens todos os nomes e nome algum Te define. Como Te chamarei?

Ó Tu, o único para o qual não existe denominação adequada,

que espírito celestial poderá desvendar as nuvens que ocultam o Teu céu? Tem piedade, ó Tu que superas todas as coisas!

Com que nome poderei chamar-Te, ó meu Deus,

Se Tu mesmo não revelares Teu Nome?

b) Pois bem: como havia prometido em Ex 33,19-23, o Senhor vai pronunciar o Seu Nome para Moisés, vai dizer algo do Seu Ser bendito, vai revelar algo da Sua Glória infinita. Releia os vv. 6s. O

que significam estas palavras? Ele é Adonai, o Santo, o Misterioso, o Indizível! Mas, naquilo que se pode dizer Dele, é preciso dizer que Ele é essencialmente amor, ternura, compaixão misericórdia! Aqui é preciso compreender: quando Ele diz que “castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos até a terceira e quarta geração” não é com a intenção de afirmar que pune, que castiga, que vinga, mas é exatamente o contrário : Ele é o Deus que praticamente não pune, comparando a punição com a Sua graça, que Ele guarda a milhares, tolerando a falta, a transgressão e o pecado! Em outras palavras: Ele, o Santo, que a ninguém deixa impune, que é Justo, é, no entanto, essencialmente amor, ternura, perdão, misericórdia, piedade, compaixão! Em outras palavras: Deus de ternura, que pune bem pouquinho, mas usa de misericórdia infinitamente!

c) Que nenhum cristão repita o absurdo segundo o qual o Deus do Antigo Testamento é severo, vingativo, o Deus da justiça, ao contrário do Deus do Novo Testamento! Isto é um erro, é uma heresia! “Creio em um só Deus Pai todo-poderoso Criador do Céu e da terra” – professamos no Credo! Isto é: o mesmo Deus criador todo-poderoso, do Antigo Testamento, é o mesmo e único Pai, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: um só Deus Pai!! Reze o Salmo 103/102. É este mesmo Deus que “amou tanto o mundo, que entregou o Seu Filho único, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a Vida eterna. Pois Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,16s). Não esqueça nunca: o Mistério Pascal que estamos para celebrar é obra do amor apaixonado do Senhor Deus, o mesmo Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o mesmo Deus tremendo do Sinai, o Santo de Israel, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Como eu já disse tantas vezes, é à luz do Senhor nosso Jesus Cristo que é preciso olhar o Antigo Testamento e interpretá-lo: é Cristo Senhor Quem nos desvela o sentido último da história de Israel com o Seu Deus! Cristo é a chave que explica e ilumina o Antigo Testamento! Quem não lê as Escrituras a partir de Cristo, não as lê como cristão, mas como judeu!

d) Que fazer diante de um Deus assim, tão Grande, tão Misericordioso, tão Justo, tão Terno, tão Santo? Moisés se prostra, adora, abismado na Beleza infinita de um oceano de amor! E suplica: Senhor, caminha conosco! Não nos deixes nunca! Perdoa nossas faltas! Lembra que este povo é Teu e Tu és o nosso Deus! (Cf. vv. 8-10) Está devia ser também a Sua oração, meu Amigo; deveria ser a oração da inteira Igreja!

3. Os vv. 10-28 trazem a Aliança de Deus com Israel apresentada sob o prisma do culto. É importante compreender que a ação cultual não é mera formalidade exterior, estética ou de moda, nem pode ser inventada pelos fiéis e guiada pela criatividade e pelos humores destes! É o Senhor Deus mesmo Quem determina como será cultuado (Cf. v. 11), como também, no Novo Testamento, o Senhor Jesus entrega à Igreja, Seu Novo Israel, o Seu sacrifício, o culto litúrgico que deve ser celebrado de acordo com a Tradição recebida dos Apóstolos, geração após geração: “Eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti” (1Cor 11,23). São Paulo transmite às suas comunidades o que ele mesmo recebeu do Senhor através da Igreja! Lembre que Paulo não conheceu Jesus neste mundo: ele recebeu do Senhor aquilo que o Senhor entregou a Igreja; e ele, sem inventar, sem criatividade malucas e infantis, entregou fielmente às suas Igrejas, isto é, às suas comunidades!!

a) Observe como todos os preceitos têm como alicerce o monoteísmo estrito: “Eu Sou o Senhor, Eu Sou o Único, o Absoluto, o Ciumento!” Ele não admite concorrentes, não aceita ídolos, não tolera corações divididos: isto seria tolerar que Seus fiéis caíssem na mentira, na ilusão, no que não é!

b) Aparece também a importância das festas: os Ázimos (a Páscoa), as Semanas (Pentecostes) e a Festa da Colheita (as Tendões ou Tabernáculos): “Três vezes por ano todo o homem do teu meio aparecerá diante do Senhor Adonai, Deus de Israel” (v. 23). Além disso, repete-se sempre a importância do sábado! Por que tudo isto? Porque o tempo é do Senhor! Tempo não é primeiro dinheiro! O tempo é para ser vivido diante do Eterno e para o Eterno: “Não comparecerás diante de Mim de mãos vazias! Trarás o melhor das primícias para a Casa do Senhor teu Deus!” (vv. 20.26) E você: reserva tempo para o Senhor? Como aparece diante Dele: de mãos vazias?

c) Os israelitas, celebrando fielmente as festas do Senhor, cumprindo Suas determinações, vão abrindo espaço para o Altíssimo em suas vidas, em tudo quanto vivem, experimentam e fazem! É assim que iriam crescendo na sua identidade como povo, na sua vida moral, no seu compromisso ético, assim iriam encontrando força para enfrentar as vicissitudes e dores e desastres da vida! A liturgia, o culto é a alma de Israel, é o lugar da Aliança sempre revivida! Isto vale plenamente para os cristãos: não participar do Sacrifício eucarístico é golpe mortal na vida com Deus; bagunçar a liturgia com criatividades e arbitrariedades, com vulgaridades, falta de zelo e banalidades é golpear na alma a experiência cristã e a coesão do Povo de Deus!

4. Leia o v. 28: Moisés passa quarenta dias com o Santo! Desce da Montanha refletindo no rosto a Glória do Eterno (Cf. vv. 29-35). Mais tarde, na plenitude dos tempos, ele aparecerá sobre o Tabor, resplandecendo em todo o seu ser a Glória do Cristo Deus, que é esplendor da Glória do Pai (Cf. Mt 17,2s; Lc 9,30; Hb 1,3). É impressionante: Moisés, mesmo sem saber, vai cumprindo já na sua carne o mistério de Cristo! Por isso aquelas comoventes palavras de Hb 11,24-26. Leia-as!

a) São Paulo faz uma encantadora e profunda interpretação cristã desta passagem do Antigo Testamento. Primeiro leia 2Cor 3,4-18. Vamos compreender?

b) Usando o método de interpretação dos rabinos do seu tempo, o Santo Apóstolo compara o ministério da Torá com o ministério da Nova Aliança. Aí ele cita a passagem do rosto brilhante de Moisés, envolto na Glória do Eterno. E ele diz: se o ministério da Lei, que era passageiro, foi coberto de Glória, e de uma Glória passageira, quanto mais será glorioso o ministério da Nova Aliança no Espírito de Cristo ressuscitado! Diante da Glória de Cristo, a Glória do Antigo Testamento, a Glória que brilhou no rosto de Moisés, nem deveria ser chamada de Glória!

c) Aí, então, ele faz uma afirmação profundíssima: o Senhor Jesus Cristo ressuscitado é Espírito, isto é, é totalmente impregnado da Glória, que é o Espírito, de modo que nós, batizados no Espírito de Cristo, com a face descoberta, refletimos já agora, nesta pobre vida, a Glória que já brilha em Cristo! Agora, como num espelho, de modo imperfeito – os espelhos antigos eram de bronze polido, eram muito imperfeitos ao refletir a luz e a imagem... Mas vamos sempre mais sendo transfigurados em Cristo glorioso, que é imagem da Glória do Pai! É uma afirmação fantástica, impressionante: pela ação dos sacramentos, por uma vida em Cristo, o Espírito de Glória de Cristo, que é o Espírito Santo, vai cada vez mais nos transfigurando à imagem do Cristo que, por Sua vez, é imagem viva da Glória do Pai, que O ressuscitou dos mortos! Este é o nosso destino: brilhar com o brilho da Glória do Cristo Deus para sempre! A Glória do rosto de Moisés era apenas pálida figura da Glória que nos está reservada!

5. Reze o Salmo 24/23

Meditação XXVII

Reze o Salmo 119/118,33-40

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 35 - 39

1. É um longo bloco, cinco inteiros capítulos, que agora lhe proponho para leitura. São capítulos maçantes, cansativos, para a nossa mentalidade atual... Leia-os com boa vontade; leia-os porque são Palavra de Deus, leia-os porque eles trazem em si as sementes do mistério de Cristo, já que todas as instituições e práticas do antigo Israel eram figura daquilo que, em Cristo Senhor, deveria vir, leia-os por pura gratuidade em acolher a Palavra do Senhor, leia-os por penitência quaresmal.

2. O capítulo 35 fala abundantemente de um coleta para o Senhor. Dela deveriam participar os que tivessem um coração generoso para com o Senhor Deus (Cf. v. 5): ouro, prata, bronze, madeira: tudo quanto se possa ofertar... Fala também nas pessoas que tivessem habilidades dadas pelo Espírito do Senhor: que se colocassem de coração generoso ao serviço da confecção da Tenda de Reunião, que seria a morada da Arca da Aliança, Habitação de Deus (Cf. vv. 10.21). E a resposta do povo foi impressionante, generosa, a ponto de Moisés proibir o povo decreased mais coisas (Cf. 36,5s).

Que pena, que muitas vezes nossos católicos não sejam assim! Tudo, quando é para Deus é uma dificuldade: a oferta mensal de uma parte dos nossos ganhos, o nosso tempo, a ajuda para as iniciativas da vida eclesial e os nossos talentos colocados à serviço da Igreja, Novo Israel de Deus...

Pense em você: tem sido disponível, generoso? Quem é o senhor do seu tempo, dos seus talentos, dos seus bens materiais? A resposta está no seu modo de viver, no seu comportamento concreto...

3. Releia 35,30 – 36,1. Os nossos talentos e aptidões, por mais naturais que sejam, são fruto da ação do Espírito de Deus em nós, são dons do Altíssimo! Quem usa seus dons e talentos sem dar graças a Deus é ladrão, pois se nega a reconhecer Aquele de Quem recebeu todos os dons: “Que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4,7)

4. Um outro aspecto, para o qual já chamei atenção: os objetos de ouro e outros materiais preciosos. Para Deus dá-se o melhor, o mais nobre. Rico ou pobre, como Zaquel, que tinha tanto a ponto de restituir quatro vezes mais, ou pobre, como a viúva que só tinha duas moedas para colocar no tesouro do Templo, para o Senhor devemos dar sempre o melhor ao nosso alcance.

a) Certamente, como os profetas de Israel, e o próprio Senhor nosso Jesus Cristo, e os santos de todas as épocas alertaram, o que mais agrada a Deus é o amor, a misericórdia e o cuidado com os irmãos, sobretudo os pobres e desvalidos. Mas isto em nada dispensa de procurarmos ornar e honrar o que é do Senhor Deus do melhor modo possível! Mesmo porque não haverá verdadeiro e duradouro amor e serviço aos irmãos, sobretudo aos pobres, sem profunda consciência de que Deus deve ser adorado, amado e servido simplesmente porque Ele é Deus, e com o melhor que a Ele possamos oferecer! As duas realidades não se excluem, mas se completam! Quem é desleixado nas coisas de Deus acabará descuidado no que se refere aos irmãos, pois o verdadeiro amor aos irmãos brota da raiz do amor a Deus!

b) Nunca esqueça: o centro de nossa fé não são os pobres, mas é Cristo, é o Senhor! Amamos os pobres por amor de Cristo e no amor a Cristo. Este é o amor cristão, bem diferente dos humanismo ateus ou das ideologias! Se devemos lavar os pés dos irmãos, sobretudo dos mais pobres das pobreza da vida é porque os pobres são vigários de Cristo: o que fizermos a eles é ao Senhor mesmo que o fazemos (Cf. Mt 25,31-46). Cuidado com os enganados, com as tentativas e tentações de colocar os pobres no lugar de Cristo! Isto termina sempre mal: nem pobre nem Cristo!

c) Atenção à importância do óleo perfumado, trabalho de perfumista (Cf. 30,22-33; 37,25-29): trata-se de uma mistura de puro azeite de oliveira com essências preciosas: esta mistura forma o crisma, sinal da Santidade do Eterno, da Sua Força, do Seu Espírito vivificante e santificante! Tudo o que fosse ungido por este Crisma seria santificado (Cf. 40,1-15). Com este Crisma sagrado eram ungidos os reis (Cf. 1Sm 10,1s; 16,1.12s) e sacerdotes e, de modo espiritual, os profetas (Cf. Is 61,1ss). Assim, Jesus nosso Senhor foi ungido pelo Pai desde a Sua concepção, por obra do Espírito Santo (Cf. Lc 1,35), foi ungido no Jordão para iniciar Sua missão pública (Cf. Lc 3,21-22) e foi ungido em plenitude de Espírito na Sua Ressurreição (Cf. At 2,32s). Ele é o Ungido por excelência, o Messias, o Cristo! Ele foi ungido pelo Crisma espirituado, o próprio Espírito do Senhor Deus! Daí o uso do Crisma na liturgia cristã: a mistura de azeite e essências que o Bispo faz e consagra na Missa do Crisma, na Catedral, na Quinta-feira Santa pela manhã. Com este Crisma de salvação, são ungidos os recém-batizados, são ungidos na testa os crismandos, são unguidas as mãos dos neosacerdotes, a cabeça dos novos Bispos, os altares, as colunas das novas igrejas. Este Crisma bendito, uma vez consagrado, terá em si a presença salvífica e forte, vivificante e divinizante do próprio Espírito com o qual o Senhor Jesus foi ungido para a nossa salvação! Quando uma pessoa ou objeto recebe a unção crismal, é colocada debaixo da própria ação e influxo do Espírito, torna-se um “cristo”, um ungido, participante da missão do próprio Ungido Jesus!

5. Os israelitas prepararam a Habitação para o Senhor. Tudo agora estava terminado, como o próprio Santo ordenara, e assim foi entregue a Moisés, que abençoou a povo (Cf. 39,43).

a) Também esta Habitação é figura, é imagem, é profecia: do Corpo do Senhor ressuscitado, da Igreja, que é Seu corpo, e de cada um de nós, templos do Altíssimo.

b) Você é a verdadeira habitação na qual o Senhor Deus quer habitar! Lavado pelo Espírito no Batismo, por Ele ungido na Crisma, você é o Templo do Senhor, habitação do Espírito de Glória! Seu coração, seus sentimentos, seus sonhos, seu corpo – eis onde o Santo deseja habitar pelo Filho no Espírito!

c) Pense nisto: Seu ser pertence realmente ao Senhor? O que em você ainda não foi colocado efetivamente debaixo do senhorio de Cristo? Você é santo, santificado, ungido e chamado a ser santo (cf. 1Cor 1,2).

6. Reze 1Cor 6,12-20; Ef 2,20-22; 1Pd 2,4-5: Ungidos no Espírito do Cristo, somos pedras vivas, num Templo espirituado, Corpo do Cristo, cheio do Espírito Santo, para a Glória de Deus Pai! E ainda há pseudos pastores e tolos cristãos falando em templo de Salomão! É de chorar de pena pela ignorância... Coitados!

Meditação XXVIII

Reze o Salmo 119/118,41-48

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Ex 40

1. Chegamos ao fim do nosso caminho quaresmal com o Livro do Êxodo. A partir da próxima segunda-feira, o nosso caminho fixar-se-á em Jesus nosso Senhor de um modo mais direto e explícito. Já é tempo de meditar mais diretamente no mistério de Sua Páscoa de Paixão, Morte e Ressurreição para nos dar o perdão dos pecados e a Vida pelo dom do Espírito.

2. O v. 16 nos repete que Moisés fez tudo como o Senhor lhe havia ordenado. Muitas vezes no Êxodo esta afirmação apareceu e, de modo especial, no que diz respeito ao culto.

a) Isto nos recorda a necessidade da obediência ao Senhor Deus. Crer de verdade no Senhor é ser-Lhe aberto em todos os aspectos da vida, é, de verdade, caminhar na Sua presença, é procurar viver na Sua vontade. Caro Amigo e Irmão, em nome de Cristo nosso Deus, eu o exorto vivamente a superar e abandonar todo desejo de autossuficiência diante do Senhor, toda propensão a fazer as coisas do seu próprio modo!

b) Vivemos no mundo da autonomia, do homem adolescente, que vê em Deus um concorrente e, até de modo pior, um tirano que lhe castra a liberdade e a autonomia. Isto é falso! O Senhor nos deseja abertos à Sua santa vontade porque somente Nele está nossa vida e nossa realização! Fomos criados para Ele, sedentos Dele e, por isso, é na Sua santa vontade, em comunhão com Ele, que nossa existência encontra o seu foco, o seu eixo e o seu verdadeiro sentido! Pense, tente encontrar um sentido absoluto, pleno, abrangente, global pelo qual valesse a pena viver e nossa existência tão limitada no tempo, nas situações, nas realizações tivesse um sentido... Não existe! O homem não encontra em si mesmo o seu sentido, a sua razão de ser, o seu Onde e o seu Aonde! Só o Absoluto, o Santo pode ser nossa absoluta e radical Origem, nosso absoluto e radical Fundamento, nosso absoluto e radical Fim! Aqui se funda a necessária obediência ao Senhor para que vivamos na verdade e vivamos de verdade! Sem isto, a nossa existência não passa de uma ilusão de sentido muito precário!

c) Observe como a nossa civilização tem se fechado para o Absoluto e o quanto a vida das pessoas vai se tornando vazia de um sentido global! Vive-se de bobagens, de pequenos objetivos, de realizações parciais de certos setores da vida, mas sem um sentido global para a existência. Vivemos tempos de vida fragmentado, besta, vazia, oca, tola, sem um projeto global... Só na obediência amorosa e consciente ao Senhor o homem é livre e realizado verdadeiramente!

Olhe bem a sua vida, a sua atitude para com os mandamentos do Senhor! Pense bem nestas coisas! Faça sua vida valer a pena!

3. Neste capítulo, a obediência refere-se de modo especial ao culto: Moisés fez tudo como o Senhor lhe mostrou!. Já falei sobre isto ao longo deste retiro. Mas, é necessário insistir, pois trata-se de algo urgente e importante!

a) O modo de louvar a Deus, o jeito de entrar em comunhão com o Santo não pode ser o que nós determinamos! Ao menos na tradição judeu-cristã nunca foi assim: é Deus que vem ao encontro do

homem, fala-lhe e lhe dá a graça de O louvar para que, no louvor, encontre a Vida! No Senhor Jesus, o Infinito visitou-nos pessoalmente e, na Ceia Derradeira, deu-nos o princípio e norma de toda liturgia e de todo o louvor, entregando-Se aos Apóstolos e à Igreja como sacrifício de louvor, de súplica, de propiciação, de intercessão, de adoração... Há, pois, uma norma, uma disciplina recebida da Tradição apostólica e desenvolvida ao longo do caminho da Igreja. Os cristãos de cada geração recebem tal Tradição viva, assumem-na na sua vida, na vida de cada geração, e passa-a adiante, para as gerações futuras: “o que eu recebi do Senhor, isto vos transmiti”, diz o Apóstolo, precisamente falando do rito da Eucaristia (1Cor 11,23)! E cada geração é chamada a aprender a entrar naquilo que recebeu do Senhor pelas gerações passadas. É esta obediência, esta disponibilidade feliz e livre em aprender, em acolher, em fazer seu aquilo que recebeu dos antepassados na fé, que faz com que, celebrando, saíamos de nós mesmos, do nosso mundozinho, da nossa subjetividade, para entrar na grande corrente orante, plena de Espírito Santo vivo e vivificante, que vem do próprio Senhor Jesus. Aqui, no culto, a ideia fundamental não é fazer, mas acolher, não é falar, mas escutar, não é criar, mas realizar fielmente! Não se trata de apego ao passado, mas de fidelidade ao Eterno, ao Santo, ao Inefável que vem ao nosso encontro para nos salvar, abrindo-nos para o Infinito!

b) Muitas vezes, as pessoas alegam: Mas, assim, sem espontaneidade, sem que façamos o que ditam os nossos sentimentos, o culto fica frio, monótono, incompreensível, exterior, alheio a nós mesmos! Esta é uma visão muito pobre e estranha ao cristianismo! Os nossos Santos Padres dos primeiros séculos da Igreja de Deus nos ensinaram a deixar nossos gostos e modos e a aprender a saborear o que o culto cristão celebra, bem como o reto modo de celebrá-lo. Ninguém saboreia o culto cristão sem uma introdução, sem uma aprendizagem! Para que se participe bem da celebração litúrgica cristã é necessário uma iniciação, uma catequese. Na grande tradição cristã, o nome disto é mistagogia, isto é a condução ao Mistério celebrado nos ritos, nas palavras, nos gestos, nos símbolos canonizados pela liturgia da Igreja. Não se trata, pois, de inventar ao gosto do freguês para ser agradável ou atraente, mas de tomar o fiel pela mão e conduzi-lo à riqueza do modo cristão de celebrar, até que o fiel e a inteira assembleia saibam saborear o que celebram, fazendo seu o próprio culto da Igreja de gerações inteiras! Pense-se nas verdadeiras catequeses litúrgicas de São Cirilo de Jerusalém, do Bispo João de Jerusalém, de Santo Ambrósio de Milão, de Santo Agostinho de Hipona, de São João Crisóstomo e de tantos outros... Assim, nada de um culto alheio, estranho ou frio: o que a Igreja viva celebra na Vida do Espírito, torna-se meu, torna-se nosso e nos aquece o coração!

c) Muitas vezes, com superficialidade, alega-se: Mas, uma visão assim condena a Liturgia cristã ao imobilismo, até torná-la totalmente fossilizada e anacrônica. Uma alegação destas não procede de modo algum! A Liturgia cristã sempre foi regrada e, no entanto, nunca foi fossilizada! Viva na vida das comunidades cristãs, ela sempre foi evoluindo lentamente, imperceptivelmente, organicamente, em cada época, de acordo com a índole de cada povo. A Igreja é viva da Vida do Espírito, que a faz crescer e desenvolver-se e caminhar para a Plenitude de Cristo em todos os seus aspectos e expressões vitais, também na Liturgia. A questão é que este desenvolvimento não é inventado, não é criado em birôs ou em “oficinas de liturgia”(!), não é algo artificial, mas emerge naturalmente da própria vida da Igreja celebrante, povo sacerdotal! Rito inventado não é rito, é coreografia desobediente e desatenta ao Senhor que vem ao nosso encontro com Sua Palavra e Seus gestos salvíficos para nos encher de Sua Vida divina!

4. No v. 3, o Senhor ordena cobrir a Arca com um véu (Cf. v. 21). Toda de acácia, revestida de ouro por dentro e por fora, a Arca continha as Tábuas com as Dez Palavras. Cobri-la com um véu, velá-la, colocá-la ainda por trás de um cortinado, exprime, mais uma vez, a Santidade do Senhor Deus: Ele é, ao mesmo tempo, próximo e inacessível, caminheiro com o Seu Povo e transcendente, bem atento às suas necessidades e, simultaneamente, indisponível, pois não pode ser manipulado, dobrado, subornado! Tudo isto aparecerá dramaticamente no Horto, quando o Senhor Jesus chamará ao Seu Deus de Abbá, Papai, de modo tão íntimo, próximo e confiante e, ao mesmo tempo, sentirá todo o peso do silêncio desse misterioso Deus que Se cala! É assim que Deus É, é assim que Deus age! Caminhar com Ele é acolhê-Lo em todo o Seu Mistério insondável, em todo o Seu agir incompreensível. Isto exige de mim e de você contínua conversão!

5. Releia com atenção os vv. 33-38. Depois que Moisés fez tudo quanto o Senhor Deus lhe ordenara, a Nuvem tomou conta da Tenda. Já expliquei várias vezes que esta Nuvem exprime a Presença (Shekinah) do Senhor Deus no meio do Seu povo. Tal Presença, também já afirmei antes, é o próprio Espírito do Senhor: é sempre no Seu Espírito que o Senhor permanece no meio do Seu Povo..

a) Observe os vv. 34s: a Nuvem traz em si a Glória do Senhor, isto é, o Espírito de Glória. É no Espírito que o Senhor nos glorifica. Esta Glória cobre a Tenda e a enche, fazendo dela verdadeira habitação de Deus. Foi assim que Ele cobriu a Virgem com Sua sombra (Cf. Lc 1,35). Sobretudo, foi isto que aconteceu de modo excelente e pleno na Ressurreição, quando o Pai derramou a plenitude do Espírito sobre o corpo e a alma do Seu Filho, tornando-O templo da Sua Glória: morto na carne, isto é, como homem, foi vivificado, ressuscitado no Espírito (Cf. 1Pd 3,18). Por isso mesmo, Ele falava do Seu corpo como um Templo (cf. Jo 2,18-21), o novo e definitivo Templo de Deus, Habitação do Pai, cheio do Espírito da Verdade (Cf. Jo 4,23s)

b) O v. 35 ainda nos dá uma preciosa lição: a Tenda não é de Moisés nem dos israelitas: é do Senhor! Quando Ele a povoa com a Sua Nuvem nem mesmo Moisés pode aí entrar! Assim é a Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito: não é nossa, é do Senhor! Nós não a podemos fazer e refazer como desejarmos, não podemos redesenhá-la em nossas assembleias e birôs; não podemos adulterar sua doutrina nem redesenhar sua estrutura fundamental! Aqui vale a advertência: “Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que pisas é santo!” (Cf. Ex 3,5)

c) Os vv. 36s mostram como o próprio Senhor, na potência do Seu Espírito, guiava o Seu Povo e dava o ritmo da sua marcha. Assim Ele faz com a Igreja, Seu novo Povo, assim Ele faz com cada um de nós! Feliz de quem se deixa guiar pelo Altíssimo, feliz de quem respeita os Seus tempos e modos!

E você, sabe discernir quando esperar, quando caminhar? Sabe respeitar os momentos de Deus na sua vida?

d) Finalmente, o v. 38: o Eterno, na Sua fidelidade, nunca deixava o Seu Povo: de dia ou de noite, na luz ou na treva, Ele estava lá, guiando e iluminando! Sim, Fidelidade, Presença, Compaixão, Ternura – eis o Seu Nome para Israel, para a Igreja, para cada um de nós, hoje e sempre!

e) Com a graça de Deus nosso Senhor, terminamos a meditação do Êxodo. Reze os Salmos 106/106 e 78/77.

f) Agora uma observação: Aproxima-se a Grande Semana, que desembocará na Solenidade Pascal. A partir da próxima segunda-feira, o nosso retiro continuará com o Novo Testamento. Na segunda-feira direi como será o restante do nosso caminho quaresmal com as Santas Escrituras!

Deus nosso Senhor continue a nos conceder uma santa Quaresma para uma feliz e frutuosa celebração da Páscoa do Senhor!

Meditação para este V Domingo da Quaresma - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

De hoje a oito entraremos na Semana Santa, com a solenidade dos Ramos e da Paixão do Senhor. Agora, neste último Domingo antes dessa Grande Semana, a Liturgia nos apresenta o Senhor Jesus como nossa Ressurreição e nossa Vida. Vida que recebemos no santo Batismo, Vida que nos vem como força na Crisma, Vida que comemos como alimento de Eternidade na Eucaristia. Eis a Vida: Jesus! Eis o que buscam os catecúmenos, aqueles que por toda a terra estão se preparando para receber os sacramentos da iniciação à vida cristã, a vida em Cristo, no Batismo, na Crisma, na participação à Mesa eucarística!

Aqui, ao dizermos que Jesus é a Vida, não estamos falando de modo figurado, metafórico! Jesus é realmente, propriamente, a nossa Vida, a nossa Ressurreição!

Ele é o cumprimento do sonho de vida e felicidade que o Pai, desde o início, tem para nós: “Ó Meu povo, vou abrir as vossas sepulturas e conduzir-vos para a terra de Israel. Porei em vós o Meu Espírito, para que vivais!” É em Jesus que esta promessa se cumpre, é Nele, morto e ressuscitado, que somos arrancados das sepulturas da vida de pecado e da sepultura da morte; é no Seu Espírito Santo, derramado sobre nós, que o Pai nos vivifica!

Caríssimos, Jesus é a própria Ressurreição; Ele é a própria Vida, Vida plena, Vida divina, Vida eterna! Jesus é a plenitude desta nossa vida, da nossa existência: Nele, o nosso caminho termina não no Nada do absurdo, do vazio, mas na plenitude da Glória! Sem Ele, seríamos nada, sem Ele, tudo quanto vivemos terminaria no aniquilamento: “De que nos valeria ter nascido, se não nos redimisse em Seu amor?” – é o que vai perguntar a Liturgia da Igreja daqui a poucos dias, na noite da Páscoa. Num mundo que procura desesperadamente a vida, a felicidade; numa época como a nossa, em que se tem sede de um motivo para viver, de um sentido para a existência, Jesus Se nos apresenta como a própria Vida, Vida da nossa vida!

Mas, escutemo-Lo falar, Ele mesmo no Evangelho deste Domingo. Deixemos que Ele nos fale da vida, que Ele mesmo nos ensine a viver!

Lázaro estava doente, sofrendo; depois, morreu. Suas irmãs estavam sofredas, angustiadas, imploraram tanto pela vinda do Senhor para curar o irmão... E Jesus não vai; Jesus demora-Se. Quantas vezes fazemos, nós também, esta mesma experiência em nossa vida. “Esta doença não leva à morte; ela serve para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela!” E, pensemos bem: Jesus era muito amigo de Marta, de sua irmã Maria e de Lázaro. Quando ouviu que estava doente, Jesus ficou ainda dois dias no lugar em que Se encontrava”... Os caminhos de Deus

não são os nossos caminhos, os nossos tempos e modos não são os Dele. “Senhor, se estivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido...” Nesta dolorida de Marta e Maria sentimos também as nossas queixas diante dos sofrimentos da nossa própria vida...

Jesus sentiu a morte de Lázaro: “ficou profundamente comovido” e chorou por Lázaro, mas não impediu sua doença e sua morte! Vede, irmãos: nosso Deus não é tapa-buracos; jamais compreenderemos o Seu modo de agir! Ele nos ama, Ele é fiel, Ele Se preocupa conosco, Ele conhece nossas dores. Mas, jamais compreenderemos totalmente Seu modo de estar presente no mundo e na nossa vida! O justo, o humilde crê; o ímpio declara, então: Deus não existe! Uma coisa é certa: se cremos, veremos sempre a glória de Deus, em tudo no mundo e em tudo na nossa vida Deus será glorificado!

Então, Jesus consola Marta e Maria. Jesus lhes prometeu a Ressurreição.

Como todo judeu, as irmãs esperavam a Ressurreição no Último Dia, no final dos tempos. Jesus, então, faz uma das revelações mais impressionantes de todo o Evangelho: “Eu Sou a Ressurreição! Eu Sou a Vida!” Atenção, Irmãos! Levemos a sério esta afirmação! Detenhamo-nos diante dela, admirados!

A Ressurreição que os judeus esperavam chegou: é Jesus!

A Ressurreição não é uma coisa, uma realidade impessoal, não é um força, não é uma energia da natureza, não é uma dinâmica nossa! Não! Nada disto!

A Ressurreição é uma Pessoa: ela tem coração, rosto, voz e amor sem fim! A Ressurreição é Jesus em pessoa: “Eu sou a Ressurreição e a Vida! Quem crê em Mim, mesmo que esteja morto, viverá!”

Na hora tão dramática e misteriosa da nossa morte, é Ele, pessoalmente, com a força vivificante do Seu Espírito Santo, Senhor que dá a Vida, Quem vem nos buscar, é na força Dele que seremos erguidos da morte, é Nele que nossa vida é salva do Absurdo, do Nada, do Vazio: “quem vive e crê em Mim, não morrerá para sempre!”

Nunca será demais a surpresa, a admiração, a grandeza dessas palavras! Caríssimos, eis o Evangelho, eis a notícia, eis a novidade que dá sentido a toda uma vida: “Deus nos deu a Vida eterna, e essa Vida está no Seu Filho” (1Jo 5,11), esta Vida é o seu Filho!

Caríssimos, estamos para celebrar a Páscoa. Não esqueçamos que é para que tenhamos esta Vida divina, a Vida eterna que o nosso Jesus se entregou por nós: morto na carne foi vivificado no Espírito Santo pela Sua Ressurreição (cf. 1Pd 3,18). Ressuscitado, plenificado no Espírito Santo, Ele, o Vencedor da morte, derramou sobre nós esse Espírito de Vida, dando-nos, assim, a semente de Vida eterna: “Se o Espírito do Pai que ressuscitou Jesus dentre os mortos já habita em vós, então o Pai que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos vivificará também vossos corpos mortais por meio do Espírito que habita em vós!”

É esta a nossa esperança: a Ressurreição! Por ela vivemos, dela temos certeza; menos que isto não queremos, menos que isto não estaremos satisfeitos! E já possuímos, como primícias, como garantia, pelos sacramentos da Igreja, o Espírito Santo de Ressurreição.

Então, vivamos uma vida nova, uma vida de ressuscitados em Cristo Jesus: “Os que vivem segundo a carne, segundo o pecado, fechados em si mesmos, não podem agradar a Deus! Vós não viveis segundo a carne, mas segundo o Espírito” do Cristo Jesus!

Então, vida nova! Deixemo-nos guiar pelo Espírito! Deixemo-nos renovar pelo Senhor! Convertamo-nos! Que as observâncias da santa Quaresma, o combate aos vícios, a abstinência dos alimentos e a confissão dos pecados nos preparem para celebrar de coração renovado a Santa Páscoa que já está bem próxima – esta, deste ano e aquela, da Vida eterna! Amém.

Meditação XXIX

Reze o Salmo 119/118,42-49

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração Mt 21,1-10

1. Este texto diz respeito à entrada de Jesus nosso Senhor em Jerusalém. Para Mateus é o encontro de Jesus com Jerusalém, a Cidade do Messias. “Jesus e os discípulos aproximaram-se de Jerusalém” (Mt 21,1).

a) Jerusalém! Ainda que certamente Jesus tenha visitado várias vezes a Cidade - e o Evangelho de João revela isto com clareza -, esta última entrada na Cidade Santa é totalmente diversa: é solene, é oficial, é o encontro da Cidade de Davi com o seu Rei, o seu Ungido o seu prometido, esperado e desejado Messias! Jerusalém viveu à espera desse Messias:

“Grita de alegria, Filha de Sião! Canta, Israel! Alegra-te e exulta de todo o coração, ó Filha de Jerusalém! O Senhor aboliu a sentença contra ti, afastou teus inimigos. O rei de Israel é o Senhor, que está em teu meio!” (Sf 3,14s);

“Clama e grita de alegria, tu que moras em Sião, pois o Deus Santo de Israel é grandioso em teu meio!” (Is 12,6);

“Exulta e fica alegre, Filha de Sião, pois venho morar no meio de ti – oráculo do Senhor. Numerosas nações naquele dia vão aderir ao Senhor, passarão a ser do seu povo” (Zc 2,14-15).

b) Todas estas palavras e tantas outras, dos profetas de Israel, deixavam claro que o Messias entraria na sua Cidade, a Cidade de Davi, o Ungido do Senhor, a Cidade onde o próprio Senhor habitava:

“O Senhor jurou a Davi e não retirará Sua palavra. ‘É o fruto de tuas entranhas que vou colocar no teu trono’! Porque o Senhor escolheu Sião, Ele a quis para Sua morada: ‘É este o Meu repouso para sempre; aqui vou morar, porque o desejei. Lá farei germinar o poder de Davi, vou preparar uma lâmpada para o Meu Messias’ (Sl 131/132,11.13-14.17).

Jerusalém, a Cidade Santa, pois nela estava o Templo do Senhor que, no princípio, abrigava a Arca da Aliança. Aquilo que a Tenda de Reunião foi no deserto e o Templo se tornara no período seguinte, foi passando para toda a cidade de Jerusalém: habitação do Senhor, mãe de todo o Povo de Deus! Jerusalém é figura da própria Igreja de Deus, do Povo eleito que Cristo veio reunir.

Pensando em Jerusalém, figura da Igreja, pensando na Igreja, “Jerusalém do Alto, nossa Mãe” (cf. Gl 4,26), realização da Jerusalém terrena e início sacramental da Jerusalém celeste, reze o Salmo 122/121.

2. Pois bem! Agora o Messias, o Ungido, entra na Cidade de Davi e, solenemente, é aclamado pelo povo como Messias de Israel! Sim! Jerusalém viu o Messias, viu as promessas aos pais serem cumpridas:

“Dança de alegria, Filha de Sião, dá vivas, Filha de Jerusalém, pois agora o teu Rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é humilde, vem montado num jumento, num burrico, filhote de jumenta. Sua palavra é de paz para as nações. O Seu reino vai de um mar até o outro” (Zc 9,9-10).

E, pense bem, apesar de tudo, Jerusalém, nos seus chefes e sacerdotes, rejeitarão o Messias!

a) Esta tremenda e misteriosa rejeição já aparecia profeticamente na indiferença, na dureza da Cidade Santa para com o Deus nascido da Virgem. Leia Mt 2,1-12.

b) Ao chegarem os Magos, pagão vindos de tão longe, procurando o Menino em Jerusalém, a Cidade se “alarmou” (v. 3), ao invés de procurar saber, ao invés de alegrar-se. Aqui já aparece o fechamento de quem já não espera as surpresas do Senhor porque se acomodou na sua própria situação...

Qual a sua atitude diante das novidades de Deus na sua vida: acolhe-as, procura discerni-las ou simplesmente se fecha?

c) Também é impressionante a atitude dos chefes dos sacerdotes e dos escribas judeus: eles sabem onde o Rei Messias deveria nascer, mas não se dão ao trabalho de ir vê-Lo, de investigar se não seria realmente chegado o tempo do cumprimento das promessas do Eterno... Frieza, indiferença, descrença...

E suas atitudes quando o senhor lhe envia seus amigos, aqueles que nos interpelam e nos falam em Seu santo Nome?

d) A dureza é tamanha, que a Estrela do Menino não brilha sobre Jerusalém! Ali o coração é duro, ali tudo se faz treva! E pensar que a vocação da Cidade Santa era ser luz. Esta é a vocação da Igreja, nova e definitiva Jerusalém, é a missão de cada um de nós!

Leia e reze Is 66,10-13.

3. Jesus demonstra ter o controle da situação; ele sabe o significado solene desta Entrada, sabe que é Sua entrada definitiva, pascal, na Cidade Santa. Por isso mesmo, manda trazer a montaria.

A justificativa? É simples, majestosa, cheia de autoridade divina: “O Senhor precisa deles!” Basta! Precisa de mim, de você... Basta! Ele é o Senhor da nossa vida, é o Senhor do que somos, do que temos, dos nossos dias... Você, eu, temos consciência disto? Vivemos coerentemente com esta realidade: “Ninguém de nós vive e ninguém morre para si mesmo, porque se vivemos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7).

4. A multidão acolhe Jesus entoando cânticos de louvor, de júbilo; cânticos messiânicos. Proclama-o Filho de Davi, ou seja, Messias, o prometido do Senhor, que vem em Seu Nome. A Cidade inteira se alvoroça: “Quem é este?” A resposta, de um modo geral, ainda não é clara: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia”.

a) Não, Jerusalém! Jesus não é somente isto: um profeta Galileu! Não, Jerusalém! “Estuda e verás que da Galileia não surge profeta” (Jo 7,52). Ele é o Messias, é da descendência de Davi, nascido em Belém da Judeia, conforme as Escrituras; mais ainda, mais que tudo: Ele é o Filho de Deus bendito, é o Prometido! Ele é o cumprimento de tudo quanto o Senhor prometera a Israel, Ele é o Amém de Deus ao Seu povo, é a Testemunha Fiel e Verdadeira de tudo quanto o Pai, o Deus santo de Israel falara (cf. Ap 3,14).

b) Por que o Senhor entra num burrico? Primeiro porque Ele é o novo e verdadeiro Salomão (SHaLoMon, de SHaLoM, paz), o Rei Pacífico, o Príncipe da Paz (cf. Is 9,1-6). Compare Salomão montado na mula, no burrico de Davi, com Adonias, montado em cavalos de guerra (cf. 1Rs 1,5.33). O Senhor Jesus é um Messias pobre e humilde, manso e pacífico; Ele é o Bem-aventurado (cf. Mt 5,3-12), como predito em Zc 9,9-10.

5. Fazendo memorial desse evento sagrado, portal da Grande Semana, aquela última de nosso Senhor Jesus Cristo na Sua vida neste mundo, a Igreja por toda a terra empunha ramos. Lá vamos nós, pela rua, cantando hosanas ao Filho de Davi! Com essa procissão queremos proclamar que cremos firmemente que Jesus é o Messias prometido a Israel, o Filho do Deus vivo. Queremos também proclamar que ele é Rei, Rei de Israel, Rei do universo, com aquela realeza anunciada no Antigo Testamento: Rei que dá Vida divina, Rei que dá paz e bênção ao Seu povo e à inteira humanidade.

Mas, atenção: Ele é um rei manso e humilde, um rei que Se dirige à paixão: Seu trono é a cruz, Sua coroa, os espinhos, Seu manto, o escarlate dos insultos, Seu cetro, uma cana... E, no entanto, nós proclamamos, com nossa procissão, que Nele cremos, que desejamos segui-Lo e servi-Lo, que estamos dispostos a ir com Ele à cruz!

6. Para meditar e rezar, pensando em Jesus nosso Senhor, nosso Rei, tome o Salmo 72/71.

Meditação XXX

Reze o Salmo 119/118,50-57

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 26,14-16

1. Quem é o responsável pela morte de Jesus?

a) Sem ceder ao politicamente correto, podemos afirmar que os judeus têm responsabilidade: não creram Nele – ainda hoje não creem – e seus chefes O entregaram à morte de modo desonesto e vergonhoso, pois apresentaram acusações falsas, não conduziram o processo com retidão e forjaram provas. Não há escapatória: os chefes judeus – particularmente o Sumo Sacerdote –, pela responsabilidade que tinham e o cargo que ocupavam, agiram em nome do inteiro povo! Quem levou Jesus à morte? Os judeus!

b) Mas, podemos afirmar também sem receio que os romanos foram responsáveis pela morte do Senhor: somente Pilatos, Governador romano da Judeia, poderia condenar alguém à morte. E ele condenou Jesus, em nome da autoridade romana. Então, o pagão Pilatos e a Roma imperial, pagãos entre pagãos, foram responsáveis pela morte do Salvador. Pilatos sabia que Jesus era inocente, percebeu que Ele era vítima de uma armação do Sinédrio (cf. Mt 26,18) e, no entanto, para estar de bem com César – os judeus o tinham ameaçado: “Se o libertas não és amigo de César!” (Jo 19,12). Pilatos, Procurador romano, representante da autoridade de Roma, com o poder de Roma, condenou um inocente à morte covarde e convenientemente! Quem levou Jesus à morte? Roma, o Império; Roma dos pagãos! Os pagãos levaram Jesus à morte!

c) Mas, quem entregou Jesus aos chefes judeus? Onde começou tudo? Num de nós, num irmão nosso, num discípulo de Jesus: “Um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os sumos sacerdotes e disse: “Que me dareis se eu vos entregar Jesus?” Eis, meu, que mistério: ninguém (judeus, pagãos, cristãos) está isento da morte de Nosso Senhor: um cristão entregou Jesus, um cristão traiu Jesus, um cristão levou o nosso Mestre e Senhor à morte!

d) Ele foi entregue por todos e por todos Se entregou livremente! Os judeus não creram Nele, os romanos não O conheciam, mas Judas, mas nós, nós O conhecemos, nós sabemos quem Ele é... E, no entanto, entregamo-Lo, vendemo-Lo pelo preço de um escravo! Cumpriu-se tristemente a Escritura: “E eles pesaram o meu salário; trinta moedas de prata. E o Senhor me disse: ‘Lança-o ao fundidor, esse preço esplêndido com que fui avaliado por eles!’” (Zc 11,12s) – Senhor, tem piedade de nós!

e) Pense agora nas suas culpas, nas suas traições, nas suas ingratidões, nas suas negações em relação ao Senhor! Não! Não somos bonzinhos, não somos inocentes! Boas intenções nós temos, desejo de sermos generosos, nós temos, mas quanta incoerência, quanta fraqueza, quão quebradiço é o nosso coração! – Senhor, tem piedade de nós!

f) Agora, pensando no Senhor reze o Salmo 40/41

2. Retome a lectio divina: leia Mt 26,17-29

a) Segundo os sinóticos, a Ceia de Jesus foi a ceia pascal judaica. O sentido é profundo: a Páscoa ☺ (Passagem) de Jesus deste mundo para o Pai (cf. Jo 13,1) deu-se no quadro da Páscoa dos judeus: “O Meu tempo está próximo, vou celebrar a ceia pascal em tua casa, junto com Meus discípulos”.

Meu caro Amigo, irmão meu na fé e no seguimento de Jesus Nosso Senhor, esta palavra do Salvador vale ainda hoje para nós. Ele deseja celebrar a Sua Páscoa conosco – “junto com Meus discípulos” -, Ele mesmo afirma: “Desejei ardentemente comer convosco esta ceia pascal antes de padecer” (Lc 22,13).

Reze. Repita estas palavras do Senhor algumas vezes, até que você O escute falando ao seu coração! Você é discípulo Dele! Ele o espera! Ele deseja comer com você esta Páscoa deste ano da graça! Que nossa Páscoa deste ano não seja simplesmente um rito fechado em si mesmo, mas um rito rico da nossa própria vida, que desague na nossa própria existência!

b) Chega o cair da tarde, brilham as três primeiras estrelas no céu: começa um novo dia para os judeus; é o dia da Festa pascal, a Festa dos Ázimos. Jesus reclina-Se à mesa com Seus discípulos, com nossos

irmãos de fé, aqueles que depois nos pregaram o Evangelho... E Sua palavra corta o coração, confunde-nos, envergonha-nos ainda hoje: “Um de vós vai Me entregar!”

Como já disse acima: não foi um pagão ou um judeu incrédulo; foi um dos nossos irmãos, um dos Doze que Jesus escolheu pessoalmente, chamando-os pelo nome. Aquele que O entregou serviu-se com Ele do mesmo prato, comeu à mesma mesa... E pensando bem, nestes dois mil anos de história, quantas vezes o Senhor não teve de repetir: “Um de vós vai Me entregar!” E talvez já tenha repetido isto a meu respeito... Piedade, Senhor, piedade de mim, pecador! Eu, que tantas vezes como à Tua Mesa, no altar da Tua Eucaristia, e Te entrego, Te renego, Te traio... – Senhor, tem piedade de mim! Senhor, tem piedade de nós!

c) É impressionante a gravidade, a seriedade do pecado de Judas: “Ai daquele por quem o Filho do Homem for entregue! Melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido!” Palavras misteriosíssimas, que revelam a gravidade do pecado!

Hoje, quando temos a tendência de minimizar o pecado e jogar levianamente tudo na conta de misericórdia de Deus, deveríamos ponderar seriamente sobre esta palavra! Por um lado, essa traição miserável serve ao desígnio de Deus: “O Filho do Homem Se vai, conforme está escrito a Seu respeito”; mas nem por isso o ato de Judas é desculpado ou apresentado como menos grave! Temos aqui o misterioso encontro entre a providência de Deus e a liberdade humana! Nunca compreenderemos! Mas, uma coisa precisa ficar clara: somos livres e nossos atos são responsabilidade nossa!

d) Depois, o dom da Eucaristia: o Corpo imolado, o Sangue derramado! A Eucaristia, memorial do sacrifício do Senhor presente de modo perene na Sua Igreja. Nunca esqueçamos: a Eucaristia é um sacrifício na forma de banquete. A Missa não é uma festa, a Missa não é primeiramente uma ceia, a Missa não é uma celebração dos feitos e das vivências nossas! Nada disso! Tudo isto é falsete teológico em estado puro, sem fundamento algum na Escritura ou na Tradição da Igreja! A Missa é tão somente o memorial da sacrifício salvífico de Cristo (“Meu corpo dado, Meu sangue derramado” – Lc 22,19-20) tornado presente entre nós na forma de ceia, de banquete sacrificial e escatológico. Não é festa nossa, é primeiramente ação do Senhor que Se oferta ao Pai por nós e pelo Pai nos é dado em comunhão. A santa Missa é ação nossa enquanto somos membros da Igreja, corpo e esposa do Cordeiro que, em cada Missa, é ao mesmo tempo Sacerdote que oferta, Vítima oferecida, e Altar no qual o sacrifício é consumado! Ainda pertence à essência da Eucaristia, sacrifício em forma de banquete, ser já antecipação real e efetiva do Banquete final, no Reino dos Céus: “Eu vos digo: de hoje em diante não beberei deste fruto da videira, até o dia em que, convosco, beberei o vinho novo no Reino do Meu Pai!”

e) Retome as palavras da Oração Eucarística III e a reze, interiorizando-as! Reze também o Salmo 3, emprestando a sua voz e o seu coração ao Senhor Jesus!

Meditação XXXI

Reze o Salmo 119/118,58-63

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 26,30-35

1. “Depois de cantarem o salmo, saíram para o Monte das Oliveiras”... Na verdade, trata-se não de um salmo só, mas do conjunto de salmos chamado Hallel ☺ (louvor; daí vem o termo Halleluiah = louvai o Senhor), que se cantava nas grandes festas e, especialmente, ao fim da ceia pascal judaica. São os salmos 112/113 – 117/118. Vale a pena rezar esses salmos, para colocar-se em sintonia com os sentimentos do Senhor: a Páscoa de Israel, povo que saíra do Egito atravessando o tremendo Mar para entrar na Terra Prometida é a moldura para a Páscoa do Senhor nosso, que saiu da kénosis, do abaixamento em que Se encontrava neste mundo, atravessando o tremendo Mar da morte, para entrar na Terra Prometida da Glória do Pai...

Reze, então, os Salmos do Hallel.

2. Segundo Mateus, é no Monte das Oliveiras que Jesus faz a dramática revelação: naquela noite, naquela escuridão, naquela hora do poder das Trevas (cf. Lc 22,53): “Esta noite, todos vós vos escandalizareis e Meu respeito!” Veja, meu Amigo: esta frase diz respeito aos discípulos, a mim, a você, aos cristãos: Naquela noite de provação, naquela noite em que o Senhor foi traído, vilipendiado, tornado presa de Seus inimigos, naquela noite em que Ele apareceu homem fraco, abandonado por Deus, os Seus discípulos tropeçaram ☺ (escandalizaram-se) por causa Dele...

a) Que vergonha para nós! Quantas vezes, nas trevas, naquelas situações e acontecimentos que nos machucam e que não compreendemos, temos a tentação de nos escandalizar com o Senhor, de desconfiar do Seu amor, da Sua providência e até mesmo da Sua existência...

b) Quando o agir do Senhor não cabe na nossa lógica, duvidamos; quando o modo de o Senhor dirigir o mundo supera nosso entendimento, nos revoltamos; quando os acontecimentos do mundo não se enquadram nas nossas expectativas, nos decepcionamos com o Altíssimo!

c) Quem pode caminhar com o Senhor Deus? Quem pode abandonar-se à lógica de Deus? Quem pode repousar nos desígnios do Senhor? Aquele que tem um coração de pobre, aquele que tem um coração de criança... Jesus é o pobre, manso e humilde de Coração; Jesus é a criança que Se volta ao Santo de Israel com um só apelativo: Abbá! Papai!

– Senhor Jesus, Pobre de Deus, Filho inocente, por misericórdia, faze que nas noites da vida eu não me escandalize por Tua causa e não Te renegue! Perdoa, Senhor, pela fraqueza de nossa fé, pela debilidade do nosso amor! Kyrie, eleison!

d) É impressionante como os discípulos não se conhecem: presunçosamente, garantem que não se escandalizarão por causa de Jesus: “‘Ainda que eu tenha de morrer Contigo, não Te negarei!’ E todos disseram a mesma coisa!” Ah, que o nosso amor é tão fugaz quanto a névoa da manhã: logo se desfaz (cf. Os 6,4): prometemos tanto ao Senhor e tão rapidamente é o que esquecemos o que prometemos! Quantos propósitos feitos na oração e desfeitos logo depois, ante a dureza da vida e as contradições da existência! Pobre Pedro, que não se conhece; pobres discípulos, pobres nós! Ao invés de confiar presunçosamente nas nossas próprias forças, deveríamos – nós e Pedro – confiar na oração do Senhor, que vela por nós: “Eu orei por ti para que a tua fé não desfaleça!” (Lc 22,32).

e) Unido a Cristo, vigiando com Cristo, vigiemos! Rezemos o Salmo 4.

3. Agora leia piedosamente, escutando de todo o coração a Palavra do Senhor: Mt 26,36-46.

4. Terminada a Ceia, Jesus dirige-Se ao Monte das Oliveiras. Já está tudo decidido: ao entregar-Se no Seu corpo e sangue na Eucaristia, Ele selou Sua sorte: o que fez naquela Ceia derradeira terá de fazer na carne de Sua vida: entregar-Se e Seu corpo será suspenso na cruz, alquebrado pela flagelação e a dor, Seu sangue, sinal da Sua vida, será derramado até a morte, para a remissão dos pecados do mundo...

No Monte das Oliveiras, do lado do Monte que fica de frente para Jerusalém, Jesus entra num pequeno jardim de oliveiras, chamado de Getsêmani, ou seja, “lagar de azeite”. Provavelmente ali existiria uma prensa para fabricar óleo... o óleo da unção, do Messias... o óleo, símbolo do Espírito do Senhor Deus! Lugar muito significativo para a agonia do Ungido de Deus, do Rei de Israel, do Salvador da humanidade!

Reze o Salmo 89/88.

5. A tremenda realidade que o Senhor tinha pela frente não era uma brincadeira, um faz-de-conta: Ele, Deus verdadeiro e perfeito, Pessoa divina, realmente assumiu a natureza humana, sendo homem verdadeiro. Agora sentia todo o pavor que a morte nos causa – e mais ainda Nele, pois essa morte tem o trágico do pecado do mundo, é uma morte obscura, que envolve traição, trama, maldade, violência, desprezo, ignomínia! Toda a natureza humana de Jesus nosso Senhor rebela-se contra a possibilidade de morrer. Faz parte de nossa natureza, pois fomos criados para a vida, não para a morte! O instinto de sobrevivência do Senhor era igual ao nosso: Seu corpo, Seus reflexos, Sua vontade humana, tudo reage à ideia de morte, e morte violenta... Ele procura refúgio no regaço do Pai: procura-O na oração! Que exemplo para nós! Ele, o Filho de Deus precisou rezar procurando conformar Sua vontade humana àquela do Pai! Pense nisso, meu Amigo, e seja assíduo e fiel à oração, se realmente quiser viver na vontade de Deus! Sem a oração, só vemos a nossa vontade e, pior ainda, a confundimos com a santa vontade de Deus... Quem não reza é ateu, pois, na prática, vive como se Deus não existisse!

Reze o Salmo 31/30.

6. Como é comovente: Jesus, abatido, precisa do apoio dos discípulos. Escolhe para permanecer com Ele na agonia os mesmos três que escolhera para ver Sua Glória no Tabor. Na verdade, a glória do Tabor era uma preparação para a agonia do Getsêmani. E Jesus cai numa profunda depressão: “Começou a ficar triste e angustiado”, a ponto de desabafar, pedindo socorro: “Sinto uma tristeza mortal! Ficai aqui e vigiai comigo!” – Vigiamos Contigo, Senhor, quando nas horas de escuridão nossas ou da Tua Igreja, mantemos a fé e a união Contigo, quando não nos acovardamos, quando não esfriamos no nosso ardor e na nossa adesão a Ti e à Tua santa Esposa. Vigiamos Contigo quando nos mantemos fieis nos combates da vida. Ajuda-nos a não esmorecer, a não dormir no pecado, na frieza e no descaso! Dá-nos a graça de escutar, um dia, aquele Teu elogio agradecido: “Vós sois aqueles que permaneceram Comigo em minhas provações” (Lc 22,28)!

7. E o Senhor cai por terra, prostrado em dor e agonia: “Meu Pai, Pai querido, que sempre estás comigo! Se este cálice puder passar de mim!” Jesus sabe que o Pai o ama, que o Pai é todo carinho; mas, agora, quanta angústia: Seu coração, Seus sentimentos parecem frios, entorpecidos pela angústia. Jesus não sente o calor do carinho do Pai: está unido a Ele, sabe que Ele é fidelíssimo, que

Ele é todo amor e, no entanto, Sua sensibilidade, todas as Suas potências humanas, encontram-se em profunda treva. Mas, Ele Se abandona, Ele confia, Ele Se entrega: “Não seja feito como Eu quero, não seja feita Minha vontade tão humana, mas como Tu, Meu Pai amado, como Tu queres!”

8. E quando volta, numa pausa da oração, para procurar apoio nos discípulos prediletos, que decepção: encontra-os dormindo! Caro Amigo, em toda a Sua vida Jesus foi tão sozinho! Seu caminho foi de uma profunda solidão existencial diante do Pai! E agora experimenta isto de modo tão tristemente doloroso: “Não fostes capazes de ficar vigiando uma só hora Comigo?” A pergunta é a Pedro, àquele que é o cabeça dos Doze, o que deve confirmar os irmãos na fé, na vigilância, na fidelidade, enquanto a Igreja nascida do lado do Salvador perdurar neste mundo. E o conselho – um conselho do qual o próprio Jesus é exemplo: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação! Se não vigiardes, não compreendereis o desígnio do Pai quando vierem as trevas e as lutas da vida! Se não vigiardes, perdereis a fé, errareis o caminho, compreendereis de modo errado, sentireis como o mundo sente e não segundo o coração do Pai! Vigiai e orai: o espírito está pronto, vossa vontade é reta, mas a carne, a natureza humana, é frágil!”

9. É interessante como o Pai vai convencendo Jesus na oração. Primeiro Ele pediu: “Se possível, que este cálice passe de Mim...” Agora pede: “Se este cálice não pode passar...” Na oração, Ele vai compreendendo: o Pai escuta, o Pai sustenta, mas Sua vontade deve ser realizada. E Jesus vai aceitando, fazendo-Se cada vez mais dócil! Jesus reza, Jesus vai aprendendo a obedecer entre gemidos e lágrimas (cf. Hb 5,7-8). Enquanto isso, os discípulos dormem, distantes, indiferentes à dor do Salvador...

– Perdoa-me, Senhor, porque muita vez sou assim também: tão distante do Teu sentimento, tão sem compromisso com Tuas dores, Tuas perseguições, Teus padecimentos! Dá-me a graça de ter em mim os mesmos sentimentos Teus (cf. Fl 2,5).

10. Pronto! “Chegou a hora!” Jesus está pronto, curtido pela dor, pelo combate, vencido na oração! Agora Ele está totalmente pronto para realizar a vontade do Pai, numa total obediência amorosa, que é a causa da nossa salvação (cf. Hb 5,9). Este é o caminho de Jesus; este é o nosso caminho. Não há outro!

Reze com Jesus, nos sentimentos de Jesus, no Espírito de Jesus, o Salmo 13/12

Meditação XXXII

Reze o Salmo 119/118,64-71

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 26,47-56

1. Agora chega Judas, um dos Doze, um dos nossos, um dos escolhidos pessoalmente por Jesus, chega com a coorte, a guarda do Sinédrio.

a) O que se passou com Judas, para que traísse Jesus? Sim, não há dúvida: ele O traiu, e o Evangelho chama-o claramente de traidor (cf. v. 48). Mas, qual o motivo? Certamente não foi somente dinheiro. Ao que parece, Judas desiluiu-se com Jesus: seu Mestre não era o tipo de messias que ele esperava, que ele desejava. Da desilusão, passou ao cinismo, pois que chegava mesmo a roubar a bolsa comum do grupo (cf. Jo 12,6). Daí para entregar o Mestre, quase como uma vingança, foi um salto. Além de entregá-Lo, vendeu-O!

b) Impressionante, que Jesus tentara livrar Judas desta hora tão trágica! Leia Jo 6,60-67. Depois do anúncio de que daria Sua carne como alimento, muitos deixaram de seguir Jesus. O Senhor, então, afirmou a todos – certamente para que Judas escutasse: “Alguns de vós, porém, não creem!” O Evangelho diz, logo em seguida, que Jesus sabia quais os que não criam e quem O entregaria (cf. v. 64). Ele estava falando para Judas! Sabia que Judas já não mais O amava, já não mais o seguia com o coração; estava ali somente de corpo... O Senhor, então, de modo sutil, interpela Judas: “Não quereis também vós partir?” (v. 67). Era a chance para que o Iscariotes fosse embora: ele já não cria! Jesus aperta: “Não vos escolhi Eu aos Doze? No entanto, um de vós é um diabo!” Falava de Judas... Este, um dos Doze, o haveria de entregar!” (vv.70s) Judas não se foi, permaneceu mesmo sem fé; foi cínico, foi fraco, não teve coragem de ser coerente e ir embora... Terminou por entregar o Senhor à morte...

Há tantos cristãos assim: ficam sem crer mais em nada; persistem, mas frios, sem amor ao Senhor... E, de um modo ou de outro, terminam por matá-Lo, levando tantos ao tropeço. “Melhor seria não ter nascido!” (Mt 26,24).

Nunca esqueça: não pode ser discípulo quem de verdade não ama o Senhor, quem a Ele não entrega o seu coração e a sua vida! Judas já não tinha mais amor ao seu Mestre, já não comungava com os Seus pensamentos! Ele queria um Messias do seu modo e Jesus não cabia na sua lógica! Judas não estava disposto a converter-se: queria que Jesus se convertesse a ele, à sua lógica. E eu? E você?

c) O coração humano, o meu, o seu, meu Amigo! Como diz o Profeta Jeremias: “O coração é o que há de mais enganador, e não há remédio. Quem pode entendê-lo? Eu, o Senhor, examino o coração e experimento os rins, retribuo a cada um conforme caminhou, conforme o fruto de suas ações!” (Jr 17,9-10). E Judas exprime bem o seu cinismo, sua cegueira, seu descaso para com o antigo Mestre, pois, de modo despudorado, escolhe como sinal da traição um beijo! Bem que João afirma que Satanás entrara nele (cf. Jo 13,27). Que significa isto? Ele estava totalmente cego, totalmente dominado por seus pensamentos perversos e esta será sempre uma das portas pela qual o diabo invade a vida de alguém...

d) Observe como ele trata Jesus: não o chama Senhor. Nem na ceia! Tanto lá como agora, trata-o por Rabi-Mestre (cf. vv. 25.49). E Jesus o chama amigo, até o fim! “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos!” (Jo 15,13). Amigo! – é assim que Jesus chama Judas. Certamente por ele o Senhor também deu a vida!

2. Fortalecido pela oração, o Senhor irá até o fim para fazer a vontade do Pai. Repreende o discípulo que desembainhou a espada. A lógica da força, da imposição, da violência não é e nunca será a lógica do Senhor: quem vive pela espada morre pela espada! A lógica do Senhor é uma outra: Ele vê e avalia

segundo o Coração do Pai e sabe que está fazendo a Sua santa vontade. Nele, homem atribulado, as Escrituras estão se cumprindo, o misterioso desígnio do Pai está se realizando.

Qual a sua lógica: a do Senhor ou a sua própria; a do Senhor ou a do mundo? Sem a oração, sem a escuta da Palavra do Senhor, sem a força dos sacramentos, jamais abraçaremos a lógica do Senhor!

3. Finalmente, a nossa vergonha, de uma fé de muito sentimento e muitas palavras, mas frágil e de pouca decisão e conversão de vida: “Então, todos os discípulos o abandonaram e fugiram!” Todos, sem exceção: Pedro, o chefe que prometeu ir com o Mestre até a morte, João, o discípulo amado, eu, você... Todos!

– Senhor, perdoa-nos pelas covardias, perdoa porque tantas vezes quisemos salvar nossa vida deixando-Te a Ti, a fonte da Vida, a Vida da nossa vida! Recorda-nos, ó Cristo, que se morrermos Contigo, Contigo viveremos; se resistirmos Contigo, Contigo reinaremos (cf. 2Tm 2,11-12).

Pensemos bem: sem a vigilância, sem a mortificação, sem uma vida de oração, na hora da prova, fugiremos todos: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca!” (Mt 26,41). Leia Lc 21,34-36.

4. Reze o Salmo 17/16, fazendo seus os sentimentos do Senhor Jesus. Reze também o Salmo 25/24.

5. <https://youtu.be/ADddOll67dE>

Meditação XXXIII

Reze o Salmo 119/118,72-79

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 26,57-68

1. Inicia-se o processo de julgamento de Jesus. Na verdade não se pode considerar este como um julgamento propriamente dito, pois contrariava as normas que o Sinédrio deveria seguir, como, por

exemplo, a proibição de realizar um julgamento à noite. Aqui, foi mais realizado uma investigação informal, certamente com o intuito de encontrar em Jesus elementos que pudessem alicerçar uma acusação diante do Governador romano visando uma condenação à morte. Na raiz do julgamento de Jesus há, já, um pré-julgamento: Ele deve morrer porque é um perigo seja para a religião judaica seja para a ordem estabelecida que, uma vez tumultuada, poderia levar os romanos a uma reação violenta contra o povo judeu e contra os seus líderes, sobretudo os sacerdotes, que eram saduceus, e os anciãos do povo, a elite judaica. Leia a discussão entre os membros do Sinédrio em Jo 11,45-54. Os homens vão propondo e o Senhor Deus vai dispondo! Ele sabe admiravelmente tirar o bem do mal, Ele sabe escrever certo os Seus desígnios nas linhas tortuosas da nossa existência. Quem reza, percebe isto, quem crê, compreende isto! E você?

2. Jesus é levado a José Caifás, sumo sacerdote e genro do cacique político-religioso de Jerusalém, Anás. Observe, prezado Amigo, como Pedro segue Jesus: de longe, como o discípulo covarde, frio, descomprometido, que não tem a coragem de realmente envolver-se com o seu Senhor, deixando que a própria vida seja unida à vida do Salvador.

a) É uma questão séria para todos nós: Como seguimos Jesus? De perto, deixando que Ele realmente entre e transforme a nossa existência ou, ao invés, de longe, como um cristão frio, que não muda quase nada no seu modo de viver, de maneira que o Evangelho pouco ou nada incide sobre nossa vida? Muitos querem ser cristãos sem conversão, sem renúncia, sem abertura real de coração e de existência para o Senhor. Trata-se de um cristianismo “moderno”, sem esforço, sem ter a Cristo por centro: o centro é o homem ou, melhor ainda, sou eu mesmo, com minha vida, meus interesses, minha subjetividade, minhas medidas (cf. Fl 3,18s)... Só tem um problema: esse cristianismo tão agradável e mundano é pagão, completamente pagão, é falso, inócua e não leva a Jesus, mas somente à perdição! O verdadeiro cristão é sempre discípulo: vai sempre atrás, em seguimento, Daquele que é o único Mestre, o único Guia (cf. Mt 23,8-10) e nos diz: “Convertei-vos e crede no Evangelho!” (Mc 1,14s) A propósito: qual é mesmo o seu cristianismo: o de Cristo ou o do mundo? Lembre-se: o do mundo é aquele, feito sob medida, a sua medida, que não serve para nada, a não ser para enganar, com um falso alívio da consciência adormecida no pecado...

b) É interessante como São Mateus usa palavras que mostram o papel do discípulo descomprometido: Pedro “entrou, e sentou-se... para ver como terminaria tudo aquilo”. Um discípulo que parece mais um espectador que alguém realmente comprometido com Jesus... Quantas vezes é esta a nossa atitude naquilo que diz respeito a Cristo e à Sua Igreja... Espectador, vendo a banda passar... Pedro, nesta noite, sou eu, é você, muitas vezes... E o resultado é sempre trágico!

3. No Sinédrio, discute-se, procurando uma acusação que fosse sólida o bastante para levar Jesus à morte, mas não encontram... Aparece uma, meio confusa: Jesus ameaçara destruir o Templo. Certamente é uma deturpação e uma extrapolação do fato de Jesus ter expulsado os vendedores do Templo e do fato de Ele afirmar que chegaria o tempo de um novo culto, que já não mais teria como centro o Templo de Jerusalém: aquele Templo passaria (é preciso alguém avisar ao pessoal do “Templo de Salomão” de São Paulo!). Era claro que Jesus falara em figuras... Mas, por maldade, tomam o que Ele afirmou à letra... É a velha e medonha tática: deturpar as palavras e intenções de alguém para poder acusá-lo!

4. O silêncio de Jesus, tantas vezes sublinhado pelos evangelistas, revela a atitude do Servo Sofredor, que não abriu a boca: “Oprimido, Ele Se rebaixou, nem abriu a boca! Como cordeiro levado ao matadouro ou ovelha diante do tosquiador, Ele ficou calado, sem abrir a boca” (Is 53,7).

a) Este impressionante silêncio revela Sua total entrega ao Pai, Sua confiante obediência, sabendo que o Pai é o Seu defensor e que aquilo que agora estava acontecendo fazia parte do misterioso desígnio do Pai: “E Eu, como surdo, não escuto, como o mudo que não abre a boca. Sou como homem que não ouve e não tem uma réplica na boca. É por Ti, Senhor, que Eu espero! És Tu Quem Me responderá, Senhor Meu Deus!” (Sl 38/37,14-16). Feliz aquele que sabe calar o coração diante dos homens para derramá-lo diante do Eterno, pois Ele ouve a oração! Hoje, em tempos de muita conversa, muita internet, muitos desabafos, vamos desaprendendo a calar o coração, vamos desaprendendo a derramar nosso íntimo diante do Senhor. Reze o Salmo 4, unindo-se a Jesus, o Orante.

b) Depois da oração angustiada no Horto, Jesus sabe, agora, qual a vontade do Pai, e está disposto a cumpri-la até o fim! É assim: quando rezamos, quando colocamos de verdade nas mãos de Deus tudo quanto nos diz respeito, vamos percebendo a presença do Senhor Deus na nossa vida e, com serena liberdade interior, vamos enfrentando as situações da existência. Jesus havia pedido ao Pai que afastasse o cálice. Entregou ao Pai a decisão final... Agora sabe qual a resposta do Pai: Ele deverá beber Seu cálice até o fim. E o fará em amorosa obediência! Reze o Salmo 26/25.

5. Finalmente, o Sumo Sacerdote, chefe máximo da Comunidade dos filhos de Israel, O interroga de modo solene, oficial: “Eu Te conjuro pelo Deus vivo: dize-nos se Tu és o Cristo, o Filho de Deus!”

a) É preciso ter consciência da solenidade deste momento: a máxima autoridade religiosa e política judaica, o Sumo Sacerdote, em nome do Sinédrio e de todo o Israel intima Jesus de Nazaré a dizer se Ele é o Messias prometido por Deus, anunciado pelos profetas e esperado por Israel. É Ele aquele que cumpriria todas as promessas do Eterno, toda a esperança milenar do povo eleito?

b) Jesus responde de modo surpreendente, absolutamente inesperado: Ele é o Cristo, o Messias, como Caifás acabara de afirmar! Mas, Jesus vai além e faz uma afirmação inusitada, que revolta o Sinédrio: “Além disso, Eu vos digo que de agora em diante vereis o Filho do Homem sentado à Direita do Todo-Poderoso, vindo nas nuvens do Céu!” É impressionante: Ele afirma não só ser o Messias esperado, mas também o Filho do Homem que aparece na profecia de Daniel (cf. Dn 7,13), um ser misterioso e celeste, que vem de junto de Deus com todo o poder!

c) Note bem, meu Amigo: Jesus nunca dissera antes que era o Messias. Chamava-Se sempre a si de “filho do homem”. Era um apelativo misterioso, pois poderia ter o significado presente em Ezequiel, indicando simplesmente que Ele era homem, mortal, frágil filho de Adão ou, por outro lado, poderia ter o significado de Daniel: aquele ser que vem de Deus, com poder e pertence ao mundo divino (= sobre as nuvens)... Agora, de modo oficial, diante do Sumo Sacerdote, Jesus Se declara Messias e Filho do Homem, Messias-Filho do Homem glorioso, como Daniel profetizou, mas também pobre e frágil filho de Adão, amarrado e vilipendiado, como Ezequiel utilizou o título! Ele é também o Servo Sofredor prenunciado por Isaías.

É realmente impressionante: Nele, as Escrituras se cumprem e, como se fossem vários afluentes, encontram-se todos no mesmo leito fecundo do rio de água viva que é Jesus de Nazaré, Messias Filho do Homem glorioso e humilhado, Servo Sofredor!

6. A resposta de Jesus é tão espetacular, tão surpreendente, tão inesperada, tão clara, tão pretenciosa, tão fora de série, que o Sumo Sacerdote, indignado e furioso, rasga as vestes! Fazia-se isso diante de uma tristeza grande ou de uma blasfêmia. É um modo de demonstrar dor, luto, indignação...

a) Jesus apresentara-Se oficialmente; alegara ser o Messias, o Filho do Homem, ao mesmo tempo glorioso e humilde, o Servo Sofredor. Oficialmente, pela sentença do Sumo Sacerdote e do Sinédrio, Israel O rejeitou e, ainda hoje O rejeita peremptoriamente, sem possibilidade de acordo algum: “Blasfemou! É réu de morte!”

b) A blasfêmia não foi ter dito que era o Messias – isto seria somente impostura de falso profeta. A blasfêmia é por algo muito maior e grave: ter-Se apresentado como Filho do Homem que viria sobre as nuvens! Para o Sinédrio, Jesus não passava de mais um falso messias com ilusões político-messiânicas, apenas mais um agitador político com ideias religiosas exaltadas; um verdadeiro perigo para a ordem religiosa e política estabelecida.

c) Assim, para os judeus, representados pelo Sumo Sacerdote e todo o Sinédrio, Jesus era réu de morte... Só havia um problema: os judeus não podiam executar uma sentença de morte. Roma lhes tinha tirado este poder. Então, era preciso levá-Lo ao Governador romano, Pôncio Pilatos. Mas, atenção: que não se fosse para ele com argumentos religiosos! Pilatos era pagão, romano, e não tinha simpatia alguma pela religião dos judeus – odiava os judeus, dizem os historiadores da época. Era necessário, então, apresentar um crime que convencesse Pilatos...

7. Reze, unindo-se a Jesus, os Salmos 69/68, 70/69 e 71/70.

Meditação XXXIV

Reze o Salmo 119/118,80-87

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 26,69-75

1. Eis o desenrolar da história do discípulo que jurou manter-se fiel ao Senhor até a morte... Confiou nas suas forças, contou apenas consigo mesmo... O Senhor lhe dissera: “Eu orei por ti!” Mas sua presunçosa autoconfiança era grande demais para pensar nisto, para achar que necessitava desesperadamente da oração do Senhor!

– “Eu orei por ti! Orarei sempre, Pedro! Por ti e por Teus sucessores, para que tua fé não desfaleça! E quando caíres, convertido, confirma teus irmãos! Esta será tua missão na Igreja até a consumação dos séculos! Quando mantiveres os olhos fixos em Mim, quando pensares as coisas do Meu Pai, serás Pedra da Igreja. Quando pensares como o mundo, para agradar ao mundo, serás pedra de escândalo, de tropeço. Esta será tua história na Minha Igreja!” (cf. Mt 16,13-23)

2. Pedro acompanhara o Senhor de longe... Mas, quem O acompanha assim, certamente haverá de renegá-Lo na hora decisiva. O único modo de acompanhar realmente o Senhor nosso é de perto, tomando parte na Sua sorte, arriscando-se com Ele, dizendo como Tomé disse, num impulso que depois não se mostrou consistente: “Vamos também nós, para morrermos com Ele!” (Jo 11,16). Quem dera estas palavras, estes pensamentos, esta atitude estivesse na nossa vida!

3. E veio a pergunta, o perigo, quando menos Pedro esperava – como vem para mim e para você, quando menos esperamos -: a ocasião de testemunhar que somos de Jesus, que estamos com Jesus, que temos parte com Ele, mesmo às custas da vida que levamos: “Tu também estavas com Jesus, o galileu! É claro que tu também és um deles, pois o teu modo de falar te denuncia!”

Ah, se pudermos dizer isto de nós: que estamos com Ele, que o nosso modo de falar e de viver é como o Dele! Ah, se isto for verdade! Ah, se não negarmos nada disso, pensando em ser aceitos, em nos dar bem, em conservar certas amizades e certas posições!

Pedro diz: “Não conheço esse homem!” É de dar calafrios!

Mas, e eu, e você, meu Amigo? Quantas vezes, se não com a boca, com a vida, com nosso procedimento, dissemos a mesma coisa? Quantas vezes nossa vida, nossas atitudes não têm nada a ver com esse Homem - o mais belo dentre os filhos dos homens – com esse Salvador bendito?

– Perdão, Senhor, por Pedro, pelos pedros, por mim, pelo mundo! Kyrie, eleison!

Ao menos, Senhor, se caí como Pedro, dá-me a graça do arrependimento sincero e sentido, que me faça chorar amargamente, lágrimas de conversão, de decisão decidida de mudar de atitude e de rumo de vida! Kyrie, eleison! Christe, eleison!

4. Reze o Salmo 31/30.

5. Agora leia, rezando, contemplando; leia o a mente e com o coração, leia escutando Mt 27,1-10

6. A decisão prenunciada no pré-julgamento da noite, foi confirmada de manhã cedo: o Sinédrio, órgão máximo de Israel, condenou Jesus à morte. Mas, como já expliquei antes, Roma tinha retirado dos judeus o poder de executar quem quer seja: “Não nos é permitido matar ninguém” – reclamaram os membros do Sinédrio a Pilatos (cf. Jo 18,31). Era necessário que Pilatos, o Governador, condenasse o Senhor Jesus.

a) Pilatos, que tinha residência em Cesareia Marítima, governou da Judeia de 26 a 36. Ele sentia desprezo pelos judeus e, de modo geral, lhes era hostil. O Governador estava em Jerusalém por causa da Páscoa. Vinha por medida de segurança: trazia reforços de tropas romanas para o caso de qualquer tumulto. Nessa ocasião, ficava instalado na Fortaleza Antônia, que dominava toda esplanada do Templo. Assim, tinha um ótimo controle da situação.

b) É importante também compreender a pressa do Sinédrio em conduzir o julgamento de Jesus: se deixassem para depois da Páscoa, tudo ficaria muito mais difícil: o risco de os discípulos de Jesus provocarem uma rebelião entre Seus admiradores; a própria ausência de Pilatos da Cidade, pois que o Governador estaria novamente em Cesareia. Além disso, Jesus fora preso antes da Páscoa precisamente para prevenir que levantasse qualquer tumulto entre os Seus seguidores... Era assim que funcionava a mente dos sinédritas...

c) Eis, pois Jesus levado a Pilatos. Os judeus entregam um irmão de raça e de fé ao Governador pagão. A acusação não aparece claramente em Mateus, mas é transparente em Lucas, o evangelista que melhor dá conta do processo diante de Pilatos: “Achamos este homem fazendo subversão entre o nosso povo, proibindo pagar os tributos a César e afirmando ser Ele mesmo o Cristo, o Rei”. Note, meu Amigo, que aqui a acusação é estritamente política: Jesus seria inimigo do Império Romano, pois pregara o não pagamento dos impostos a Roma e se declarara rei, no lugar de César! Assim, o Sinédrio deturpa a pregação de Jesus com o objetivo de conseguir Sua acusação perante Pilatos, que jamais o condenaria por motivos religiosos! Os sinédritas judeus passam por cima da verdade, sufocam a própria consciência, buscando unicamente o torpe intento de condenar um inocente!

Você tem procurado iluminar sua consciência com a Palavra de Deus? Você faz regularmente o seu exame de consciência, sempre à luz do que o Senhor lhe pede?

7. A situação de Judas é lamentável. Realmente, “melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido” (Mt 26,24). Meu Amigo, eis aqui um mistério que nos ultrapassa: aquele da consciência e da liberdade humana. Judas fora amado por Jesus; até o fim o Senhor o chamou de amigo... Mas, era tarde demais: o Iscariotes estava decepcionado demais, amargurado demais para deixar-se comover e tocar por qualquer gesto de boa vontade por parte de Jesus!

a) Cuidado, cuidado com os sentimentos que alimentamos em nós, com os pensamentos que cultivamos!

Você recorda de Caim, de cara amuada com ciúmes de Abel (cf. Gn 4,5)? Deus o previne: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? Não é verdade que, se fizeres o bem, andarás de cabeça erguida? E se fizeres o mal, não estará o pecado espreitando-te à porta? A ti vai seu desejo, mas tu deves dominá-lo!” Ou, melhor ainda, na tradução da Bíblia de Jerusalém: “Por que estas irritado e por que teu rosto está abatido? Se estivesses bem disposto, não levantarias a cabeça? Mas se não estás bem disposto não jaz o pecado à porta, como animal acuado que te espreita? Podes acaso dominá-lo?”

b) Compreende a ideia, meu Amigo? Deus previne a Caim para que não alimente pensamentos negativos – no caso aqui a inveja contra Abel; no caso de Judas, a decepção transformada em amargura e raiva contra Jesus. O pensamento negativo alimentado é como uma fera tremenda que se alimenta. Depois, será possível dominá-la? Não! O mau espírito nos cega e nos domina! Observe a reação de Caim depois que Deus o previne: não responde nada a Deus, pois já não dialoga, já está

fechado e cego no seu propósito: “Caim disse a seu irmão Abel: ‘Vamos ao campo!’ Mas, quando estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou” (Gn 4,8).

É a mesma situação de Judas: Jesus chamou-o amigo, Jesus o preveniu quando ele criticou Maria, irmã de Lázaro, com a desculpa de que o dinheiro do nardo jogado nos pés do Senhor deveria ir para os pobres; Jesus foi gentil dando-lhe o pão ensopado no molho... Nada! Pelo contrário: “Depois do bocado, Satanás entrou em Judas” (Jo 13,27). Jesus sabe que Seu discípulo está totalmente cego: “‘O que tens a fazer, faze logo’. Então, depois de receber o bocado, Judas saiu imediatamente. Era noite!” (Jo 13,27b.30). Veja: são palavras tremendas! O coração de Judas era todo treva, como o de Caim, e ele vai ser responsável pelo sangue derramado, sangue mais eloquente que o Abel (cf. Hb 12,24)!

c) O dramático é que depois de ver Jesus condenado e sendo entregue a Pilatos, a cegueira de Judas se desfaz e ele vê o tremendo pecado que cometeu. Mas, atenção: nenhum texto da Escritura o desculpa! Ele é responsável – totalmente responsável pelo que fez! É a mesma situação nossa, quando por cegueira e teimosia pecamos – às vezes gravemente. Depois vem o arrependimento; mas nem por isso o pecado foi menos pecado e menos grave! É impressionante que Mateus insiste em chamar Judas de traidor, mesmo quando narra o seu arrependimento (cf. v. 3).

8. Judas teria saída ainda? Teria perdão? Certamente. Mas, observe que, mais que arrependimento – que é confiança na misericórdia do Senhor -, Judas sente remorso – que é pesar provocado por ver que agiu mal. Assim, se desespera e se suicida... É a mesma tentação de desespero de Caim: “Meu castigo é grande demais para eu poder suportar!” (Gn 4,13). Mas, na miséria de Caim, Deus revela Sua misericórdia e Seu cuidado para com aquele pecador: “‘Se matarem Caim, ele será vingado sete vezes’. O Senhor pôs então um sinal em Caim, para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse” (Gn 4,15). Eis: o Senhor continuou a amar Judas, pois Seu amor é maior que qualquer pecado que possamos cometer! Pedro não negou? Tomé não descreu? Todos não fugiram? Mas, Judas não espera mais no Senhor e tira a própria vida... É tudo quanto sabemos, é tudo quanto podemos afirmar... Sem esquecer as palavras tremendas de Jesus: “Melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido” (Mt 26,24). Não brinquemos com nossa liberdade, não alimentemos o mal ou o cinismo na nossa consciência! Haverá sim um julgamento do Senhor para nós!

9. Depois, o cinismo legalista daqueles sinedritas: não tiveram o menor escrúpulo em forjar acusações truncadas contra Jesus para matá-Lo: mentiram, mataram, entregaram um irmão judeu aos pagãos romanos... Tudo isto era absolutamente contrário à Lei de Deus! E, agora, com requintes de sensibilidade legalista, estão preocupados em não colocar o dinheiro devolvido por Judas no tesouro do Templo, porque foi dinheiro de sangue, de assassinato, foi o preço do Precioso, do Filho amado! Assim, sem saberem e sem quererem, cumprem a profecia de Zc 11,12s e Jr 18,2-3; 19,1-2; 32,6-15. Bem que Jesus havia dito: “Guias cegos! Filtrais o mosquito, mas engolis o camelo!” (Mt 23,24). Vê, meu caro Amigo? Quanto devemos pensar em nós mesmos, meditando nestas coisas! Reze os Salmos 50/49 e 51/50.

Meditação para a Procissão de Ramos - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

“Dizei à filha de Sião: ‘Eis que o teu rei vem a ti, manso e montado num jumento, num jumentinho, num potro de jumenta!’ – Assim, caríssimos irmãos, o nosso Jesus entra hoje em Jerusalém para sofrer Sua paixão e fazer Sua Páscoa deste mundo para o Pai.

Jerusalém é a cidade do Messias; aí deveria manifestar-se o Reino de Deus.

O Senhor Jesus, ao entrar nela de modo solene, realiza a esperança de Israel. Por isso o povo grita: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em Nome do Senhor! Hosana no mais alto dos Céus!” Hoje, com nossos ramos levados em procissão, fazemos solene memória desse acontecimento e proclamamos com nossos cânticos que Jesus é o Messias prometido! Também nós cantaremos daqui a pouco: Hosana ao Filho de Davi!

Mas, atenção! Este Messias não vem como rei potente, num majestoso cavalo de guerra, símbolo de força e poder! Ele vem num burro, usado pelos servos nos seus duros trabalhos. Ele vem como manso e humilde servo! Eis o escândalo que Israel não suporta! Esperava-se um Messias que fosse Rei potente e Deus envia um servo humilde e frágil! Que lógica, a de Deus! E, misteriosamente, Israel não consegue compreendê-la e refutará Jesus!

Mas, e nós, compreendemos de verdade essa lógica?

Hoje, seguir o Cristo em procissão é estar dispostos a aceita-Lo como Messias que tem como trono a cruz e como coroa os espinhos! Segui-Lo pela rua é comprometer-se a segui-Lo pela vida! Caso contrário, nossa liturgia não passará de um teatro vazio...

Vamos com Jesus! Aclamemos Jesus! E quando na vida, a cruz vier, a dor vier, os espinhos vierem, tomemos nas mãos os ramos que levaremos hoje para nossas casas e recordemos que nos comprometemos a seguir o Cristo até a morte e morte de cruz, para chegarmos à Páscoa da Ressurreição!

Meditação para a Missa da Paixão do Senhor - ANO A

+ Pausa no Retiro Quaresmal +

O mistério que hoje estamos celebrando – a Paixão e Morte do Senhor – e vamos celebrar de modo mais pausado e contemplativo nesses dias da Grande Semana, foi resumido de modo admirável na segunda leitura desta Eucaristia: o Filho, sendo Deus, tomou a forma de servo e fez-Se obediente ao Pai por nós até a morte de cruz. E o Pai O exaltou e deu-Lhe um Nome acima de todo nome, para nossa salvação! Eis o mistério! Eis a salvação que nos foi dada!

Mas isso custou ao Senhor! É sempre assim: os ideais são lindos; coloca-los na vida, na carne de nossa existência, requer renúncia, lágrimas, sangue!

O Filho, para nos salvar, teve que aprender como um discípulo, teve que oferecer as costas aos verdugos e o rosto às bofetadas! Que ideal tão alto; que caminho tão baixo! Que ideal tão sublime, que meios tão trágicos!

Foi assim com o nosso Jesus; é assim conosco! É na dor da carne da vida que o Senhor nos convida a participar da sua cruz e caminhar com ele para a ressurreição. Infelizmente, nós, que aqui nos sentamos à mesa com Ele, tantas vezes o deixamos de lado: “Quem vai Me trair é aquele que Comigo põe a mão no prato!” – Eis! É para nós esta palavra! Comemos o Seu Pão ao redor deste Altar sagrado e, no entanto, o abandonamos nas horas de cruz: “Esta noite vós ficareis decepcionados por Minha causa!” – Que pena! Queríamos um Messias fácil, um Messias que nos protegesse contra as intempéries da vida, que fosse bonzinho para o mundo atual. Como seria bom um Messias de acordo com o assassinato de embriões, com o aborto, com a destruição da família, com a ideologia de gênero, com a permissividade sexual, com a libertinagem reinante, com o homem o lugar de Deus, colocado como medida de todas as coisas... Mas, não! Esse Messias prefere morrer a matar, esse Messias exige que O sigamos radicalmente, esse Messias nos convida a receber a mesma rejeição que Ele recebe do mundo: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai Comigo!”

Irmãos, que vos preparais para celebrar estes dias sagrados, não vos acovardeis, não renegueis o nosso Senhor, não O deixeis padecer sozinho, crucificado por um mundo cada vez mais infiel e ateu, um mundo que denigre o Nome de Cristo e de Sua Igreja católica!

Cuidado, irmãos! Não é fácil, não será fácil a luta: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca!” Que nos sustente a força Daquele que por nós Se fez fraco! Que nos socorra a intercessão Daquele que orou por Pedro para que sua fé não desfalecesse! E se, como Pedro cairmos, ao menos, como Pedro, arrependamo-nos e choremos!

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos porque pela Vossa santa cruz remistes o mundo!

Meditação XXXV

Reze o Salmo 119/118,88-95

Como lectio divina, leia com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 27,11-26

1. Agora está Jesus diante da autoridade romana. Observe que o Governador vai direto à questão – e a questão é política, é o interesse de Roma: “Tu és o rei dos judeus?” Esta tinha sido a falsa acusação que o Sinédrio fizera, certamente alegando que Jesus colocava em perigo a ordem pública.

a) De modo geral, os evangelhos dão conta de que Pilatos pretendia libertar Jesus. Por quê? Certamente ao menos por dois motivos: diante do comportamento do Senhor e do Seu manso silêncio, o Governador percebera claramente que Jesus não oferecia perigo algum para Roma; além do mais, percebia o interesse extremo do Sinédrio em arrancar a condenação de Jesus à morte. Ora, Pilatos percebia que o verdadeiro motivo do ódio dos sinedritas a Jesus não era político, mas alguma querela religiosa; coisa que não interessava minimamente ao pagão Pôncio Pilatos...

b) Mateus afirma que o Governador via inveja nos sinedritas (cf. Mt 27,18), talvez porque Jesus conseguia cativar a multidão, como fizera ao entrar em Jerusalém triunfalmente.. Pilatos não simpatizava nem um pouco com os judeus e seus dirigentes e, por isso, procurava libertar Jesus: seria um modo de exercer a justiça romana, não condenando um inocente e, ao mesmo tempo, implicar

com os líderes judeus, por quem Pilatos sentia antipatia e desprezo. Depois, havia ainda alguns fatos misteriosos que, certamente, impressionaram aquele duro romano: a dignidade serena do acusado, seu silêncio, o bilhete de Cláudia Prócula, sua esposa, que o prevenia a não se envolver com Aquele prisioneiro, pois ela havia sonhado com Ele na noite anterior... Os romanos temiam os presságios... (cf. Mt 27,19)

2. E o silêncio de Jesus? Observe que Mateus faz questão de insistir neste detalhe (cf. 26,63; 27,12.14). O motivo é teológico: Jesus é o Servo Sofredor anunciado por Isaías: “Oprimido, Ele Se rebaixou, nem abriu a boca! Como cordeiro levado ao matadouro ou ovelha diante do tosquiador, Ele ficou calado, sem abrir a boca” (Is 53,7).

a) Sim, Jesus não Se defende: sabe que tudo está nas mãos do Pai, tem consciência – Ele rezou no Horto, pediu, e agora sabe, com toda clareza, que o Pai o fará beber o cálice – que será levado à cruz! É assim: quem reza, descobre a vontade do Senhor; quem reza de verdade, se abandona nas mãos do Senhor e, no Senhor, encontra paz, mesmo nos combates da vida! Isto foi o que Jesus nosso Senhor viveu; isto é o que você e eu podemos viver, se rezarmos de verdade, se de verdade buscarmos a vontade do Senhor. Reze o Salmo 39/38

b) Depois, naquele julgamento, quem está realmente preocupado com a verdade? Por isso mesmo, quando Pilatos Lhe pergunta sobre o que seja a verdade, Ele permanece calado. Não deve haver resposta para quem não pergunta com sinceridade, com real seriedade; não se deve responder a quem realmente não procura respostas (cf. Jo 18,38)!

– Senhor, ensina-me a Tua obediência ao Pai, obediência nascida de uma confiança ilimitada, da certeza de que o Pai jamais Te abandonará. Tu mesmo disseste: “Eu não estou só; o Pai está sempre Comigo!” (Jo 16,32) Ajuda-me, Senhor Jesus meu, a nunca perder de vista a amorosa providência do Pai, mesmo nos momentos mais difíceis e cruciais da vida! Que em Ti e por Ti, eu saiba confiar, eu saiba esperar, eu saiba me abandonar nas mãos do Pai do Céu! Kyrie, eleison!

c) Pensando em Jesus, homem de dores, homem da noite escura do silêncio de Deus, homem que toma sobre Si os pecados de todos os homens, reze todo o capítulo 3 das Lamentações.

3. Ante a pergunta de Pilatos – “Tu és o rei dos judeus?” – Jesus responde afirmativamente: “Tu o dizes!”

Mas o Governador vê claramente que Jesus não está falando de um reino em contraposição a Roma. Pilatos, pagão, percebe o que os judeus não quiseram perceber...

a) Pensando em soltar Jesus, Pilatos usa de dois expedientes: (1) usando um costume de mostrar boa vontade aos judeus na sua Festa, soltando um prisioneiro, propõe que se escolha entre Jesus e Barrabás, que era um bandido. Para sua surpresa, a turba presente, certamente orientada pelos sinedritas exaltados, preferia Barrabás a Jesus! (2) Pilatos, então, mandou punir Jesus com duro e tremendo flagelo romano: pensava o Governador que isso talvez acalmasse os judeus.

b) Mateus refere-se a esta flagelação de modo superficial e desajeitado, fora do lugar (cf. Mt 27,26), mas João narra-a de modo muito fiel. Vale a pena ler (cf. Jo 19,1-6a). As duas táticas fracassam! Os líderes judeus querem a morte de Jesus e pronto. E a morte romana não era o apedrejamento, como

mandava a Lei de Moisés, mas a crucifixão, segundo o modo romano... “Seja crucificado!”, gritam os judeus! “Que mal Ele fez?” – pergunta o Governador, querendo uma acusação mais precisa e convincente... Não havia mais nada a acrescentar! Tudo era cegueira, tudo era paixão, tudo era má vontade, tudo era pré-julgamento, tudo era maldade, tudo era pecado, a hora do poder das trevas: “Seja crucificado!” – foi a resposta dos sinedritas e da turba que ali estava...

Pense em Jesus, nos Seus sentimentos, vendo-Se rejeitado pelos líderes do Seu próprio povo, o Povo de Deus, o Povo Amado, o Povo Eleito. Pense no que meditamos sobre o Êxodo... Reze com Jesus as palavras da Liturgia latina na Sexta-feira da Paixão do Senhor:

Que te fiz, Meu Povo eleito?

Dize em que te contristei!

Que mais podia ter feito,

em que foi que Eu te faltei?

Eu te fiz sair do Egito

com maná te alimentei;

preparei-te bela terra,

tu, a cruz para o teu Rei!

Bela vinha Eu te plantara,

tu plantaste a lança em Mim;

águas doces Eu te dava,

foste amargo até o fim!

Flagelei por ti o Egito,

primogênitos matei;

tu porém Me flagelaste,

entregaste o próprio Rei!

Eu te fiz sair do Egito,

afoguei o Faraó;

aos teus sumos sacerdotes

entregaste-Me sem dó!

Eu te abri o mar Vermelho,

tu Me abriste o Coração;
a Pilatos Me levaste,
Eu levei-te pela mão!
Pus maná no teu deserto,
teu ódio Me flagelou;
fiz da pedra correr água,
o teu fel Me saturou!
Cananeus por ti batera,
bateu-Me uma cana à toa;
dei-te cetro e realza,
tu, de espinhos a coroa!
Só na cruz tu Me exaltaste,
quando em tudo te exaltei;
por que à morte Me entregaste?
Em que foi que Eu te faltei?

4. Pilatos percebe os ânimos exaltados. A Terra Santa era um barril de pólvora; as relações entre romanos e judeus eram muito tensas e carregadas de má vontade. Tudo era ocasião para revolta. Pilatos teme. Poderia até mesmo ser denunciado a César como omissor... Covardemente, lava as mãos: “Eu não sou responsável pelo sangue deste homem!”

a) Não, Pilatos! Nunca se é inocente pelas próprias ações! Todas as nossas ações nos formam, nos definem, dizem quem somos, nos constroem! Enquanto o mundo existir, todas as gerações de cristãos recordarão e afirmarão que o Senhor Jesus, o Precioso, o Filho Amado, o Justo e Santo “padeceu sob Pôncio Pilatos”! Num conto de Anatole France, escritor francês, afirma-se que Pilatos, questionado sobre Jesus, respondera simplesmente: “Jesus? Jesus de Nazaré? Não, não me lembro...” É difícil pensar que as coisas tenham andado assim... Certamente Pilatos jamais esqueceria Jesus e aquele julgamento dramático!

b) Não se esqueça: suas ações, meu Amigo, o definem, vão fazendo você! Suas ações e omissões, suas escolhas e atitudes falarão por você no tremendo tribunal do Cristo! Reze, medite, reflita diante do Inocente Rejeitado, do Condenado, com palavras da Liturgia latina do século XIII:

Dia de ira, aquele dia,
será tudo cinza fria:

diz Davi, diz a Sibila.
Que temor será causado,
quando o Juiz tiver chegado,
para tudo examinar!
Correrão todos ao Trono
quando, em meio ao eterno sono,
a trombeta ressoar.
Morte e mundo se espantam,
criaturas se levantam
e ao Juiz responderão.
Vai um Livro ser trazido,
no qual tudo está contido,
onde o mundo está julgado.
Quando Cristo Se sentar,
o escondido vai brilhar,
nada vai ficar impune.
Eu, tão pobre, que farei?
Que patrono chamarei?
Nem o justo está seguro.
Rei tremendo em majestade,
que salvais só por piedade,
me salvai, Fonte de graça.
Recordai, ó bom Jesus,
que por mim fostes à Cruz,
nesse Dia me guardai.
A buscar-me, Vos cansastes,

pela cruz me resgatastes,
tanta dor não seja vã.
Juiz justo no castigo,
sede bom para comigo,
perdoai-me nesse Dia.
Pela culpa, se enrubesce
o meu rosto; ouvi a prece
e poupai-me, justo Deus.
A Maria perdoando
e ao ladrão, na cruz, salvando,
Vós me destes esperança.
Meu pedido não é digno,
mas, Senhor, Vós sois benigno
não me queime o fogo eterno.
No rebanho dai-me abrigo,
arrancai-me do Inimigo,
colocai-me à Vossa destra.
Quando forem os malditos
para o fogo eterno, aflitos,
entre os Vossos acolhei-me.
Dum espírito contrito
escutai, Senhor, o grito:
tomai conta do meu fim.
Lacrimoso aquele Dia,
quando em meio à cinza fria
levantar-se o homem réu.

Libertai-o, Deus do Céu!

Bom Pastor, Jesus piedoso,

dai-lhe prêmio, paz, repouso.

Vós, ó Deus de majestade,

vivo esplendor da Trindade,

entre os eleitos nos contaí. Amém.

5. A réplica dos líderes judeus a Pilatos é tremenda: “Que o sangue Dele recaia sobre nós e nossos filhos!” Em outras palavras: a culpa pelo julgamento desse homem recaia sobre nós e nossos filhos! São palavras de uma gravidade tremenda! Muitíssimas vezes foram usadas para alimentar o ódio contra o povo de Israel.

Mas, não! Não devem jamais, em hipótese alguma ser usadas para tal finalidade miserável!

a) Primeiro porque o povo de Israel continua a ser povo de Deus, amado pelo Senhor (cf. Rm 9 – 11). É verdade que Israel tropeçou em Jesus, o seu Messias tão esperado: “Veio para o que era Seu e os Seus não O receberam!” (Jo 1,11) Não tem politicamente correto que possa apagar o que as Escrituras ensinam! Israel não reconheceu e não reconhece em Jesus de Nazaré o seu Messias! As lendas judaicas sobre Jesus são tremendas e não é o caso de repeti-las aqui! Jesus não coube e não cabe na lógica de Israel! Mesmo alguns grupos minoritários judeus que O reconhecem como Messias, O reconhecem de modo deturpado, um Messias dentro da Lei de Moisés! A rejeição de Israel em relação a Jesus é um mistério tremendo! Leia o que escreve São Paulo aos Romanos! E você, e eu, cuidemos de não rejeitar o Senhor quando Ele não cabe na nossa lógica!

b) Voltando à frase dos chefes judeus: o sangue de Jesus nunca recai sobre alguém como maldição e condenação! Esse sangue bendito cai como perdão, misericórdia e redenção que salva! Esse sangue sacratíssimo é e será sempre motivo de perdão: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!” (Lc 23,34). A oração de Jesus vale muito mais que a auto-imprecação dos judeus!

– Senhor, que o Teu sangue caia sempre sobre cada geração de judeus, de filhos do povo de Israel, povo que escolheste desde os tempos mais antigos!

Que o Teu sangue caia sobre eles e seus filhos, como sangue que lava, que purifica, que perdoa, que torna sagrado e bendito!

Que um dia, no Dia final, Dia que só Tu conheces, também Israel contemple a Ti que foste traspasado e Te proclame Messias, Rei de Israel, Salvador, Filho de Deus!

Senhor Jesus, guarda Israel no Teu Coração, esse povo tão misterioso, que escolheste como primogênito, como raiz santa da Tua Igreja!

Que pelo Teu sangue venha a paz para Israel – o da Antiga Aliança e o da Nova Aliança, que é a Tua Igreja!

Lembra-Te, Senhor, que morreste por essa Nação e por todos os filhos do Pai que estavam dispersos (cf. Jo 11,51-52).

6. Pilatos, então, soltou Barrabás, o malfeitor, o bandido... E entregou Jesus para ser crucificado... O Justo pelo injusto, o Inocente pelo culpado, o Santo pelo pecador, pelos injustos e culpados e pecadores de todos os tempos... Por mim, por você, pelo mundo inteiro...

Reze o Salmo 41/40

Meditação XXXVI

Reze o Salmo 119/118,96-103

Como lectio divina, comece por ler com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 27,27-31

1. Por que estes escárnios contra Jesus? Como já expliquei antes, a flagelação tal como João a descreve tinha, na mente do Governador romano, o preciso objetivo de amolecer o coração dos chefes judeus e da multidão com o intuito de evitar o extremo ato da condenação à morte. Mas, diante do fracasso do plano de Pilatos e agora que nosso Senhor fora condenado à morte, por que esses escárnios? Primeiro: o Senhor agora encontra-se sob o poder romano. São os soldados romanos quem escarnecem. Geralmente, os romanos flagelavam antes de crucificar para minarem a resistência do condenado e, assim, abreviar o tempo da crucifixão, acelerando a morte. Jesus já fora açoitado antes (cf. Mt 27,26). Observe que já não se trata de açoites, mas simplesmente de galhofa, de zombaria: se Ele é rei, então recebe tratamento real: um manto vermelho, certamente tirado do uniforme de algum soldado romano, uma coroa real de espinhos, uma cana por cetro e as saudações zombeteiras... Quanta dor, física, psíquica, moral, espiritual! Tudo, no Coração do nosso Jesus é silêncio e dor! Reze o Salmo 54/53.

2. São Mateus, São Marcos e os primeiros cristãos em geral, viram em toda essa triste sequência o cumprimento do Salmo 22/21. Nos v. 13-14.17, o justo oprimido afirma: “Rodeiam-me touros numerosos, cercam-me touros de Basã. Escancaram contra mim a sua boca como um leão que dilacera e ruge. Um bando de cachorros me rodeia, assalta-me uma corja de marginais”... Reze este Salmo todo, unindo-se ao Senhor!

3. Nunca devemos esquecer esta realidade tão misteriosa: o plano tão belo, tão sublime de Deus a nosso respeito, o Seu desígnio de amor, vida e paz pensado antes da fundação do mundo, passa, de um modo cru, grotesco e escandalizador, pela dor física, pela humilhação moral, pela escuridão espiritual do Filho amado! Compreenda, Amigo: o desígnio do Senhor a nosso respeito concretiza-se na dureza vertiginosa da vida, da minha vida, da sua vida. Como aconteceu na existência humana do Salvador, assim também na nossa!

4. Vamos adiante com nossa leitura piedosa e fiel da Palavra de Deus. Leia agora Mt 27,32-44

5. No caminho para a crucifixão os soldados obrigam um judeu do norte da África, de Cirene, a levar a cruz de Jesus. Por que isso? Pelo estado de debilidade em que Jesus Se encontrava. Não era normal uma flagelação tão severa como aquela do Senhor. Recorde, mais uma vez: Pilatos queria

impressionar a turba; por isso a flagelação fora severa! Jesus deveria agora estar extenuado, no limite de Suas possibilidades: fome, cansaço, derrocada emocional... Não suportaria levar a trave horizontal da cruz até o local da execução da sentença. Por isso os soldados, utilizando uma prerrogativa que a lei romana lhes dava, recrutam um homem do povo para ajudar ao Prisioneiro.

a) Um detalhe belo, impressionante, consolador: Sabemos com relativa certeza que esse judeu de Cirene converteu-se ao cristianismo! Marcos nos indica isso, ao afirmar que ele era o pai de Alexandre e Rufo (cf. Mc 15,21). O modo como o Evangelista refere-se aos dois filhos de Simão dá a entender fortemente que eles eram bem conhecidos da Comunidade cristã: eram cristãos! Que honra, depois para esses filhos! Que honra para esse homem de Cirene, poder testemunhar na Igreja dos primeiros anos que ajudara o Senhor a levar Sua cruz, cruz que remiu o mundo inteiro! Caminhos de Deus! Quando menos esperamos, nas estradas de nossa existência, o Senhor vem ao nosso encontro, e nos apela, e nos interpela! Feliz aquele que não foge Dele!

b) Também eu, também você, podemos ainda hoje ajudar o nosso Jesus a levar Sua cruz... Ele mesmo afirma isto, garante isto! Leia Mt 25,31-46

6. Com a ajuda de Simão, Jesus consegue chegar ao Gólgota, pequena colina próxima à muralha de Jerusalém do século I. Era proibido malfeitores morrerem dentro da cidade! Jesus, o Santo, o Justo, o Inocente, tratado como um malfeitor!

a) Excluído da Cidade Santa dos judeus, morrendo fora dos muros do judaísmo, Jesus será início de uma Nova Aliança, será Pedra Angular de uma nova Jerusalém, aquela celeste, já realmente presente no mundo na Sua Igreja, Seu Novo Israel.

b) De modo comovente, o Autor da carta aos Hebreus nos convida a seguir o nosso bendito Senhor no caminho de Sua humilhação: “Jesus sofreu do lado de fora da porta, para, com Seu sangue, santificar o povo. Vamos, portanto, sair ao Seu encontro, fora do acampamento, carregando a Sua humilhação” (Hb 13,12s). Eis o convite que nos é feito: ir com Jesus, sair da cidade – a cidade aqui é tudo quanto construímos, tudo quanto este mundo constrói, buscando vida, felicidade e segurança... E por quê? “Por que não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da que está para vir!” (Hb 13,14). Nem o judaísmo pode ser nossa cidade nem aquilo que o mundo pode oferecer como critério, certeza e segurança! Nossa esperança encontra-se na Jerusalém celeste, edificada pelo Senhor e renunciada pela Igreja (cf. Gl 4,26).

7. A bebida que deram a Jesus deve ter sido na verdade vinho com mirra (cf. Mc 15,23), que tinha um efeito entorpecente. Mateus fala em fel certamente pensando no Sl 68,22. Em todo caso, Jesus rejeita: quer beber o cálice que o Pai Lhe deu até o fim, em total obediência e disponibilidade! Aqui também há um sentido impressionante: dão a Jesus o vinho azedo, o vinho péssimo. Leia Is 5,1-7. Até o fim, Israel produz frutos azedos para o seu Deus:

“Bela vinha Eu te plantara,

Tu plantaste a lança em Mim!

Águas doces Eu te dava,

Foste amargo até o fim!”

Mas, que fruto eu, você, a Igreja atual está dando a Jesus nosso senhor? A doçura do amor, da inteira dedicação a Ele, do testemunho claro e firme Dele diante do mundo? Quais frutos? De nós, Seus discípulos, Ele espera fidelidade, coragem de testemunhar, coragem de anunciar o Seu Evangelho sem medo nem concessões, coerência, conversão... Pense! Pensemos! Senhor, tem piedade de nós!

8. Depois, as vestes repartidas, o motivo da condenação – aquele, de cunho político, apresentado de modo desonesto diante do tribunal de Pilatos: “Rei dos judeus!” -, os ladrões que zombam Dele (em Mateus não há bom ladrão: os dois zombam), e os insultos dos transeuntes e dos chefes.

a) Observe que os judeus zombam e insultam usando os argumentos apresentados de modo truncado diante do Sinédrio! Vai-se cumprido o Salmo 22/21: Zombam de Mim todos os que Me veem, torcem os lábios e sacodem a cabeça: “Confiou no Senhor, que Ele O salve; que O livre, se é Seu amigo. Eles Me olham e observam, repartem entre si as Minhas roupas, sobre minha túnica tiram a sorte...”

b) Uma atenção especial merece a zombaria dos chefes judeus: “A outros salvou, a Si mesmo não pode salvar!” É verdade: para que fôssemos salvos Jesus teve de fazer-Se obediente até a morte e morte de cruz. Era necessário que o Cristo sofresse! Depois, outra frase, que é uma tentação: “Desça agora da cruz, e acreditaremos Nele!” Tentação de uma demonstração pueril de poder... Mas que iria contra a lógica do Pai, contra a vontade que o Pai revelara no Horto! Quantas vezes caímos neste tipo de tentação! Não se serve ao Reino de Deus a não ser seguindo a lógica de Deus – e esta lógica se revela na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo! Não se serve a Deus negociando com o mundo, não se converte ninguém escondendo a beleza do anúncio de Cristo e as exigências do Seu Evangelho! Não: Cristo não desceu da cruz, Cristo não foi simpático! Foi fiel e obediente ao Pai e Se tornou nosso Salvador, causa da nossa salvação (cf. Hb 5,7-9)!

c) Leia unido ao Senhor, leia no Espírito do Senhor Fl 3,18-21 e 1Cor 2,10-16. Agora reze os Salmos 43/42; 124/123 e 142/141.

Meditação XXXVII

Reze o Salmo 119/118,104-111

Como lectio divina, comece por ler com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 27,45-56

1. Jesus está erguido na cruz e a escuridão cobre “toda a terra”. Inútil procurar uma explicação científica para tal fato... Uma tempestade de areia, um eclipse? É perda de tempo concentrar a atenção neste tipo de questão!

a) Mateus não brinca: exprime plasticamente o que Jesus dissera de modo dramático: “Esta é a vossa hora e o poder das trevas!” (Lc 22,53) e João constata com o modo profundo que lhe é próprio: “Depois de receber o bocado, Judas saiu imediatamente. Era noite” (Jo 13,30). Para o Evangelho, o sol parou de brilhar (cf. Lc 23,44s) e a treva cobriu toda a terra! Não é para menos: a Luz está crucificada, o Sol de justiça está para se apagar! A treva do humano pecado, o poder satânico parecem por um momento levar a melhor!

b) Não se brinca com estas coisas: há um misterioso combate, um duelo estupendo, que nos ultrapassa, entre a Morte e a Vida, o Pecado e a Graça, o poder das trevas e o desígnio onipotente e eterno do Senhor Deus. A criação toda e a humana história, o nosso coração, todas estas realidades são perpassadas por tal duelo... E tal combate impressionante chega ao seu paroxismo na cruz: aqui o Mal mostra toda a sua cruzeza, toda a sua força, toda a sua petulância tremenda; mas aqui também aparece toda a sua fraqueza, a sua destruição definitiva, o seu fim inapelável! Deus triunfou – quis livre e gratuitamente mostrar Sua vitória num amor sem limite, numa caridade sem medidas, numa doação infinita!

Quão grande é nossa treva; quão intensa a luz de Deus! Quão grande a capacidade do homem de negar Deus, até crucificá-Lo e eliminá-Lo; quão grande o amor criativo de Deus, que faz do próprio humano pecado o motivo e o instrumento da maior graça salvífica!

c) Mistério da cruz, cruz misteriosa, que jamais compreenderemos, que nos ultrapassa, nos coloca em crise, nos mostra como em nenhuma outra ocasião a santidade (santo = separado = diferente = incompreensível pela grandeza, pela profundidade do Seu ser e do Seu agir) a santidade desconcertante de Deus!

Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal: Santo no instrumento de maldição, Forte na maior fraqueza, Imortal ao entrar na morte! Mistério, Silêncio, Amor, Adoração, Estupefação, Reverência! Houve treva por toda a terra... Naquela cruz está o Senhor, o Precioso, o Verbo através de quem e para quem tudo foi criado no céu e na terra! Naquela cruz está o Criador, a Vida mesma da qual provém toda vida possível! Crucificado pela humanidade pecadora: pelas guerras, pelas traições, pelas paixões desenfreadas, pelas falsidades e incoerências, pelas injustiças que destroem o corpo e o coração de tantos, pelos massacres da história, por todas as mentiras, demagogias, ingratidões, infidelidades...

Cruz tão dura, tão feia!

Cruz tão suave, tão bela!

Salve cruz, única esperança do mundo!

Salve cruz, única esperança da minha vida, motivo da minha glória, sentido da minha existência, chave que abre todos os mistérios, consolo que alivia toda dor, bálsamo na hora da morte!

Salve, cruz bendita!

Salve, árvore da Vida, antes lacrada por querubins e agora aberta para que todo aquele que crê possa comer do Fruto da Vida, Fruto bendito do bendito ventre da santa Virgem Maria!

Cruz, meu medo e minha coragem, meu pesadelo e meu sonho!

Cruz, minha maturidade, minha liberdade, minha certeza de Vida eterna!

Cruz! Sabedoria de Deus e estultice dos que são sábios a seus próprios olhos!

Cruz, ponte que liga a terra ao Céu, o homem a Deus!

Cruz, que coloca na treva humana a luz do Eterno!

Cruz, em cujas asas podemos voar com o Salvador até o coração do Pai!

2. É tarde de parasceve, de preparação para a páscoa judaica. Os cordeiros pascais estão sendo sacrificados e, na cruz, o Cordeiro está sendo imolado!

Tudo é Treva, tudo será Luz!

Mas somente será Luz passando pela Treva, somente será Vida atravessando o tremendo vale da Morte!

Pela hora nona, o nosso Jesus, o Justo inocente exclama, rezando o Salmo 22/21 e exprimindo toda a escuridão e toda esperança do Seu coração: “Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonastes?” Para compreender o que o Senhor quis exprimir aqui é necessário rezar todo este salmo: aí se vê todo o realismo da dor física e espiritual do Senhor, mas também se vê toda a Sua esperança no Pai, todo o Seu abandono e a serena certeza do Seu triunfo e de que de Sua dor uma multidão seria gerada! Aqui, faça uma pausa. Reze o Salmo 22/21...

3. Confundem “Eli” com “Elias”, talvez pelo vento, que distorce a clareza das palavras, talvez pelo modo cansado e extremamente fraco com que Jesus pronunciou as palavras, talvez pela crença de que Elias era precursor do Messias e o padroeiro dos que estavam em angústia... Oferecem-Lhe vinagre, como um gesto de compaixão... Vinagre de vinho... Vinho avinagrado... Até o fim, a videira querida, Israel, dá ao seu Senhor, ao seu Esposo, vinhas azedas como fruto (cf. Is 5,1ss).

Jesus dá um forte grito, talvez repetindo a invocação do Salmo: “Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?” E entregou o Espírito... Não só o espírito, a alma: entregou ao Pai o Espírito, o Espírito Santo, Espírito de Amor, que é Seu vínculo com o Pai. Não foi Ele quem Se oferecera ao Pai no Espírito eterno (cf. Hb 9,14)? Temos aqui um mistério que jamais compreenderemos neste mundo e, talvez, nem no outro: o Filho, num ato de absoluta pobreza, entrega tudo ao Pai, até entregar o Espírito... Assim, cai na morte, naquela morte dos sem-Deus... Faz-se solidário conosco até o impossível, para nos tirar do fundo abismo da Morte!

– Obrigado, Jesus! Tu morreste como eu, para que na minha morte eu não esteja sozinho, eu possa morrer como Tu, completando na minha carne o que faltou da Tua morte! Obrigado, meu Salvador! Porque morreste como eu, porque morreste da minha morte e na minha morte, nem a morte poderá separar-me de Ti!

4. Depois, o Evangelista, mostra de modo dramático os efeitos da morte do Senhor:

a) O véu do Santuário do Templo rasgou-se de alto a baixo: a Antiga Aliança passou, o antigo sacerdócio perdeu serventia, o homem tem pleno acesso a Deus, pois tem agora um caminho novo, um templo novo para encontrar a Deus: o corpo morto e ressuscitado do Salvador!

b) A terra tremeu com o tremor de parto de um mundo novo, de uma nova criação, restaurada, renovada pela morte e ressurreição Daquele que faz novas todas as coisas.

c) Os túmulos se abriram depois da ressurreição do Crucificado: os justos entraram na Jerusalém celeste e podem ser vistos na luz da fé por aqueles muitos que irão crer.

d) O centurião e os demais soldados, todos pagãos romanos, renunciando a conversão de tantos pagãos, que formarão o Novo Israel, a Igreja, nossa Mãe, testemunham que aquele Malfeitor era o Filho de Deus!

5. Depois, o grupo de discípulas, mulheres fieis que acompanhavam Jesus e ajudavam certamente o Senhor e o grupo dos Doze: Madalena, de quem só sabemos que Jesus lhe expulsara sete demônios e que o Senhor ressuscitado lhe apareceu; Maria, mãe dos irmãos de Jesus, provavelmente esposa de Alfeu também chamado Cléofas e a mãe de Tiago e João, filhos de Zebedeu... As mulheres, que desde o começo de nossa fé cristã, são um exemplo de dedicação, de fidelidade, de coragem, de serviço... Aquelas que compreenderam o amor do Senhor, aquelas que nunca abraçaram a lógica do feminismo tolo e de uma interpretação da Igreja como jugo de poder, mas como serviço de amor. Que estas santas mulheres ao pé da cruz, que todas as santas mulheres da história da Igreja, com Maria, a Mãe de Jesus, intercedam por nós!

6. Reze os Salmos 88/87; 31/30 e 69/68

Meditação XXXVIII

Esta é a segunda meditação que coloco para você hoje, Quarta-feira Santa, no nosso Retiro Quaresmal. Com ela, terminamos de acompanhar a Paixão do Senhor segundo São Mateus.

Coragem! É tempo de oração, de penitência, de vigília, de mais leitura da Palavra de Deus!

Reze o Salmo 119/118,112-119

Como lectio divina, comece por ler com os olhos e os ouvidos do coração primeiro Mt 27,57-61

1. É já o entardecer da sexta-feira para o sábado. Recorde, meu Amigo: para os judeus, era já o descanso sabático e, naquele ano 30, a festa da Páscoa. Naquele ano o dia da Páscoa coincidiu com o Sábado! Portanto, naquele início de noite, eles iriam comer a Páscoa.

Ah, se os judeus soubessem: a Páscoa deles naquele ano teria diante do Senhor Deus de Israel um sentido totalmente novo: era uma páscoa já cumprida, uma páscoa que já nem deveria ser celebrada, pois o Cordeiro pascal já havia sido definitivamente sacrificado: “Cristo, nosso Cordeiro pascal foi imolado!” (1Cor 5,7) Os ázimos, agora, diante de Deus, já não seriam mais aqueles pães, mas o fiel discípulo de Cristo, totalmente renovado pelo sacrifício pascal do Senhor Jesus, Ele mesmo oferecido em sacrifício e recebido em comunhão nos ázimos da Páscoa judaica (cf. 1Cor 5,6-8).

2. Era o início de sábado dos judeus. Os corpos não poderiam de modo algum permanecer na cruz: seria uma profanação do dia santo! Por isso José de Arimateia vai ligeiro a Pilatos pedir o corpo, como alguém da família. E era mesmo da família, pois todo discípulo é membro da nova família do Senhor, como Ele mesmo dissera (cf. Mc 3,33-35).

a) Atenção, aqueles que desejam ideologizar o Evangelho, aqueles que falsificam a Palavra de Deus em nome de torpe sociologia, aqueles que afirmam que os ricos não têm salvação: é um rico, José de Arimateia, quem tem coragem de ir a Pilatos e pedir o corpo do Senhor; é um rico que cede generosamente seu próprio túmulo para que o Senhor seja nele sepultado! Bendito José! Se soubesse

que do seu túmulo brotaria a Vida! Se suspeitasse que ali, naquele cavado rochoso, o Deus que tirara tudo do nada, que chamara Abraão, nosso pai, que abriu o Mar e libertara Israel, iria realizar a maior e mais definitiva de todas as Suas maravilhas: iria ressuscitar o Filho Precioso na potência criadora e vivificante do Seu Espírito! Mas, não sabia! Desse José de Arimateia, nosso irmão bendito, ficou somente essa bela ação na memória da Igreja: ele cedeu seu túmulo ao nosso Salvador! Que Deus o recompense por toda a eternidade, São José de Arimateia! E quanta delicadeza de José: toma o corpo e o envolve num lençol limpo. Esse lençol é o que ficará conhecido como sudário. Na verdade, o nome “sudário” é inadequado. Sudário realmente é um pequeno lenço quadrado para absorver o suor. Segundo o Evangelho de São João, além do lençol, colocaram um sudário no rosto do Senhor (cf. Jo 20,7).

3. Depositam o corpo do Senhor no túmulo. Jesus estava realmente morto: Pilatos autorizara sua retirada da cruz, José de Arimateia colocara o cadáver no túmulo e iria lacrá-lo. Jesus morrera de verdade! O cadáver Daquele que é a própria Vida agora é consumido pela morte... A alma humana Daquele que é a fonte de todo ser vivente agora repousa, inerte e impotente, no sono da morte, na Mansão dos mortos, ali onde toda a humanidade permanece atolada: na situação de morte, de perda da vida que é Deus!

“A morada dos mortos não Te louva,

a morte não vai cantar-Te hinos.

Quem baixa à sepultura não mais espera Tua fidelidade” (Is 39,18).

Eis a triste situação da humanidade ante a morte, eis a situação do nosso Salvador! Só o Pai pode agora pronunciar a última palavra sobre tão grande desastre. O Filho confiou ao Pai a Sua causa, entregou ao Pai o Seu Espírito... O Pai calou-Se naquele Jardim da Quinta-feira, calou-Se na dor tremenda da Sexta... Ainda no Sábado permaneceu silencioso...

– “Ouve, Senhor, a minha voz. Eu clamo, tem piedade de mim! Responde-Me! Meu coração se lembra de Ti: ‘Buscai Minha Face.

Tua Face, Senhor, eu busco.

Não Me escondas Teu Rosto,

não rejeites com ira o Teu servo.

És Meu auxílio, não Me deixes,

não Me abandones, Deus Meu salvador” (Sl 27/26,7-9).

4. E a Madalena, exemplo de discípulo, sempre ali: seguiu Jesus em todo o Seu caminho, perseverou ao pé da cruz e, agora, com a outra Maria, a esposa de Alfeu, mãe dos irmãos de Jesus, observam tudo, sentam-se diante do sepulcro... Elas viram Jesus morrer, viram o lugar onde Seu corpo fora depositado... Elas podem atestar que Ele morreu realmente e podem garantir onde o corpo havia sido colocado... Desde que encontraram Jesus, nunca mais O deixaram... Benditas mulheres! Que roguem por nós!

5. Reze o Salmo 55/54. Deixamos o Evangelho de Mateus com o cadáver de Jesus no túmulo. Nosso Retiro Quaresmal prossegue... Vou lhe apresentar o intenso roteiro de leituras para o Tríduo Pascal! Aproveite!

+ **Última parte** +

Meditação XXXIX

Guia de Leituras para a Semana Santa

Caro Amigo, o nosso Retiro Quaresmal prossegue, no entanto, muda completamente o ritmo a partir desta Quinta-feira, quando entramos no Tríduo Pascal.

A Missa na Ceia do Senhor já não está dentro da Quaresma. Continua, no entanto, a penitência, a oração, a meditação atenta da Palavra de Deus, contemplando o Mistério do Cristo Jesus na Sua Paixão, Morte e Ressurreição. Ofereço-lhe aqui um esquema de leituras da Sagrada Escritura para os dias do Santo Tríduo Pascal, para que você possa estar unido ao Cristo, trazendo no seu coração os mesmos sentimentos do Coração do nosso Salvador.

Para esclarecer: Os números dos salmos entre parênteses são da Vulgata (e da Ave Maria). Os números fora dos parênteses são da Bíblia hebraica (e da Bíblia da CNBB, de Jerusalém e da TEB).

1. Quinta-feira Santa

Neste dia, toda a atenção da Igreja se volta para o Cristo que na Ceia celebrou ritualmente a Páscoa com Seus discípulos: “Desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa antes de sofrer...” (Lc 22,15). Aquilo que o Senhor fizera nos gestos rituais (lavar os pés aos Seus, entregar-Se no pão e no vinho) na Quinta, Ele realizou histórica e existencialmente na Sexta-feira. Recordemos que o Senhor fez Sua despedida no contexto da ceia pascal judaica, na qual os judeus faziam memorial da saída do Egito, libertação do Povo de Israel. Jesus, agora, saíria do mundo, passando (= fazendo a Páscoa) para o Pai, após atravessar o profundo e tenebroso mar da morte. Por tudo isso, para a Quinta-feira são recomendáveis os seguintes textos:

a) Para serem lidos antes da Missa na Ceia do Senhor:

1. Jo 13,1 – 14,31

É a emocionante e solene narração da Ceia segundo João. Procure unir-se aos sentimentos de Cristo; procure entrar no clima de despedida e comoção daquela Ceia derradeira.

2. Sl 113(112) – Sl 118(117)

Estes seis salmos formam o Hallel (= Louvor: Hallelu-Iah: louvai o Senhor), que os judeus cantavam e cantam ao término da sua Ceia pascal. Jesus cantou-os neste dia, recordando tudo quanto Deus fizera pelo Seu povo ao tirá-lo do Egito: “Depois de terem cantado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras” (Mc 14,26). Se não for possível rezar estes salmos antes da Missa na Ceia do Senhor, que eles sejam rezados logo após.

b) Para serem lidos após a Missa na Ceia do Senhor:

(Os tópicos 3 e 4 poderiam ser feitos diante do Santíssimo, no Altar da Reposição, na igreja onde você participou da Missa na Ceia do Senhor).

3. Jo 15,1 – 17,26

Estes discursos de Jesus devem ser lidos após a Missa na Ceia do Senhor e dos Salmos do Hallel. Procure lê-los com o coração, devagar, curtindo, como que em câmara lenta, cada palavra do Senhor que Se entregou. É um discurso de despedida que termina com a Oração Sacerdotal de Jesus. Antes de ser entregue, Ele Se oferece sacerdotalmente por nós e por nós reza ao Pai. Foi assim, entregue, oferecido, imolado, que Ele Se deu, entregou-Se, na Eucaristia e na cruz.

4. Salmos 6, 32(31), 38(37), 51(50), 102(101), 130(129) e 143(142)

Após a Ceia, Jesus entrou numa profunda agonia no Horto das Oliveiras. Seria ótimo terminar o dia com estes sete salmos. São os salmos penitenciais da Igreja. Reze-os por você, pela Igreja e pelo mundo inteiro, pelos quais o Cristo sofreu e Se entregou à morte. Reze-os como se fosse o próprio Cristo rezando pela sua voz. É verdade que Ele não teve nenhum pecado, mas nunca esqueça: Ele assumiu os nossos: "Aquele que não cometeu pecado, Deus O fez pecado por nós, para que Nele nos tornemos justiça de Deus" (2Cor 5,21).

2. Sexta-feira da Paixão do Senhor

Neste santíssimo dia de jejum e abstinência de carne, devemos manter um respeitoso recolhimento, unindo-nos piedosamente Àquele que por nós Se entregou até a morte. Nada de atividades inúteis, nada de músicas profanas, nada de televisão dispersiva, nada de conversas inúteis!

a) Antes da Celebração da Paixão:

Pela manhã, preparando-se para participar à tarde da Solene Ação Litúrgica da Paixão do Senhor, reze o seguinte:

1. Is 42,1-9; 49,1-7; 50,4-10; 52,13 – 53,12

São os quatro cânticos do Servo Sofredor. Eles prenunciam a Paixão e Morte do Senhor e revelam os sentimentos do Seu coração bendito. Esses cânticos devem ser rezados com o “coração na mão”, com toda unção e devoção! Jesus, com toda certeza, durante toda a Sua vida, tinha no coração estes quatro cânticos: eles descrevem a Sua missão como o Pai Lhe deu para cumprir!

2. Salmos 21(22), 31(30) e 69(68)

Destes três salmos, dois (o 21 e o 31) foram citados por Jesus na cruz. Os três revelam os Seus sentimentos, Ele, que tomou sobre Si todos os nossos pecados! Estes salmos devem ser rezados como que emprestando nossa voz ao próprio Cristo, reproduzindo em nós os Seus sentimentos benditos!

Não ligue para o cansaço! Hoje é dia de penitência, dia de vigiar com o Senhor. O melhor modo fazê-lo é com a Palavra de Deus!

b) Após a Celebração da Paixão do Senhor:

3. Salmos 3, 5, 7, 10, 13(12), 17(16), 25(24), 27(26), 28(27), 35(34), 38(37), 42(41), 43(42), 54(53), 55(54), 56(55), 57(56), 59(58), 61(60), 63(64), 70(69), 71(70), 86(85), 88(87), 120(119), 140(139), 141(140), 142(141), 143(142)

Após a celebração da Paixão, ainda na Sexta-feira, procure rezar todos estes salmos. São muitos, mas – insisto! – recorde que este é um dia de penitência e oração! Estes salmos devem ser rezados em união com o Cristo, que assumindo nossos pecados, tomou toda nossa dor, todo nosso medo, toda nossa infidelidade, toda nossa fraqueza e todas as dores do mundo, da humanidade, da história... Se você rezar todos estes salmos, terá a graça imensa de compreender por dentro os sentimentos do Cristo na Sua Paixão e Morte... E irá dormir em paz, como Ele: “Em paz Me deito e logo adormeço, porque só Tu, Senhor, Me fazes viver em segurança” (Sl 4,9).

3. Sábado Santo

Neste dia tremendo, a Igreja permanece em profundo silêncio, unida a Maria no dia mais difícil de sua vida: dia de solidão imensa, de vazio sem fim.... Mas também dia de esperança.

Os mais generosos devem jejuar.

Deve-se manter um respeitoso recolhimento; nada de atividades mundanas e dispersivas!

Hoje, é proibida a comunhão eucarística até mesmo aos doentes. Somente os doentes moribundos, às portas da morte, podem comungar. A Igreja une-se a Cristo na Sua descida aos infernos: Ele entrou de verdade na situação de cadáver, de defunto, de nada... Durante todo o dia, vá distribuindo os seguintes textos:

1. Todo o Livro das Lamentações

Neste livro, o Profeta canta a miséria e a esperança de Jerusalém e a sua própria. É Cristo e a Igreja, quem cantam sua miséria e esperança, bem como a dor e a esperança da humanidade toda e de cada um de nós! Reze as Lamentações durante todo o dia, repartindo-as em cinco partes, de acordo com os capítulos.

2. Salmos 4, 16(15) e 139(138)

Estes três salmos devem ser rezados no Sábado à tardinha ou no início da noite, mas antes da Santa Vigília Pascal. Os três já prenunciam a Ressurreição:

“Em paz Me deito e logo adormeço, porque só Tu, Senhor, Me fazes viver em segurança” (Sl 4,9),

“Bendigo ao Senhor que Me aconselha, e mesmo à noite, Meus rins Me instruem. Meu coração exulta e Minha carne repousa em segurança.. Ensinar-Me-ás o caminho da Vida” (Sl 16/15, 79) e

“Senhor, Tu conheces quando Me deito (na morte) e Me levanto (na ressurreição)... Sobre Mim Tu pões a Tua mão!” (Sl 139/138,2.5).

4. Domingo de Páscoa

Neste Dia santíssimo – o mais sagrado de todos, prenúncio do Dia sem fim, do Dia final – pode-se retomar os oito salmos da Santa Vigília!

a) Durante o dia todo, vá saboreando os textos que narram as aparições do Ressuscitado. Não tente compará-los nem fazer uma sequência histórica dos fatos. É impossível! Aqui, cada texto tem sua mensagem, sua característica própria, sua vibração, seu encanto... São textos para serem curtidos com pura emoção e gratidão, com pura louvação ao Deus fiel, que ressuscitou o seu Filho dentre os mortos, como primícias da ressurreição nossa e do mundo! Leia-os na ordem que eu coloco aqui:

Mt 18,1-20; Lc 24,1-53; Mc 16,1-20; Jo 20,1 – 21,25

b) Durante toda a Oitava de Páscoa devemos nos desejar ardentemente “Feliz Páscoa!” Nossos irmãos orientais saúdam-se assim: “O Irmão Jesus ressuscitou!” e o outro responde: “Ressuscitou verdadeiramente!”

c) A você, caro Amigo, que caminhou nesta Quaresma e Tríduo Pascal com minhas meditações, uma santa e abençoada Páscoa! Se eu pudesse, dar-lhe-ia pessoalmente um abraço!

Neste Dia, por amor do Ressuscitado, perdoemo-nos, deixemos para trás toda mágoa, todo ressentimento; amemo-nos, deixemos os nossos vícios e pecados, renovemos nossa vida e nossas atitudes, sejamos novas criaturas, pois todo aquele que está em Cristo é uma criatura nova; passaram as coisas antigas, tudo se fez novo!” (2Cor 5,17)

d) Para concluir, deixo-lhe estas palavras de lirismo insuperável da Noite Santa de Páscoa da Liturgia bizantina:

Dia da Ressurreição -

resplandeçamos, ó povos!

Páscoa do Senhor! Páscoa!

Cristo Deus nos fez passar

da morte à Vida, da terra ao Céu,

entoando o hino de Sua Vitória!

Purifiquemos os sentidos e veremos

a Luz inacessível da Ressurreição,

a Cristo resplandecente

que diz: Alegrai-vos!

Exultem os céus e a terra.

Exulte o universo inteiro, visível e invisível:

Cristo ressuscitou. Alegria eterna!
Exultem os céus e exulte a terra,
faça festa todo o universo
visível e invisível.
Alegria eterna,
porque Cristo ressuscitou!
Dia da Ressurreição -
resplandeçamos, ó povos:
Cristo ressuscitou dentre os mortos,
ferindo com Sua morte a própria Morte
e dando a Vida aos mortos em seus túmulos.
Ressurgindo do túmulo,
como havia predito
Jesus nos deu a Vida eterna e a grande misericórdia!
Este é o Dia que o Senhor fez:
seja ele nossa alegria e nosso gozo!
Páscoa dulcíssima,
Páscoa do Senhor, Páscoa!
Uma Páscoa santíssima nos amanheceu.
Páscoa! Plenos de gozo,
abracemo-nos todos!
Ó Páscoa, que dissipas toda tristeza!
É o Dia da Ressurreição!
Irradiemos alegria por tal Festa,
abracemo-nos mutuamente
e chamemos de irmãos até àqueles que nos odeiam;

perdoemos-lhes tudo
por causa da Ressurreição,
e gritemos sem cessar dizendo:
Cristo ressuscitou dentre os mortos,
ferindo a Morte com a Sua morte
e dando a Vida aos mortos em seus túmulos! Amém!